HOMENAGEM FELLINI ▪ VINCENT PRICE ▪ RIVER PHOENIX

SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

5633 - Dezembro, 1993 - Ed. 78 - Ano VII - Nº 12 - CR$ 1.100,00

EM BUSCA DO ACERVO IDEAL

O MELHOR DO CINEMA EM SUA CASA

- OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS ELEITOS PELA CRÍTICA MUNDIAL
- AS MELHORES LOCADORAS DO PAÍS
- QUEM É QUEM NO MERCADO NACIONAL

RETROSPECTIVA 93

O ANO DAS MEGABILHETERIAS

SUPER ENTREVISTA

A NOVA SÉRIE DE *GUERRA NAS ESTRELAS* E OUTROS PROJETOS DO BRUXO GEORGE LUCAS

ISSN 0104-1592

Para captar imagem e som...

... A QUALQUER DISTÂNCIA.

SUPER VHS
M9000

MICROFONE ESTÉREO ZOOM
- Na posição "Zoom", o microfone se ajusta automaticamente para atrair o som e as imagens simultaneamente, criando uma atmosfera excepcional.
- No modo "Tele", o microfone capta com clareza os sons de objetos distantes.
- No modo "Wide", a gravação de áudio é de forma estereofônica, complementando o efeito tridimensional de espaço e profundidade.

SUPER VHS
- Resolução horizontal de mais de 400 linhas. Todo o realismo da cena original é captado com detalhes.
- Foco Automático Digital com Inteligência Artificial (AI)
- Zoom digital de velocidade variável 100x
- Congelamento de imagem digital
- Cortina (wipe) digital

VHS
M3000

MAGIC 1 (100X DIGITAL ZOOM)
Graças à tecnologia digital Panasonic, você pode aproximar suas tomadas em até 100 vezes.

MAGIC 2 (1 LUX)
Com este recurso, você obtém imagens claras e nítidas, mesmo gravando em ambientes com baixa luminosidade.

MAGIC 3 (DIGITAL MIX)
Esta função permite a mixagem entre imagens congeladas memorizadas e imagens em movimento.

- Digital tracer (efeito rastro)
- Cortina (wipe) digital
- Auto gravação temporizada
- Lente grande angular

Produtos Importados
À venda na Zona Franca de Manaus

Panasonic
Antecipa o futuro

PROGRAMA

Foi um ano e tanto, heim? No cinema: filmes excepcionais, para todos os gostos – da magia "infanto-juvenil" de *Jurassic Park* e *Aladdin* à poesia "adulta" de *O Piano* e *Adeus Minha Concubina*. Um ano em que Hollywood arrebentou a boca da bilheteria pela simples qualidade de suas produções. No vídeo: um considerável lote de clássicos, atendendo também a todos os paladares, culminando com surpresas do porte de *O Gabinete do Dr. Caligari* e da versão integral do *Ludwig* de Visconti (veja a seção *Vídeolançamentos* desta edição).

O lado trágico fica por conta da perda de monstros sagrados como Federico Fellini e Vincent Price, e – mais triste ainda – de um jovem talento como River Phoenix, cujo potencial não chegou nem perto de ser realizado.

O balanço deste intenso 93 está na nossa tradicional "retrospectiva do ano" e o caráter panorâmico da edição é complementado por uma das mais ambiciosas matérias de capa de SET nos últimos tempos: uma análise abrangente e minuciosa do mercado de vídeo no Brasil na última década, lado a lado com o melhor do cinema em toda sua história. A intenção: conferir até que ponto o acervo de títulos disponíveis no país atende ao consumidor mais exigente e apaixonado, leitor preferencial de uma revista especializada como SET. O caderno de 16 páginas dedicadas ao tema provocou uma crise de estafa na Redação, mas valeu a pena: é nosso presente de fim de ano para vocês todos. Até 94!!!

Ilustração: Eli Sumida. Fotos, a partir da esquerda: Robert De Niro em *O Franco Atirador* (VTI), Marilyn Monroe em *O Segredo das Jóias* (LFI), Charles Chaplin em *Tempos Modernos* (United Artists), Humphrey Bogart e Ingrid Bergman em *Casablanca* (Retna), *E.T. – O Extraterrestre* (Universal), Vivien Leigh e Clark Gable em *E o vento Levou...* (MGM)

4 TAKES
Homenagem a River Phoenix e Vincent Price, mais o fogo-cruzado entre os cineastas brasileiros

16 GEORGE LUCAS
Entrevista exclusiva com o mago dos efeitos especiais

24 OS TRÊS MOSQUETEIROS
Uma visita ao set de filmagem da nova versão do livro de Alexandre Dumas, realizada pelos estúdios Disney

30 RETROSPECTIVA 93
Os recordes de bilheteria, as megaproduções, as zebras, os fracassos, as revelações...

35 DEZ ANOS DE VÍDEO NO BRASIL
A história do mercado brasileiro, os filmes mais importantes de todos os tempos já disponíveis e as locadoras de melhor acervo em todo o país

57 VIDEOLANÇAMENTOS
Ludwig, O Marido da Cabeleireira, O Gabinete do Dr. Caligari

70 NOVOS FILMES
Adeus Minha Concubina, O Demolidor, Free Willy

74 MITO
O mestre Federico Fellini

79 CARTAS

80 FILMOGRAFIA

82 NOSTALGIA

Fotos Stills

Cary Elwes como Robin Hood na paródia de Mel Brooks

ROBIN HOOD

SHERWOOD POR MEL BROOKS

O vilão da floresta de Sherwood já foi vivido por vários atores no cinema. Douglas Fairbanks, Sean Connery, Kevin Costner, Patrick Bergin são alguns dos nomes mais famosos que se meteram a viver as aventuras de Robin Hood. A versão mais recente no entanto saiu da cabeça doida de Mel Brooks. E, sendo assinada por ele, só pode ser uma comédia, certo? Cary Elwes é o mais novo Príncipe dos Ladrões, Richard Lewis é Príncipe John e o cruel Xerife de Nottingham ficou com Roger Rees, que já venceu o Tony, o Oscar da TV americana.

ANIMAÇÃO

SPIELBERG APRESENTA...

Steven Spielberg é mesmo o Peter Pan do cinema. Depois de *Tiny Toons* ele assina a produção de mais uma série de desenhos, a *Animaniacs*. A nova série ataca na linha do terror, retomando personagens clássicos: Frankenstein e o Conde Drácula. *Phrankenrunt* conta a história da gata Rita e de seu companheiro Runt que vive uma aventura de primeira no castelo de um cientista louco que quer roubar o cérebro de Runt para dar vida a seu maligno cachorro. *Draculle Draculaa* mostra Dot, Yakko e Wakko passando uma noite no castelo do sinistro conde. Sem dúvida, as duas histórias mantêm o padrão de qualidade do "eternamente jovem" diretor.

Ao lado, Dot, Yakko e Wakko enfrentam Drácula e, abaixo, Rita e Runt fogem do cientista maluco

DRAMALHÃO

IRMÃOS METRALHA

Cinco anos depois de estrear na direção de um longa com o aplaudido *Clean and Sober*, Glenn Gordon Caron volta à cena. Além de lançar Bruce Willis como ator no seriado *A Gata e o Rato* e revelar o talento dramático de Michael Keaton em *Clean and Sober*, Caron parece também ter o dom de resgatar atores do limbo: seu novo filme, *Wilder Napalm*, tem a desaparecida Debra Winger no papel personagem feminino. Ela é Vida, mulher disputada pelos irmãos briguentos Dennis Quaid e Arliss Howard, Wallace e Wilder, respectivamente. A única coisa em comum entre eles é o trauma de um acidente na infância que resultou na morte de um homem. *Wilder Napalm* conta o reencontro dos dois cinco anos depois que Wallace botou o pé na estrada.

REMAKE

MULHERÃO

Com a estatura que tem ela já é um arraso. Agora, vocês podem imaginar a bela Daryl Hannah com 50 pés de altura? A superloira estrela o remake do filme realizado em 1958 por Nathan Juran, que ganha uma nova versão na rede de TV a cabo HBO – *Attack of the 50 ft Woman* – com Daryl e Daniel Baldwin nos papéis que foram de Allison Hayes e William Hudson e Christopher Guest na direção. Considerado uma comédia da ficção científica, o filme conta a história de uma mulher que de repente vê sua vida se transformar numa confusão sem fim. A solução parece vir de uma espaço-nave alienígena. Ela é transformada numa gigante de 50 pés e sai pela cidade destruindo tudo o que encontra pela sua frente.

DEPOIS DE JURASSIC

DINOMANIA NO JAPÃO

Os dinossauros de Spielberg detonaram uma dinomania no mundo todo e os japoneses, que sempre gostaram de monstros, não podiam ficar de fora. Recentemente, foi lançado no Japão o longa para cinema *Rex*, dirigido por Haruki Kadokawa. O filme mostra um filhote de dinossauro que é encontrado por um pesquisador e sua filha pequena em uma caverna misteriosa. A história se concentra na amizade entre a garotinha, interpretada por Yumi Adati e o Rex do título, que é dócil e amável. Quem prefere monstros violentos, que espere por Godzilla, que retorna às telas nipônicas neste fim de ano no filme *Godzilla x Mecha Godzilla*, dirigido por Takao Okawara. Esse é o vigésimo longa do personagem, e o terceiro em que ele enfrenta uma cópia mecânica. Além do robô, surge também o monstro alado Radon e o filhote Baby Godzilla (?!). Mas tudo isso é só um aperitivo enquanto não chega a versão hollywoodiana do mais famoso monstro japonês, prometida para o ano que vem.

SEQÜÊNCIA

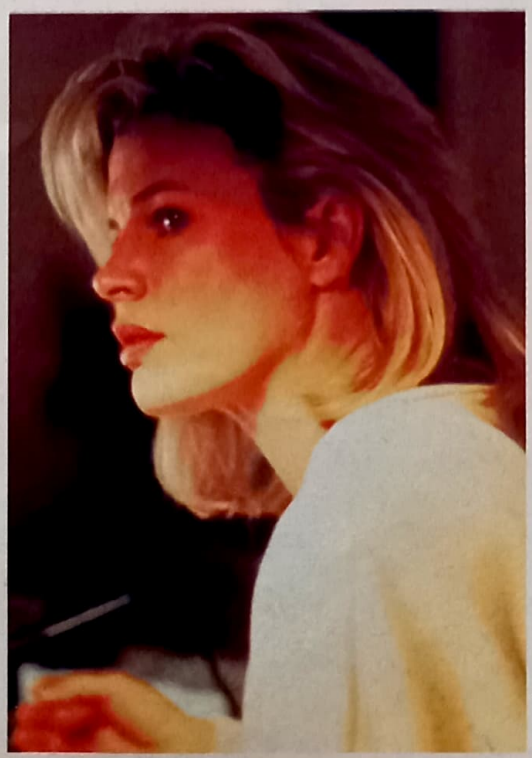
SEXO SINTÉTICO

Está em filmagens a continuação de um dos mais interessantes e menos conhecidos filmes B de ficção científica dos anos 80, *Circuitry Man*, realizado por Steve Lovy. Ambientado numa Terra pós-hecatombe nuclear, acompanha as aventuras de uma bela jovem (Dana Wheeler-Nicholson) que, auxiliada por um homem sintético (Jim Metzler), contrabandeia chips capazes de simular os efeitos do sexo e das drogas. A dupla é perseguida pelo *circuitry man* (Vernon Wells), um psicopata com cabeça eletrônica e tendências à perversão. O filme é um primor de sarcasmo e sadismo, está disponível em vídeo mas merece um trabalho de escavação, já que se trata de fita lançada por uma distribuidora desativada há cerca de dois anos. *Circuitry Man II: Unplugged* coloca Wells e Metzler (que afirma ter feito pesquisa para o seu papel com produtos incomuns de *sex shops*) ao lado de uma atriz que gosta de filmes implicitamente *kinkies* (perverso/sujo/bizarro), Traci Lords. Incorreção política à vista!

KIM BASINGER

LADRA E PERIGOSA

Kim Basinger ficou devendo uma fortuna para a produtora de *Boxing Helena*, de Jennifer Lynch, depois que rescindiu o contrato do filme, mas em compensação se arriscou a fazer *The Real McCoy* do diretor Russell Mulcahy (o mesmo de *Highlander e Ricochet*). Neste filme, ela é Karen McCoy, uma ladra fora do comum, que já cumpriu pena e que tem que acertar as contas com seu sócio (Terence Stamp, o premiado de *O Colecionador*) e também se associa ao inexperiente Val Kilmer para roubar 18 milhões de dólares de um banco. Será que Mrs Basinger vai usar tanto dinheiro para saldar sua dívida?



Fotos Stills

Chiara Caselli

BELAS DA ITÁLIA

MORENAS DE FUTURO

Os italianos têm fama de se vestirem muito bem e de serem muito bonitos. Mas a Itália tem exportado muita mulher bonita para os cinemas do mundo todo. Uma mostra deste talento todo está incorporado por Chiara Caselli, Monica Bellicci e Isabella Ferrari. Chiara tem 24 anos, premiada como revelação por sua atuação em *Il Segno di Fulco*. Nos Estados Unidos ela trabalhou com Gus Van Saint, Keanu Reeves e River Phoenix em *Garotos de Programa* e em seu país ao lado do grande ator francês Phillipe Noiret em *Fiorile*, dos irmãos Taviani. Em seu currículo ainda constam *The Little Apocalypse*, de Costa-Gavras, *Where Are Yoy? I'm Here*, de Liliana Cavani, *L'Anne de L'Éveil*, de Gerard Corbeau, e por fim o remake de Visconti, *Senso*, dirigido por Gerard Verguez. Também com 24 anos, a modelo Monica Bellicci por enquanto só fez um trabalho no cinema – foi uma das noivas de *Drácula de Bram Stoker*. A segunda mais cotada para deslanchar na carreira de atriz é Isabella Ferrari: além de *Ostende*, em cartaz nas salas de cinema francesas, Isabella acabou de filmar *Un Homme à la Mer*, de Jacques Doillon. Na Itália, ela trabalha com Massimo Guglielmi em *Gangsters* e com Tonino Zangardi em *Allullo Dromm*.

Isabella Ferrari

Monica Bellicci

FANTASIA MEDIEVAL À BRASILEIRA

Desde que os Trapalhões e a própria Xuxa desistiram de realizar longas para cinema no período de férias (julho e dezembro), o público infantil ficou órfão de ofertas brasileiras. A Riofilme dará um basta nesta abstinência com o lançamento nacional, em janeiro, de *Era uma Vez...*, grande produção com direito a muitos efeitos especiais e a um universo mágico repleto de princesas voadoras, duendes sinistros, castelos fantásticos e um rei mau que enriquece vendendo armas e promovendo guerras nos reinos vizinhos (interpretado por Tonico Pereira). Estréia na direção de longas de Arturo Uranga (foto abaixo) – que já trabalhou na concepção visual de filmes como *A Princesa Xuxa e os Trapalhões* e de programas como *Armação Ilimitada* –, o filme foi elaborado a partir de *storyboards* minuciosos do próprio diretor, apresentando um rigor estético irrepreensível. No elenco, além de participações especiais do roqueiro Serguei e de veteranos como Jorge Cherques e Zezé Motta, atores jovens como Mylla Christie e Oberdan Júnior. Resta ver o retorno do público...

Vanloen P. Junior

Detalhe de uma cena minuciosamente desenhada por Uranga

A ATLÂNTIDA É AQUI

Foi exibido na 17ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo um dos poucos filmes brasileiros a ser concluído em 1993, *Oceano Atlantis*, segundo longa do santista radicado no Rio de Janeiro Francisco de Paula (*Areias Escaldantes*). Com uma produção que começou há cinco anos, o filme levou o Prêmio da Crítica Internacional para Longa-Metragem no 9º Rio-Cine Festival, "em razão da sua enorme contribuição para a revitalização em termos de linguagem do cinema brasileiro e pela sutil análise da realidade nacional". Falado predominantemente em inglês, com diálogos também em grego, italiano e até mesmo em português (!), e tendo Nuno Leal Maia, Antonio Abujamra e Dercy Gonçalves (de peruca preta) encabeçando o elenco, o filme é uma experiência *new-age* de fazer uma expiação da miséria nacional e da leviandade social através de uma fábula poética. Usa-se, para tanto, a imagem metafórica da Atlântida, que o roteiro do diretor (co-assinado pelo compositor da trilha Ciro Pessoa) chega a "reconstruir". O filme se utiliza de sons e imagens (belissimamente fotografadas por Dib Lufti) para criar uma obra no mínimo fora dos padrões convencionais de nossa cinematografia. Infelizmente, o filme não tem contratos fechados de distribuição, permanecendo, por ora, restrito ao circuito acadêmico, com sessões programadas.

O pessoal de *Oceano Atlantis* faz tomadas sob as águas límpidas de Fernando de Noronha

POLÊMICA DOS RESSENTIMENTOS

Ausente das telas há um bom tempo, o nosso cinema conseguiu, recentemente, um bom espaço na mídia graças a Anselmo Duarte. Aos 73 anos, o diretor ex-galã da Atlântida e da Vera Cruz lançou sua autobiografia, *Adeus Cinema – Vida e Obra de Anselmo Duarte* (editora Massao Ohno, 250 págs., lançamento previsto para este mês), escrita por Oséas Singh Jr., em que não poupa de seus ataques boa parcela do cinema brasileiro. São ressentimentos acumulados a partir das reações à Palma de Ouro obtida em 1962 por *O Pagador de Promessas*, seu segundo longa. O efeito, histórico, ocorreu também à obstinação desse paulista nascido em Salto. Explica-se.

Após sua brilhante estréia como diretor em *Absolutamente Certo* (1957), Anselmo foi à Europa e freqüentou o festival de Cannes, observando as suas características de comportamento. Regressou ao Brasil empenhado em fazer um filme para ganhar o prêmio máximo daquele certame. Em função dessa idéia fixa, estudou vários argumentos, optando finalmente pela peça de Dias Gomes. Sou testemunha da firmeza com que o diretor alardeava que iria trazer a Palma de Ouro. A maioria duvidou, pois naquela ocasião já se sabia que o filme iria con-correr com criações de Antonioni, Buñuel, Bresson e o hoje esquecido Otto Preminger, então xodó da crítica francesa. Mas *La Parole Donnée* (título francês do filme) ganhou. Entregue ao produtor, o troféu ficou exposto por cerca de 20 anos no escritório de Massaini até o dia em que Anselmo pediu emprestado, levou e não devolveu, gerando um processo judicial.

Abril Press

Anselmo Duarte: exorcizando o passado

Posteriormente, ele fez vários filmes, mas sem obter êxito de crítica e mesmo de público. Sentindo-se injustiçado, passou a reclamar em público de jornalistas e colegas. É o que se faz agora, com mais veemência, no livro. Em algumas partes resvala na grosseria, como dizer que transou com Norma Bengell para acalmar seu estrelismo nas filmagens de *O Pagador de Promessas*. Grande atriz, ela era realmente difícil no tratamento, mas não se justifica essa referência machista e cabotina.

Em outras partes, Anselmo questiona o Cinema Novo e, por conseqüência, o favoritismo que certos elementos desse movimento encontraram na mídia e nos organismos oficiais. Nem o falecido Glauber Rocha escapa. Quando a polêmica do livro surgiu, Arnaldo Jabor disse, nas páginas do diário *Folha de S. Paulo*, que "Anselmo ganhou Cannes porque transou com a secretária geral do Festival...". Ao apontar uma atuação sexual como responsável por premiação feita pelo júri (e que tinha François Truffaut, entre outros), o cineasta foi deselegante e infeliz. Mas Jabor confessa, ainda, que o "Cinema Novo tinha um lobby de imprensa. A gente estragou a glória dele". Ponto para Anselmo.

Exageros à parte, a autobiografia de Anselmo tem o mérito de tentar desmistificar aspectos da história oficial do cinema brasileiro, acertando quando ressalta que a maior parte dos filmes do Cinema Novo eram canhestros e não lograram comunicação com o público. Pena que Anselmo seja claudicante em relação ao corporativismo de certos cineastas diante da Embrafilme. Isso pode ter ocorrido porque ele dirigiu *O Crime de Zé Bigorna* para o produtor Luiz Carlos Barreto, que fez parte da corte de favorecidos da falecida entidade. Entretanto, graças ao livro a discussão recomeçou e quem sabe provoque uma investigação na instituição cultural.

Alfredo Sternheim

TRAILER

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

A crítica rendeu-se ao novo filme do quase novato **RICHARD LINKLATER**, assim como já o havia feito com a sua estréia, dois anos antes, no inédito *Slacker* (esta produção é uma espécie de comédia que acompanha cerca de cem personagens, um após o outro, sem retomar nenhum e indo em todas as direções). Ele retorna agora com *Dazed and Confused*, um retrato casual da vida universitária nos anos 70. Adolescentes entregam-se à maconha, à cerveja, às calças boca-de-sino, à indecisão futura e demais clichês. Linklater não se preocupou com a batidíssima temática do sexo e da perda de virgindade e escreveu um roteiro que não empurra moralismos pela garganta do espectador. O nome mais famoso do elenco jovem desta saga anárquica é o da modelo russa **MILLA JOVOVICH** (*Retorno à Lagoa Azul; Chaplin*).

DEBRA WINGER está apostando tudo em seu último papel, o personagem-título de *A Dangerous Woman*. Há muito tempo sem um sucesso de bilheteria ou uma interpretação notável, ela personifica aqui uma mulher tímida, introvertida, quieta, mas que esconde uma psique nada confiável. A explosão de emoções ocorre quando ela se apaixona por um andarilho, alvo das atenções, também, de sua tia (**BARBARA HERSHEY**), com quem vive. Escondida atrás de grossos óculos, Winger tem tudo para arrasar com este papel.

JOHN WATERS, um dos últimos *darlings* do cinema "marginal" americano, retorna às telas. Conhecido pelo grande público brasileiro como o realizador das comédias nostálgicas *Hairspray* e *Cry-Baby* (não foram exibidos por aqui, comercialmente, os clássicos escatológicos com Divine, como, por exemplo, *Pink Flamingos* e *Polyester*), ele volta com outra comédia ambientada em Baltimore, *Serial Mom*. Como o título já indica, é sobre uma mãe *serial killer*, interpretada por **KATHLEEN TURNER** (tentando recuperar sua carreira). Deve ser divertido: ela elimina todos aqueles que atingem sua família, por menor que tenha sido o ato. O subúrbio nunca mais será o mesmo.

O casal **DENNIS QUAID/MEG RYAN** atua pela terceira vez juntos (*Viagem Insólita; D.O.A – Morto ao Chegar*). O nome é *Flesh and Bone*, segundo filme do diretor/roteirista **STEVE KLOVES** (*Susie e os Baker Boys*) e uma espécie de thriller gótico tipicamente americano (interiorano), na linha do recente *Kalifornia*. Os dois interpretam solitários errantes com traumas passados: ele carrega consigo a visão de seu pai (**JAMES CAAN**) assassinando uma família inteira, ela está saindo de um casamento violento. Os dois se encontram para uma redenção comum.

W/Brasil

Casquinha com GUARANÁ

ESTE É O SABOR.

O Mais Jovem Mito

O ator que representava os ideais da geração 90 agora é comparado a James Dean

A fatalidade fabricou mais um mito hollywoodiano. O ator River Phoenix deixou o mundo estupefato ao falecer em 31 de outubro. Phoenix estava com amigos e com o irmão Joaquim no clube Viper Room (Johnny Depp é um dos donos) quando passou mal.

Aos 23 anos, Phoenix era considerado um dos mais promissores atores da nova geração hollywoodiana. Em 1989, aos 18 anos, recebeu uma indicação ao Oscar por sua atuação no drama *O Peso de um Passado*, onde interpretou um filho de terroristas procurados pela polícia. Dois anos depois, Phoenix ganhou o prêmio de Melhor Ator no Festival de Veneza pelo seu desempenho como o homossexual narcoplégico de *Garotos de Programa*, de Gus Van Sant.

Em 1993, River Phoenix mostraria uma imagem mais adulta e, principalmente, sensual ao interpretar um caroneiro que muda a vida de um casal (Judy Davis e Jonathan Pryce) no thriller erótico *Dark Blood*, dirigido por George Sluizer. Faltavam três semanas de filmagens quando Phoenix faleceu e, devido às circunstâncias, o filme foi cancelado. Interpretaria ainda o entrevistador do polêmico *Entrevista com o Vampiro*, baseado no livro homônimo de Anne Rice e dirigido por Neil Jordan, cujas filmagens se iniciariam em meados de novembro. Ele deixou também dois filmes inéditos: a comédia romântica *The Thing Called Love* (de Peter Bogdanovich), onde faz o que mais gostava, tocar sua guitarra e cantar (uma das músicas da trilha é de sua autoria – também tinha uma banda chamada Aleka's Attic), e *Silent Tongue* (de Sam Shepard).

Filho de ex-hippies e ex-missionários, Phoenix nasceu em 23 de agosto de 1971 numa fazenda em Medras, cidade rural no Oregon, numa situação típica da juventude *flower power*: num barracão de lenha, sua mãe teve um parto sem anestesia e lhe deu o nome inspirada no romance *Siddhartha* de Herman Hesse. Missionários itinerantes da seita Crianças de Cristo, chegaram a morar em Caracas e em Porto Rico.

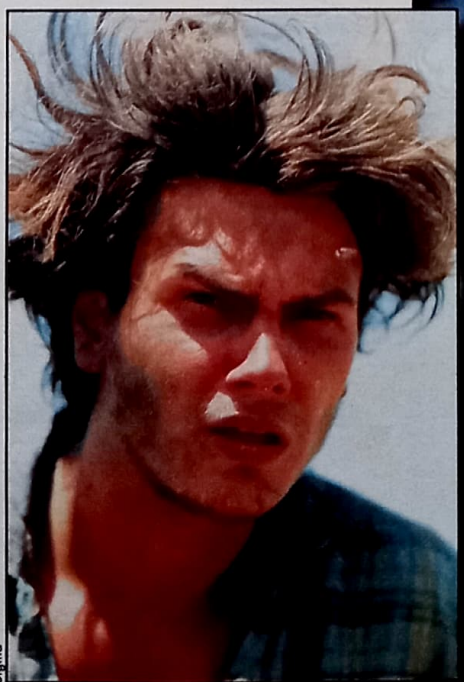
De volta para Los Angeles com a família, River Phoenix foi escalado para a telessérie *Sete Noivas para Sete Irmãos* e aos 14 anos conseguiu um papel em *Viagem ao Mundo dos Sonhos*. No ano seguinte, sua estrela começou a brilhar mais intensamente e interpretou Chris Chambers no *cult Conta Comigo*, de Rob Reiner. Foi neste mesmo ano de 1986 que a beleza do adolescente Phoenix chamou a atenção ao representar o filho mais velho de Harrison Ford, que, alucinado com uma nova invenção, carrega toda a família para uma selva inóspita em *A Costa do Mosquito*. E não foi só sua beleza que chamou a atenção, a crítica ficou impressionada com sua atuação intensa e o definiu como a nova revelação cinematográfica. Phoenix voltaria a trabalhar com Ford em *Indiana Jones e a Última Cruzada* ao interpretar o papel do jovem Indiana.

Educado por "malucos belezas", River Phoenix era um típico radical dos anos 90: defendia as causas ecológicas, era vegetariano, não colocava na boca nenhum espécie de carne e era contra o apartheid e as armas nucleares. Inteligente e preocupado com a saúde do planeta, as pessoas ainda se perguntam como ele pôde não se preocupar com a sua própria.

Com sua morte prematura, River Phoenix entrou para o panteão dos mitos, como aconteceu com James Dean quando se acidentou em seu Porsche em 1955, falecendo aos 24 anos. Mas era melhor que estivesse vivo e aproveitasse as glórias da carreira em ascensão.

Deborah Peleias

Gamma


Sigma

Acima, River Phoenix em cena do inédito *Silent Tongue*, de Sam Shepard

JAPAN POP SOM

A Sanyo está trazendo para o Brasil um dos maiores sucessos musicais do Japão. O Compact System DC-D30. Com ele, você vai conhecer os grandes hits mundiais da tecnologia. Como o equalizador, que oferece um ajuste específico para cada estilo de música. São 8 opções pré-programadas e 3 programáveis, além de um visor digital que apresenta analisador de espectro com 5 modos de visualização. A gravação do CD para fita é totalmente computadorizada, com quatro formas diferentes de edição. E como parte do show, o Sanyo DC-D30 ainda oferece timer, sleep, wake-up (despertador), rádio digital AM/FM com 36 posições de memórias, entrada para microfone, toca-discos e videocassete ou videodisco. Sanyo DC-D30. A tecnologia traduzida em fidelidade, potência e decibéis.

SANYO

Lorde do Horror

Amante das artes plásticas, o ator ficou marcado pelos vilões que fez em 50 anos de carreira

Em seus dois últimos trabalhos em grandes estúdios, *As Baleias de Agosto* e *Edward Mãos de Tesoura*, Vincent Price aparece como um homem bondoso e, acima de tudo, um *gentleman* tão diferente dos outros tantos personagens que marcaram sua imagem nas telas dos cinemas, a do vilão sádico dos filmes de horror.

Mas sua personalidade estava muito mais próxima do atencioso senhor Maranov de *As Baleias*... e do inventor de bom coração que morre antes de terminar sua criatura em *Edward*... De formação erudita, Price tinha como particularidades o amor pelas artes plásticas e pela arte culinária ("meu risoto é maravilhoso", declarou certa vez).

Nascido em 27 de maio de 1911, em St. Louis, no Missouri, Vincent Leonard Price nasceu em berço de ouro (seu pai era um próspero industrial do mercado de doces), estudou nos melhores colégios particulares de sua cidade natal e nas universidades de Yale, de Londres e de Nuremberg, se diplomando em História da Arte, Inglês e Belas-Artes. A boa educação desenvolveu no jovem Price o gosto pelo refinado – aos 12 anos comprou sua primeira obra de arte (uma água-forte de Rembrandt, ao preço de 37,50 dólares) e na adolescência visitou os museus da Europa. Sua paixão pelas Belas Artes era notória. Além de vários livros populares sobre o assunto, dava palestras em colégios e clubes, tinha uma coluna sobre artes num jornal americano, durante anos foi consultor da Sears e chegou a ganhar 64 mil dólares num show de TV respondendo a perguntas sobre artes plásticas.

Foi nos tempos de estudante em Londres que Vincent Price descobriu sua segunda paixão, a carreira de ator. Mesmo contra a vontade da família, ele (que certa vez disse que todas as artes são iguais) se aventurou na arte da interpretação e graças a uma bolsa de estudo deu os primeiros passos em um pequeno teatro londrino. Sua estréia profissional nos palcos se deu no papel de Príncipe Albert na peça *Vitoria Regia*, cuja performance recebeu elogios rasgados da crítica londrina. Depois de exibida em Londres, a peça excursionou pelos Estados Unidos e foi encenada durante dezoito meses nos palcos da Broadway de Nova York. Lá, em 1973, Vincent Price ingressou no Mercury Theater, lendário grupo experimental dirigido por Orson Welles, onde também conheceu sua primeira esposa, Edith Barret, com quem se casou em 1938.

Neste mesmo ano, Price interrompeu a carreira de ator de teatro e foi para Hollywood fazer testes para o personagem de Ashley Wilkes em *...E o Vento Levou*. Não conseguiu o papel (que ficou com Leslie Howard), mas entrou para o elenco de *Service De Luxe*, de Rowland V. Lee. Foi em 1939 que a estrela de Vincent Price finalmente brilhou: pôde mostrar seu talento ao encarnar Sir Walter Raleigh de *Meu Reino por um Amor* (dirigido por Michael Curtiz , o mesmo autor de um dos maiores clássicos de todos os tempos, *Casablanca*), contracenando ao lado de Bette Davis e Errol Flynn. O resultado deste trabalho foi um contrato com a Universal.

No entanto, antes de entrar para o panteão dos astros dos filmes de horror (ao lado de Boris Karloff e Bela Lugosi), Vincent Price interpretou figuras históricas como o rei inglês Carlos II de *O Renegado* (1940) e o cardeal Richelieu na versão de 1948 de *Os Três Mosqueteiros*. Além disso, também foi um gigolô em *Laura* (1944) e um aristocrata homicida em *O Solar de Dragonwyck* (1946). Mas ao viver o escultor que, após queimar suas mãos num incêndio, passa a assassinar pessoas e transformá-las em bonecos de cera no primeiro filme realizado em três dimensões, *Museu de Cera* (1953), Price selou para sempre sua persona nas telas.

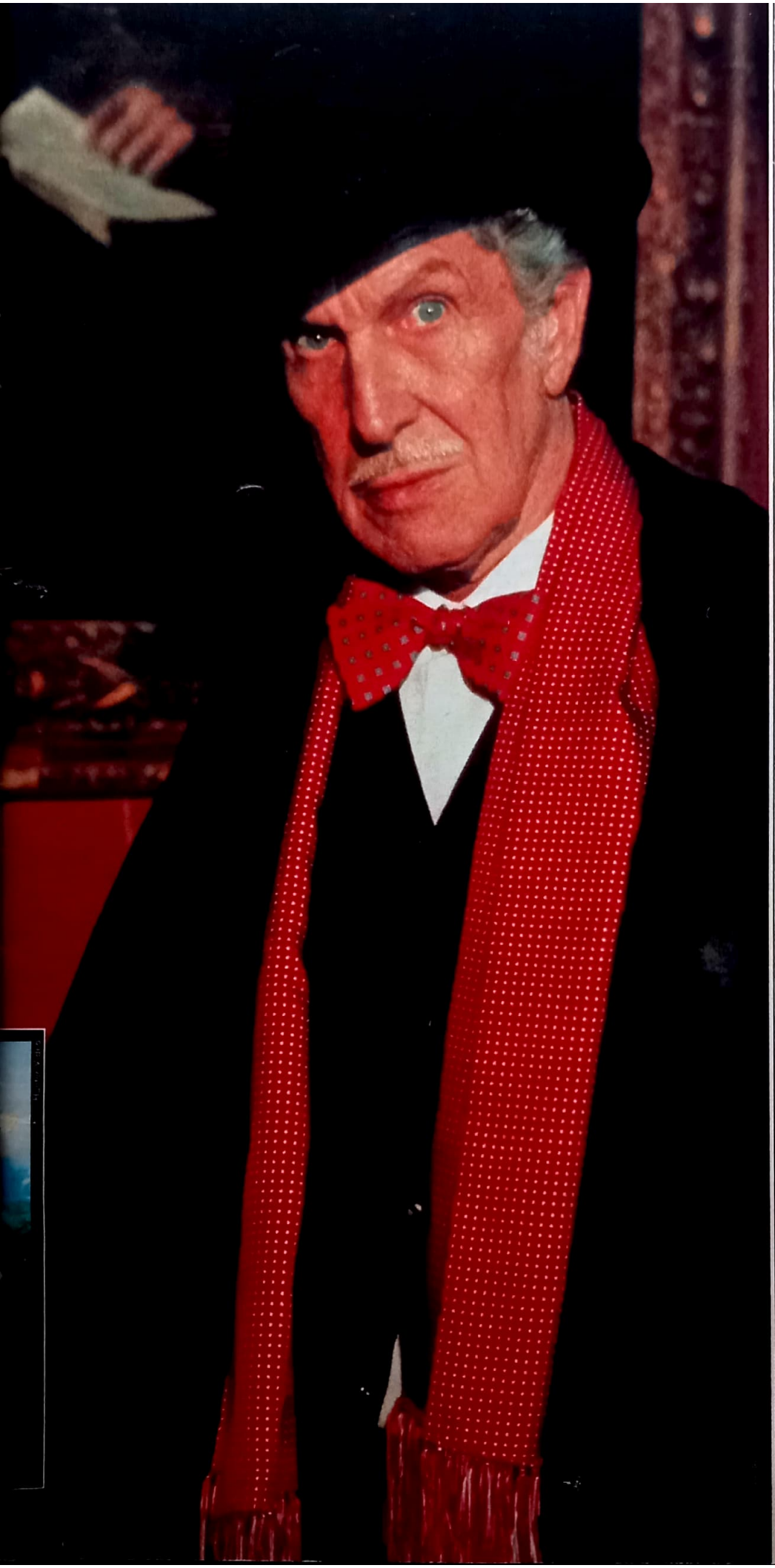
Na década de 60, Vincent Price e o diretor Roger Corman formaram uma das mais criativas parcerias do cinema de horror. Tarado pelas obras fantásticas do escritor Edgar Allan Poe, Corman adaptou vários de seus contos e Price os protagonizou – *O Solar Maldito* (1960), *A Mansão do Terror* (1961), *Muralhas do Pavor* (1962), *A Torre de Londres* (1962), *O Corvo* (1963), *O Castelo Assombrado* (1963), *A Orgia da Morte* (1964) e *O Túmulo Sinistro* (1965).

Alto, de gestos elegantes e com forte sotaque inglês Vincent Price trabalhou no cinema durante mais de cinqüenta anos e fez mais de cem filmes, sem contar a outra centena de vezes que apareceu em programas de televisão. Apesar de ter protagonizado vários tipos de personagens, ficou marcado na memória dos cinéfilos como o vilão demente. Isso, contudo, não feriu o orgulho deste (quase) lorde. Pelo contrário, Price achava que os vilões eram a melhor coisa dos filmes ("o herói em geral é alguém que não tem nada a fazer; por isso, é o vilão quem mais se diverte") e àqueles que o criticavam por ter construído uma carreira solidificada no gênero horror respondia que no final "o que interessa é a soma total da carreira de alguém. Sei que há pessoas que acham que me rebaixei como ator. Mas minha idéia de declínio pessoal é muito diferente".

Vincent Price deixou este mundo a 25 de outubro último (vítima de um câncer no pulmão) coberto de razão!

Deborah Peleias

Da esquerda para a direita: Price em *A Orgia da Morte* (1964), *A Mosca da Cabeça Branca* (1958) e em *Banho de Sangue na Casa da Morte* (1985). Na página oposta, em *Mansão da Meia-Noite* (1984)



Palmcorder S250

Grandes filmagens com facilidade.

A FILMADORA COMPATÍVEL COM O SEU VÍDEO VHS

Na hora de adquirir uma câmera, exija uma VHS compacta S250 Panasonic. Com este formato você tem a reprodução direta das fitas no seu vídeo VHS, bastando utilizar o adaptador que acompanha o produto.

PROGRAM AE

Efeitos criativos com maior facilidade.

1 LUX

Imagens maravilhosas, mesmo com pouca iluminação.

WIDE ANGLE LENS

Enquadra toda a cena.

NV-S250BR - Produzido na Zona Franca de Manaus.

Panasonic VHS Câmera de Vídeo

Panasonic 2 ANOS GARANTIA

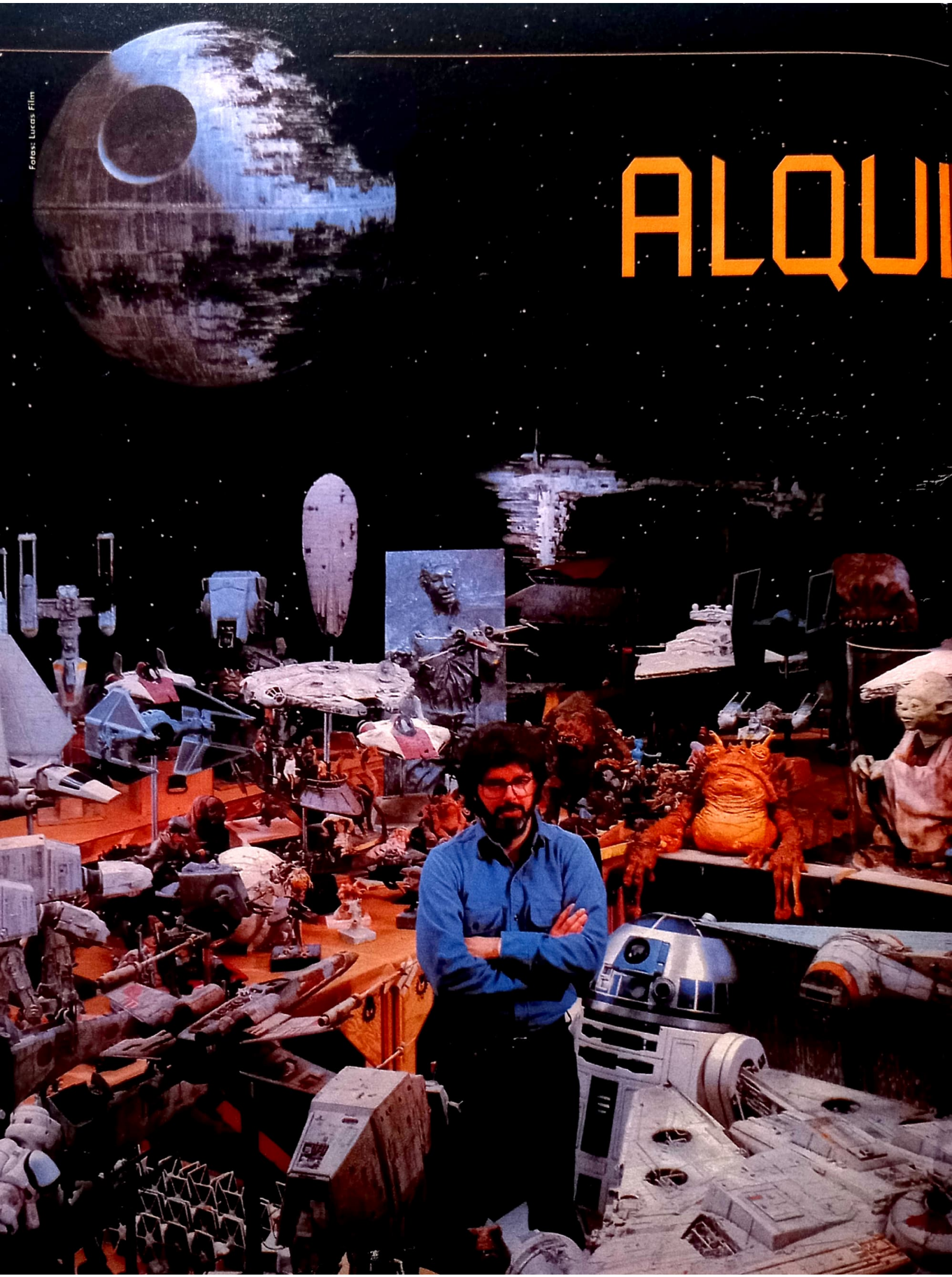
Consulte o seu Revendedor sobre sistemas de consórcio.

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR:
(0123) 31-1033

Panasonic

Antecipa o futuro

Filiais:
São Paulo (011) 584-0977 / Rio de Janeiro (021) 280-5549 / Porto Alegre (051) 221-2988 / Recife (081) 224-4892 / Manaus (092) 237-8536



Fotos: Lucas Film

ENTREVISTA GEORGE LUCAS

MISTA DIGITAL

Reconhecido como um dos mais importantes executivos da indústria dos efeitos especiais, o diretor de *American Graffiti* e *Guerra nas Estrelas* criou há dezoito anos a Industrial Light & Magic, responsável pelo renascimento dos dinossauros em *Jurassic Park*

George Lucas é chamado pelos teóricos da arte cinematográfica de "o supremo anti-autor", porque seus trabalhos são considerados "essencialmente comerciais". Na década de 70, Lucas se destacou como um diretor *cult* ao realizar a homenagem aos nostálgicos anos 60 *American Graffiti* (1973) e ao mudar a concepção de ficção científica ao escrever e dirigir *Guerra nas Estrelas* (1976).

Mas foi em 1975 que George Lucas deu talvez o passo mais importante de sua carreira. Criou a Industrial Light & Magic, responsável pelo avanço tecnológico na história dos efeitos especiais. Num galpão de uma esquina qualquer na Califórnia, um pequeno grupo de homens e mulheres dedicados, entusiasmados e independentes dos estúdios hollywoodianos se juntou para criar os efeitos do primeiro *Guerra nas Estrelas*. O trabalho deu tão certo que hoje a Industrial Light & Magic, pioneira na utilização de imagens digitais, se tornou a maior, a mais avançada e também a mais respeitada empresa de efeitos especiais do mundo. Além disso, é a mais premiada com o Oscar – *Guerra nas Estrelas*, *O Império Contra-Ataca*, *Os Caçadores da Arca Perdida*, *E.T. – o Extraterrestre*, *O Retorno de Jedi*, *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, *Cocoon*, *Aliens, o Resgate*, *Viagem Insólita*, *Uma Cilada para Roger Rabbit*, *O Exterminador do Futuro 2* e *A Morte lhe Cai Bem*, todos foram os vencedores da categoria nos últimos anos. Desprezado pelos acadêmicos, tanto quanto Steven Spielberg (nunca agraciado com uma estatueta), George Lucas recebeu em 1992 o Prêmio Irving Thalberg da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, por sua contribuição ao desenvolvimento do cinema.

A primeira equipe da ILM à procura de locações

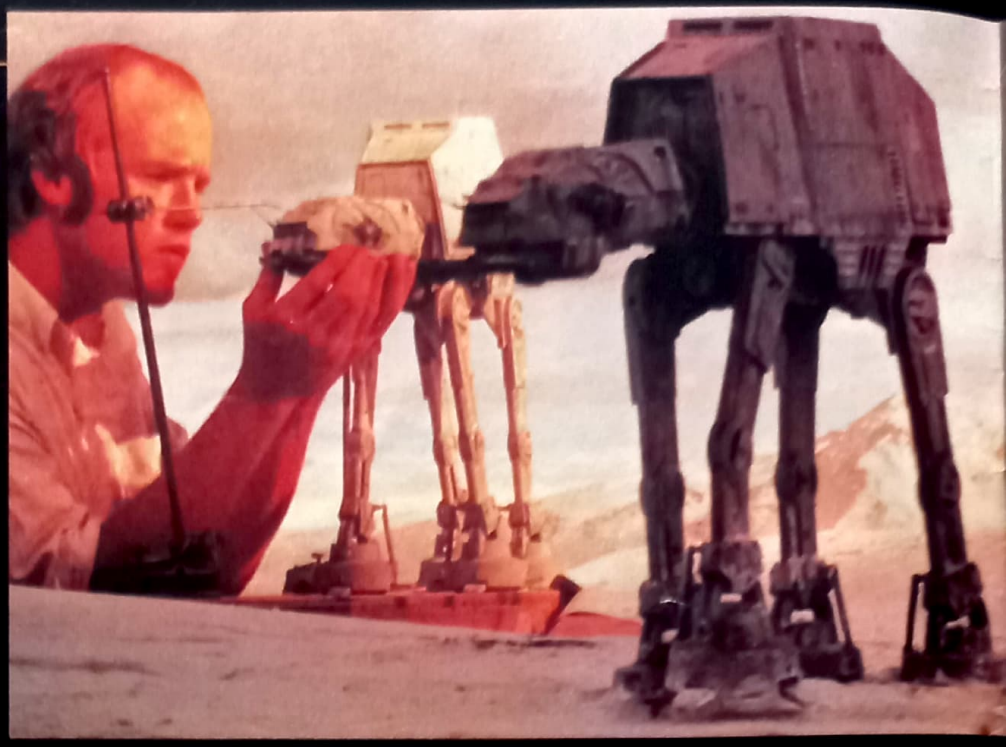
Na introdução do livro *Industrial Light & Magic – The Art of Special Effects*, de Thomas G. Smith, George Lucas escreve que para ele "a ILM é mais do que máquinas e processos técnicos. O sucesso da ILM vem do espírito criativo das pessoas que trabalham lá. Desde os dias do primeiro *Guerra nas Estrelas*, o espírito entusiástico e selvagem tem sido encarado com suspeita por alguns executivos da indústria. Mas se os funcionários da ILM fossem considerados como peças de uma linha de produção, eles sem dúvida perderiam a centelha da criatividade que lhes é particular".

É sobre este trabalho sério desenvolvido na ILM que George Lucas fala nesta entrevista, uma aula sobre tecnologia e efeitos digitais.

Por que fazer uma série de TV baseada nas aventuras de Indiana Jones quando jovem?

O passado de Indy sempre me pareceu riquíssimo – como seu pai era um professor universitário, percorreu

o mundo inteiro e Indy falava 32 línguas diferentes. Tudo isso, por sinal, estava nos filmes (de longa-metragem), mas a maioria das pessoas não prestava muita atenção a essas informações. Um seriado, portanto, seria uma ótima oportunidade de se conhecer melhor o personagem de Indiana Jones. Ao mesmo tempo, o seriado me ajudaria numa outra coisa que eu tinha vontade de fazer, que era desenvolver a base de um projeto multimídia que eu tinha em mente. Criei o seriado pensando numa tecnologia futura. O seriado tem mais a ver com uma realidade ligada às tecnologias futuras do que com a realidade atual das redes convencionais de TV. O problema é que estou realizando o seriado no presente, e às vezes é muito difícil convencer as pessoas de que esse tipo de show é adequado ao mercado do futuro. Quando o consumidor já tiver acesso a uma tecnologia apropriada, esse seriado estará disponível sob a forma de um estudo histórico multimídia.



Você é um pioneiro no desenvolvimento de novas tecnologias de cinema e vídeo, e aparentemente estaria empregando muitas técnicas digitais de vídeo no seriado de TV.

De fato utilizamos muita tecnologia digital na maior parte do seriado e por isso conseguimos um visual tão extravagante. É um seriado de orçamento médio, e ao usarmos a tecnologia digital fomos capazes de expandir as possibilidades do processo criativo. E fazer mais coisas que não teríamos como fazer com o orçamento limitado que dispomos para trabalhar.

"Utilizamos muita
visuais extravaga
capazes de expa

Seu envolvimento com a TV e com as novas tecnologias de vídeo não pararia no seriado do jovem Indiana Jones. É verdade que você estaria prestes a realizar filmes de longa-metragem também para a televisão?

Sim, estamos inicializando um processo de realização de quatro filmes para TV. E pensando, principalmente, no mercado internacional. Mais tarde, esperamos vender esses filmes também aqui nos Estados Unidos.

A equipe técnica, supervisionada por Stan Winston, construiu as maquetes dos dinossauros de *Jurassic Park* a partir de desenhos feitos por paleontólogos. Foram realizados réplicas em tamanho natural e miniaturas do T-Rex

Phil Tippett, à esquerda, anima robôs de *O Império Contra Ataca*. À direita, no sentido horário, maquetes de *O Templo da Perdição*: uma câmera desliza sobre um minitrilho; o supervisor de modelos Lorne Peterson modifica um túnel, e o exterior da caverna, onde Ford vive momentos perigosos

tecnologia digital e por isso conseguimos
es. E, ao usarmos esta tecnologia, somos
ir as possibilidades do processo criativo"

Já se fala num quarto episódio da série *Indiana Jones* no cinema. Em que pé está a coisa?

Ainda estamos elaborando um script.

E também estaria por vir um quarto *Guerra nas Estrelas*?

Sim, também está em fase de roteirização.

A concepção original de *Guerra nas Estrelas* já pressupunha mais de três episódios. Esse, porém, não parecia ser o caso de *Indiana Jones*. O que mudou?

De fato, originalmente eu havia concebido apenas três histórias para *Indiana Jones*. Havíamos contratado Harrison Ford para apenas três filmes, e decidimos que pararíamos por ali mesmo.

Mas eu sempre disse que se algum dia me ocorresse uma idéia verdadeiramente cativante, eu iria em frente e faria mais um filme. Steven Spielberg e Harrison sempre se mostraram interessados num quarto filme, mas quem precisava bolar a história era eu. Videia, no entanto, não vinha, e então me envolvi mais ainda no seriado de TV. Mas ao trabalhar em *O Jovem Indiana Jones* me deparei com uma idéia que me pareceu extremamente forte e, ao mesmo tempo, muito divertida de se fazer.

E qual seria essa idéia tão boa assim?

Não vou dizer (*risos*). Só digo que se passa numa época e dentro de um ambiente que sempre me interessaram.

E no caso de *Guerra nas Estrelas*, serão mais três novos episódios, como era sua concepção original?

É. Na verdade, da maneira como foi realizada a série, *Guerra nas Estrelas* começou no quarto episódio. Agora faremos os três primeiros episódios da série.

Você voltará a dirigir, após todos esses anos basicamente produzindo filmes – e, no caso de *Jurassic Park*, montando filmes?

Passei de diretor a produtor na hora de fazer *Guerra nas Estrelas* porque percebi que para fazer bem feito o segundo e o terceiro episódios era preciso ter uma visão mais ampla, mais

abrangente do trabalho, e não me ater aos detalhes específicos da direção de cada capítulo. Se eu fizesse isso, não teria conseguido um bom resultado. Seria muito difícil. Então me promovi a um grau superior para supervisionar todo o trabalho, em vez de ser apenas uma engrenagem no processo.

Por outro lado, naquele mesmo momento estava desenvolvendo outros projetos, como *Indiana Jones*, que eu não tinha tempo de dirigir porque estava produzindo. Steven Spielberg estava à procura de novos projetos para dirigir; contei a ele sobre *Indiana Jones e o Templo da Perdição* e me disse que queria fazê-lo. Portanto, vários projetos que eu iria dirigir, inicialmente, acabei dando a outras pessoas para que eu conseguisse produzir. Ao longo do tempo, acabei virando um produtor, sem pensar muito no que estava fazendo. Muitos amigos vieram me pedir ajuda em projetos que depois me interessaram. Então, a coisa foi desenvolvendo a partir daí, quase que inconscientemente.

Há quem se posicione contra filmes vistos como se não tivessem nada além de efeitos especiais. *Jurassic Park*, inclusive, tornou-se símbolo desse tipo de "inimigo do cinema verdadeiro". Como você se situa dentro dessa polêmica que antagoniza novas tecnologias?

Eu não diria que os pontos dessa discussão sejam meramente tecnológicos. São questões corporativas, também. Na medida em que há mudanças na mentalidade corporativa, mudam-se também os tipos de histórias que estão sendo contadas.

Os avanços da tecnologia diminuem os custos de produção de um filme. E quando isso acontece, mais pessoas terão chances de fazer filmes. E a mentalidade corporativa, que é extremamente conservadora, irá se dispor a correr mais riscos ao achar que seu risco é reduzido. Através da tecnologia, somos capazes de superar muito desse conservadorismo corporativista, que parece comandar a indústria cinematográfica no momento.

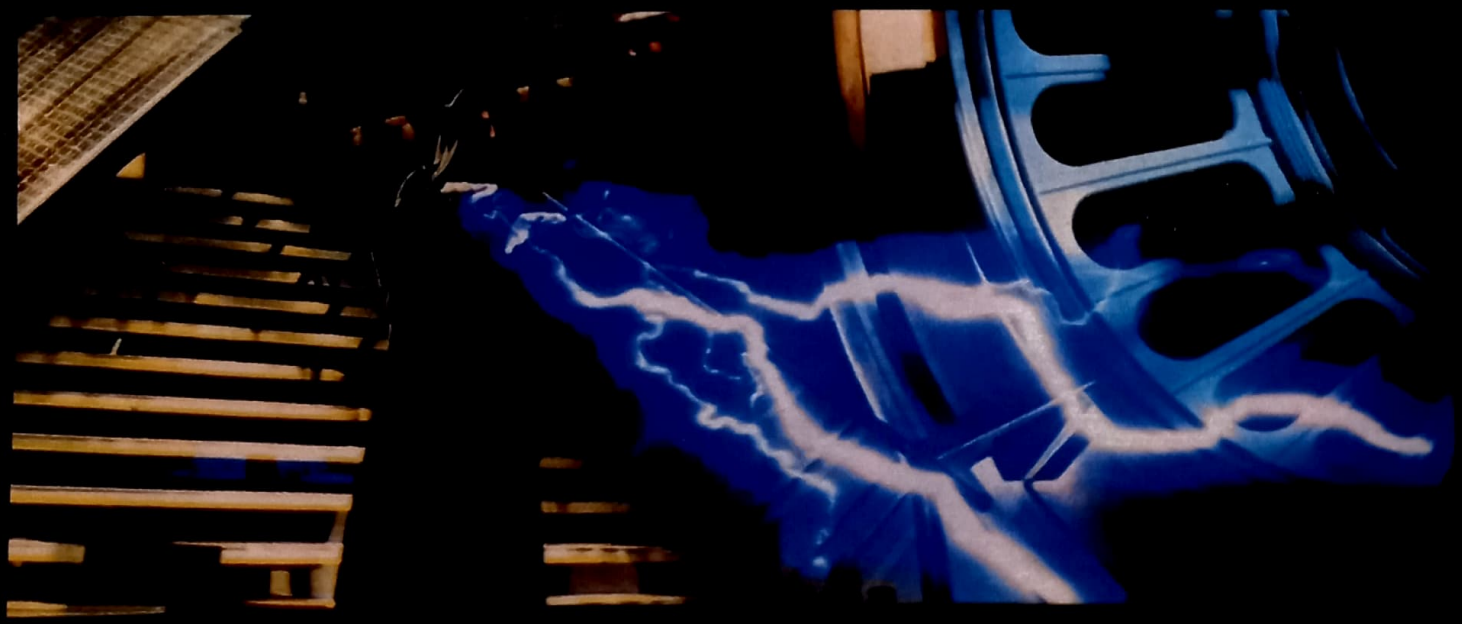
Como você vê o futuro da arte de se fazer filmes?

Na área da televisão, estamos nos dirigindo para um futuro parecido com o que já existe em *O Jovem Indiana Jones*, em que somos capazes de criar mundos tecnologicamente, baixando assim os custos. Isso terá impacto na maneira como os novos shows serão feitos daqui para a frente e na maneira como as histórias serão contadas.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

Ao alto, à esquerda, Lucas recebendo o Oscar. Acima, *O Jovem Indiana Jones*. À esquerda, Bill Reeves testa um novo programa de imagens digitais e, abaixo, *O Retorno de Jedi*



NÃO VAI DEMORAR
MUITO, VÃO INVENTAR
UMA TELEVISÃO QUE AVISA
TUDO O QUE FAZ.
ELA VAI ADIVINHAR QUAL
É O CANAL QUE VOCÊ MAIS
GOSTA DE ASSISTIR.
NÃO VAI DEMORAR MUITO,
VAI APARECER UMA
TELEVISÃO QUE DÁ ATÉ
PRA DEIXAR
RECADOS NA TELA.

A PHILIPS ESTÁ LANÇANDO UMA LINHA DE TELEVISORES INTERATIVOS QUE, NÃO VAI DEMORAR MUITO, VOCÊ VAI TER NA SUA CASA: NOVA PHILIPS POWERVISION PLUS.

21" GX 1660 - TV monitor easy menu

A QUALIDADE DE SOM E IMAGEM QUE VOCÊ ESPERAVA, COM NOVIDADES QUE VOCÊ NÃO ESPERAVA.

20" GX 1650 - TV monitor easy menu

• O CONTROLE REMOTO É TÃO FÁCIL DE OPERAR QUE ATÉ ADULTO CONSEGUE MEXER. UM COMANDO CENTRALIZA PRATICAMENTE TODAS AS FUNÇÕES. VOCÊ OPERA OLHANDO PARA A TV.

• O MENU MOSTRA NA TELA TUDO O QUE A TELEVISÃO FAZ.

NÃO

FALEI?

21" GX 1665 stereo
TV monitor easy menu

14" GX 1610 - TV monitor easy menu

• VOCÊ PODE ESCREVER RECADOS NA TELA ATRAVÉS DO CONTROLE. E UMA LUZ QUE PISCA NO PAINEL INDICA QUANDO TEM RECADOS.

21" GX 1665 stereo

• ELA VEM COM 181 CANAIS PRÉ-SINTONIZADOS DE FÁBRICA, INCLUSIVE TV A CABO.

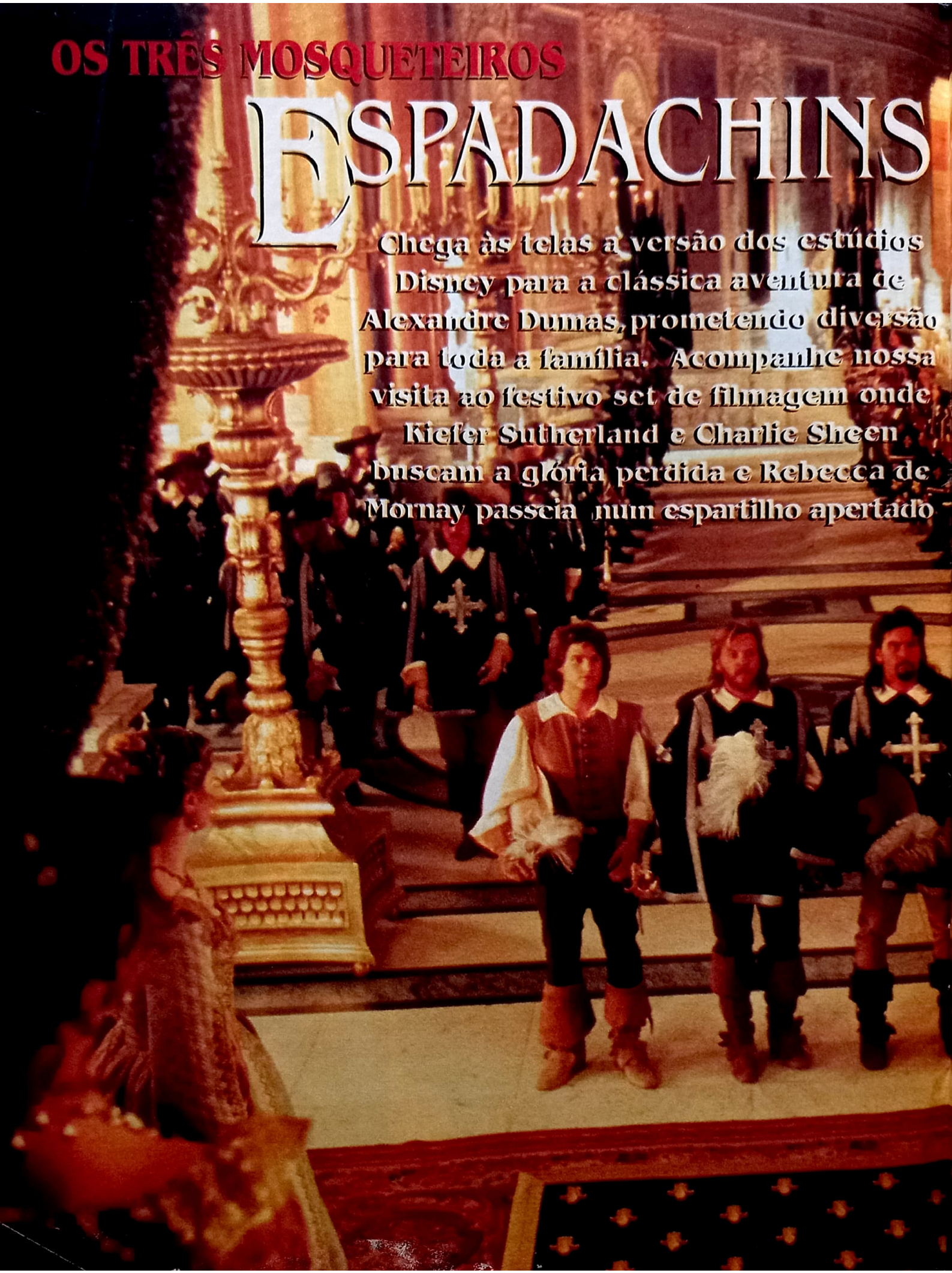
• TEM CONEXÕES PARA ÁUDIO E VÍDEO E SISTEMA PAL-M/NTSC AUTOMÁTICO.

• A LINHA É COMPOSTA DE 4 MODELOS: 14", 20", 21" MONO E 21" STEREO.

pal plus
POWERVISION

A TELEVISÃO NÃO É MAIS SÓ TELEVISÃO. É PHILIPS.

PHILIPS

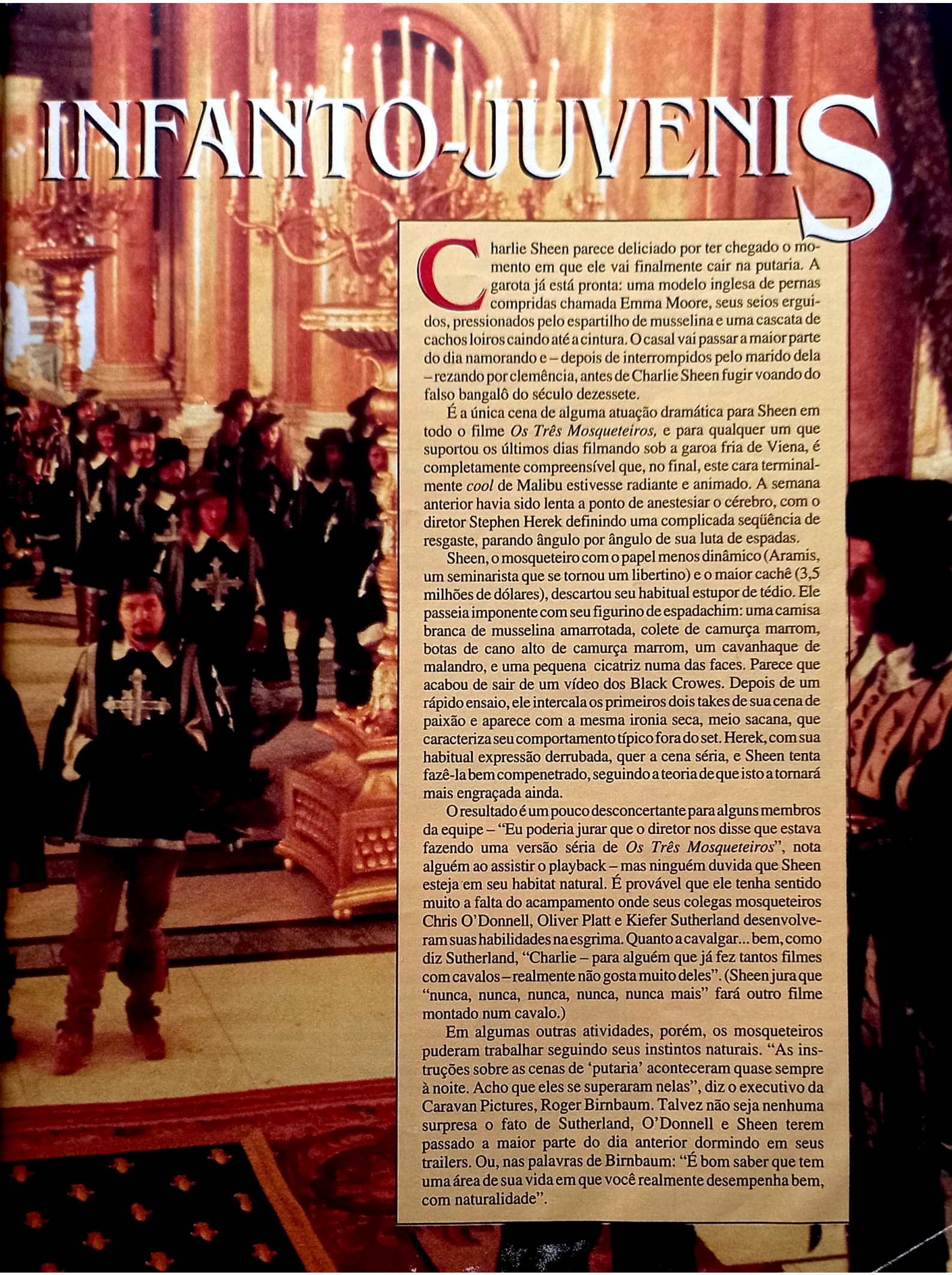


OS TRÊS MOSQUETEIROS

ESPADACHINS

Chega às telas a versão dos estúdios Disney para a clássica aventura de Alexandre Dumas, prometendo diversão para toda a família. Acompanhe nossa visita ao festivo set de filmagem onde Kiefer Sutherland e Charlie Sheen buscam a glória perdida e Rebecca de Mornay passeia num espartilho apertado

INFANTO-JUVENIS



Charlie Sheen parece deliciado por ter chegado o momento em que ele vai finalmente cair na putaria. A garota já está pronta: uma modelo inglesa de pernas compridas chamada Emma Moore, seus seios erguidos, pressionados pelo espartilho de musselina e uma cascata de cachos loiros caindo até a cintura. O casal vai passar a maior parte do dia namorando e – depois de interrompidos pelo marido dela – rezando por clemência, antes de Charlie Sheen fugir voando do falso bangalô do século dezessete.

É a única cena de alguma atuação dramática para Sheen em todo o filme *Os Três Mosqueteiros,* e para qualquer um que suportou os últimos dias filmando sob a garoa fria de Viena, é completamente compreensível que, no final, este cara terminalmente *cool* de Malibu estivesse radiante e animado. A semana anterior havia sido lenta a ponto de anestesiar o cérebro, com o diretor Stephen Herek definindo uma complicada seqüência de resgaste, parando ângulo por ângulo de sua luta de espadas.

Sheen, o mosqueteiro com o papel menos dinâmico (Aramis, um seminarista que se tornou um libertino) e o maior cachê (3,5 milhões de dólares), descartou seu habitual estupor de tédio. Ele passeia imponente com seu figurino de espadachim: uma camisa branca de musselina amarrotada, colete de camurça marrom, botas de cano alto de camurça marrom, um cavanhaque de malandro, e uma pequena cicatriz numa das faces. Parece que acabou de sair de um vídeo dos Black Crowes. Depois de um rápido ensaio, ele intercala os primeiros dois takes de sua cena de paixão e aparece com a mesma ironia seca, meio sacana, que caracteriza seu comportamento típico fora do set. Herek, com sua habitual expressão derrubada, quer a cena séria, e Sheen tenta fazê-la bem compenetrado, seguindo a teoria de que isto a tornará mais engraçada ainda.

O resultado é um pouco desconcertante para alguns membros da equipe – "Eu poderia jurar que o diretor nos disse que estava fazendo uma versão séria de *Os Três Mosqueteiros*", nota alguém ao assistir o playback – mas ninguém duvida que Sheen esteja em seu habitat natural. É provável que ele tenha sentido muito a falta do acampamento onde seus colegas mosqueteiros Chris O'Donnell, Oliver Platt e Kiefer Sutherland desenvolveram suas habilidades na esgrima. Quanto a cavalgar... bem, como diz Sutherland, "Charlie – para alguém que já fez tantos filmes com cavalos – realmente não gosta muito deles". (Sheen jura que "nunca, nunca, nunca, nunca, nunca mais" fará outro filme montado num cavalo.)

Em algumas outras atividades, porém, os mosqueteiros puderam trabalhar seguindo seus instintos naturais. "As instruções sobre as cenas de 'putaria' aconteceram quase sempre à noite. Acho que eles se superaram nelas", diz o executivo da Caravan Pictures, Roger Birnbaum. Talvez não seja nenhuma surpresa o fato de Sutherland, O'Donnell e Sheen terem passado a maior parte do dia anterior dormindo em seus trailers. Ou, nas palavras de Birnbaum: "É bom saber que tem uma área de sua vida em que você realmente desempenha bem, com naturalidade".

Já faz quase vinte anos que *Os Três Mosqueteiros* foi filmado pela última vez – tempo suficiente para uma nova geração remodelar este conto sobre a amizade masculina. Nos anos 40, Gene Kelly dançava a caminho de Lana Turner. Nos anos 70, o diretor Richard Lester produziu uma peça de humor *camp* que destacava os seios erguidos de Raquel Welch e o penteado esquisito de Michael York. Agora, nos 90, chega a vez da versão da Disney – em que o sombrio picaresco de Alexandre Dumas foi transformado numa festança animada, onde os bons são bons, os maus são maus e o sexo não é tão fogoso quanto em *Melrose Place* (*série americana de TV exibida pela rede Globo*).

Apenas a premissa básica permanece a mesma: o jovem fazendeiro D'Artagnan (Chris O' Donnell; vê-se pelo seu sotaque, que a fazenda deve ser perto de Chicago) entra para os mosqueteiros. "No começo da história, os mosqueteiros acabam de ser dispersos e dispensados", explica Platt. "Aí, chega este garoto cheio de entusiasmo inocente, querendo ser um mosqueteiro, o que os faz voltar a sentir como eram quando se tornaram mosqueteiros. Justo quando eles mais precisavam, justo quando eles estavam diante do mais terrível inimigo, vem este garoto reinjetar neles a importância dos mosqueteiros – dando a dose de energia que os ajudou a salvar o rei do demoníaco Cardeal Richelieu."

Esta versão de *Os Três Mosqueteiros* também venceu uma competição acirrada entre vários estúdios que queriam adaptar a história de Alexandre Dumas no inverno de 1992. Jon Peters desenvolvia um projeto de mosqueteiros para a Columbia, com Brad Wyman, parceiro bissexto de Ivan Nagy, o sócio de Heidi Fleiss. Wyman tentava convencer seu amigo de longa data, Charlie Sheen, a fazer um dos mosqueteiros. Havia também o *D'Artagnan* de Gene Quintano. Mas a disputa mais séria estava na TriStar, que buscava um enredo mais austero e mais fiel historicamente, escalando Jeremiah Chechik (*Benny and Joon – Corações em Conflito*) para a direção.

Em novembro de 1992, Chechik conseguira convencer Johnny Depp a fazer o papel de D'Artagnan, mas a TriStar se recusou a assinar um contrato com o ator – que garantiria seu cachê mesmo que o filme acabasse não acontecendo – e o projeto ficou paralisado. Nesse meio tempo, a Disney havia comprado seu "roteiro de mosqueteiros" de David Loughery e o associou à equipe responsável por *Mighty Ducks* (*Nós Somos o Campeões*): o diretor Herek e os produtores Jon Avnet e Jordan Kerner, que – segundo Birnbaum – demoraram muito para escalar o elenco.

Por isso mesmo, os estúdios Disney aceleraram a contratação de Joe Roth – recém-saído da Fox, onde era chefe de estúdio – e o colocaram à frente de sua novíssima extensão, a Caravan Pictures. O chefe da Disney, Jeffrey Katzenberg, prontamente pediu para Roth e ao sócio Roger Birnbaum para assumirem o controle de *Os Três Mosqueteiros*; deslocou Avnet e Kerner para a produção executiva e os apaziguou dando-lhes a produção de *Significant Other*. A esta altura já era Natal.

Roth se utilizou de todas as suas amizades para conseguir atores que topariam o projeto de olhos fechados. O primeiro a ser chamado foi Kiefer Sutherland, a quem Roth tinha oferecido um contrato especial na Fox. Um Sutherland nervoso tinha acabado de começar a dirigir seu primeiro filme, *Last Light*, para a rede Showtime, e pensou que Roth estivesse ligando para desejar a ele boa sorte. "Aí ele disse: 'Quero você para fazer um filme'", Sutherland recorda, "e eu senti um grande peso sair das minhas costas. Não sabia o que era, nem quem estava envolvido; não sabia se ia ter um papel principal ou de coadjuvante. Eu disse 'Sim, OK'. Só quis fazer isto com Joe porque eu o respeito pelo bom-gosto de seu trabalho".

Depois que Brad Pitt desistiu de D'Artagnan, Roth e companhia abordaram o novato O' Donnell, aclamado por sua performance como o guia de Al Pacino em *Perfume de Mulher*. "Eu não sabia o que queria fazer," diz O'Donnell, inicialmente cauteloso com Herek. "As minhas melhores experiências de filmagem tinham sido com diretores incríveis. Eu não sabia quem Steve era. Fui assistir alguns de seus filmes." (Consta que O'Donnell estaria recebendo um cachê de 500 mil dólares).

Roth também convidou Charlie Sheen para fazer Porthos, o mosqueteiro engraçado. Foi uma oferta atraente, pois Sheen desejava muito "penetrar em território Disney. A exposição no mundo inteiro é infintamente superior à dos outros estúdios e tenho um público melhor no estrangeiro do que nos Estados Unidos. O Japão é um grande mercado para mim." Sheen não menciona o fato de a Disney ter uma reputação de pegar astros que perderam seu brilho e dar vida nova às suas carreiras. Ele não conhecia o livro mas leu o script, retornou a ligação de Roth e disse que não se encaixaria fisicamente em Porthos. "Joe disse: 'Bem, Kiefer vai fazer Athos, e Chris está fazendo D'Artagnan. Só tem um papel sobrando: Aramis'."

Com Sutherland e Sheen acertados, Roth e Birnbaum deram um xeque-mate para valer na TriStar, que estava tentando atrair Ethan Hawke, William Baldwin, Robert Downey Jr. e Oliver Platt, que fôra convidado para fazer o papel de Porthos nas duas produções. Para liquidar de vez a concorrência, a Caravan enviou um costureiro a Europa para catalogar todo o vestuário da época, forçando os prováveis rivais a terem de criar seus próprios vestuários a partir do zero, o que seria um lance proibitivamente

No sentido horário: Tim Curry, o vilão Cardeal Richelieu, e Hugh O'Connor, rei Louis XIII; Sheen, Kiefer e Platt, como Aramis, Athos e Porthos; o rei e a rainha Anne (Gabrielle Anwar), e O'Donnell, D'Artagnan, com Kiefer

caro. A versão da TriStar rapidamente foi descartada, e logo depois a Caravan contratou Chechik para dirigir um outro filme, *Tall Tale*. Roth escalou todo o elenco, tranquilizando os atores com sua reputação e também com uma consolação especial, comum a todas as criações coletivas; nas palavras de Sheen, ele "queria estar num filme como este – se fosse um sucesso, eu fazia parte da equipe. Se não fosse, a culpa não seria minha".

Algumas semanas depois, o show se muda para a Cornualha, na Inglaterra. A equipe está abrigada à margem de um penhasco com vista para os quebra-mares. O desenhista de produção Wolf Kroeger tinha construído três enormes crucifixos cinzas, posicionados no meio de um enorme matagal e estátuas abandonadas, olhando para as cruzes. Turistas passeiam. Nesta cena, a vilã Milady está sendo detida pelos mosqueteiros, que a levam marchando na direção do penhasco onde vão executá-la. Ela se arrepende e se reconcilia com Athos, seu ex-marido, interpretado por Sutherland. Aí então, ele olha o amor de sua vida saltar para a morte.

Estão filmando a reação de Sutherland. Calmo, ágil, ele se afasta da borda do penhasco, não assustado pelo fato de que um passo em falso poderia arremessá-lo na mesma direção de seu amor, para dentro do mar. A equipe o chama para o um close-up e Sutherland assume o controle da situação, dizendo a Herek como quer fazer a cena. Logo depois, ele tranqüiliza o preocupado Herek, apertando suas mãos. Sutherland está com o rosto todo suado, ajoelhado na borda do penhasco. Ele se levanta solenemente, voltando-se para seus ardorosos companheiros de luta, Sheen e Platt. "O rei está em perigo", diz, compenetrado. "Temos um trabalho a fazer."

"Athos nunca teria se perdoado por condenar sua esposa, Milady De Winter, à morte", explica Sutherland. "Sua verdadeira ocupação se tornou a de ser um mosqueteiro e proteger o rei – é o que faz ele liderar os três. É a sua razão para viver. Ele não se lastima. Ele é extremamente sério."

O terreno é familiar. "Já fui muito acusado de me levar a sério demais", nota. Está estatelado em seu trailer, uma figura elusiva, toda de preto, embora tenha tirado os óculos escuros. "*Os Garotos Perdidos* poderia ser chamado de *camp*, uma caricatura, uma brincadeira. Eu não abordei o filme assim." Ele solta uma risadinha. "Pensava que estava fazendo um trabalho sério."

Na maturidade de seus 26 anos, com dez anos de carreira no cinema, Sutherland está se recuperando de sua primeira crise profissional. Depois de *Linha Mortal* e do bem-intencionado mas mal interpretado *Hospital de Heróis*, ele descobriu que não estava recebendo nenhum papel de mocinho. Resolveu então fazer uma pausa na carreira de ator e passar mais tempo em sua fazenda, em Montana, com Julia Roberts, sua noiva na época – até ela dispensá-lo três

dias antes do casamento e Sutherland iniciar sua fritura na mídia.

"Foi triste", ele diz. "Eu me importava muito com ela e espero que tenha sido recíproco durante pelo menos um tempo... no fim tudo termina trivializado de uma maneira descartável. Para mim obviamente não era e para ela também não. Ficou muito difícil durante um tempo diferenciar o que víamos nas manchetes de tablóides sensacionalistas do que realmente se passava em nossas cabeças."

Sutherland vê Athos como um grande personagem de John Wayne, como nos filmes que ele adorava quando era garoto. "Se tornou uma coisa muito, muito casual atirar sua própria merda no ventilador", ele continua. "Para mim, são apenas pessoas procurando uma desculpa para justificar as coisas que fazem, mesmo sabendo que são erradas. É muito fácil consertar isso. Basta parar. Se você tem um sério problema com o álcool, pare de beber. Senão, não. Houve um período em minha vida em que eu bebia quantidades incríveis – e quando começou a me incomodar, eu parei. E quando não incomodou mais, recomecei. Penso que esta foi a razão que me atraiu no personagem de Athos. Ele não sai por aí contando seus problemas para todo mundo e choramingando sem parar."

Anoitece na Cornualha e a equipe se prepara para a última tacada do dia: o salto de Milady. Os últimos dois dias têm sido bem estressantes para Rebecca De Mornay, que anda obcecada com as imagens que seu personagem veria nos momentos antes de sua morte. Ela parece frágil e apertada em um vestido de musselina creme, sob uma jaqueta azul fluorescente. Os pálidos cabelos loiros caem soltos sobre suas costas. Séria e sempre bem-intencionada, ela às vezes parece ter saído de *Far From the Madding Crowd* ou *Tess of the D'Urbervilles*, ou, talvez de uma versão bem diferente de *Os Três Mosqueteiros*. Rebecca está acordada desde as 2h30 da manhã. "Se você estivesse para ser executado, pularia da cama às duas da manhã", explica.

Para filmar a cena do pulo do penhasco, a equipe encontrou um rochedo na montanha que possibilitou a colocação de um estrado para as tomadas de baixo. Herek andou treinando o salto ele mesmo. Sobe até o topo do rochedo e se joga, aterrissando de cara; e então repete o processo várias vezes.

"Confesso que é um pulo mais difícil do que eu pensei", ele diz, retornando para seu monitor de vídeo, onde está Rebecca, distraidamente pensando em alguma coisa. Eles assistem juntos à cena no monitor.

"É você?", pergunta ela. "Como foi que aterrisou?"

"Mais sobre o cotovelo... Devo dizer que sinto uma atração por saltos desse tipo", responde ele.

"É de se pensar se ele não seria o próximo Spielberg", zomba ela, fora do alcance do diretor.

Ela olha em volta, buscando algum tipo de consolação. "Será que vai ficar elegante?", ela pergunta ao primeiro assistente de direção, David Tomblin.

"Incrivelmente", ele a conforta. "Você estará inaugurando um novo capítulo em sua vida. Poderá acabar se tornando uma estrela do balé."

Eles chamam os dublês para demonstrar o salto. Rebecca pede a eles para ajeitar os acolchoados de edredon sobre os colchões e solicita que o dublê demonstre novamente. "Só não quero ter de fazer isto mais de uma vez. Estou acordada desde as 2h30 da manhã. Estou cansada."

Começa a chuviscar.

A atriz escala o rochedo. "Não posso dizer o quanto estou assustada", ela diz, olhando angustiada para baixo.

Armazena coragem e pula, aterrisando de pé. "Oh, é muito mais fácil do que parece. É maravilhoso."

"Você tem de erguer seu vestido", diz Herek a Rebecca.

Ela treina mais algumas vezes, visivelmente relaxada. Eles tentam decifrar o que ela estaria fazendo com as mãos, o quadril, o resto do corpo. Ela tira seu casaco azul e fica em pé sobre o rochedo mais uma vez.

"Isto pode parecer uma bobagem, mas você não está filmando dentro do meu vestido, está?", pergunta ao câmera, agachado no chão, perto dos colchões.

"Eu ainda não sei o que estou filmando", responde. Ainda não começaram a rodar.

"Lembra quando você quis uma rede?", Herek chama de longe.

"Quero me atirar sozinha", responde Rebecca. "E você não quer me deixar." Ela tenta mais uma, saltando trêmula. "Deixa eu me jogar por minha conta", ela implora enquanto sobe de volta ao rochedo. Está chovendo forte agora.

Herek concorda: "Você está pronta? Salte!"

Rebecca pára por uma fração de segundo à beira do precipício, um poço de solidão. Ela faz uma careta e se atira, suavizando a queda com as mãos.

Semler e Herek assistem atentamente ao vídeo. Semler aponta que a atriz estava sorrindo.

"Você estava sorrindo?", Herek pergunta.

"Acho que estava sorrindo", ela ri, zombeteira, de si mesma.

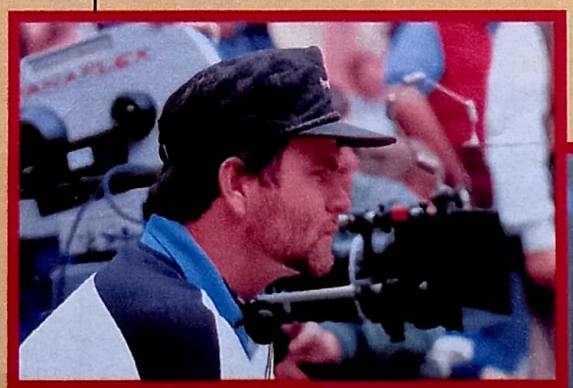
"Vamos ficar sérios", diz o diretor soturnamente. "Com o rosto mais para a frente."

"Eu bati um pouco a minha cabeça, mas agora vou bater o rosto", Rebecca diz, voltando para o rochedo.

Ela se concentra, deixa aflorar o último pensamento antes de sua morte e se atira. É um sucesso, incorporando a justa medida da tragédia que um filme leve e divertido precisa para funcionar. Todos aplaudem e soltam "hurras!".

"8.9!", berra Herek, e eles encerram o expediente.

Rachel Abramowitz, para a Premiere



No set, o diretor Stphen Herek, à esquerda, observa concentrado os espadachins em ação contra o exército do terrível Cardeal

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

FILMADORAS

VHS-C
NV-S750 PN
NV-S250 PN

MULTI LASER DISC PLAYER

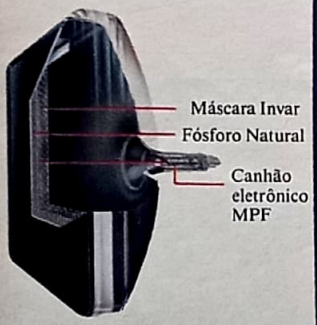
LX-K700
LX-101

VIDEOCASSETES

NV-SD10 BR
NV-SD20 BR
NV-HD100 BR

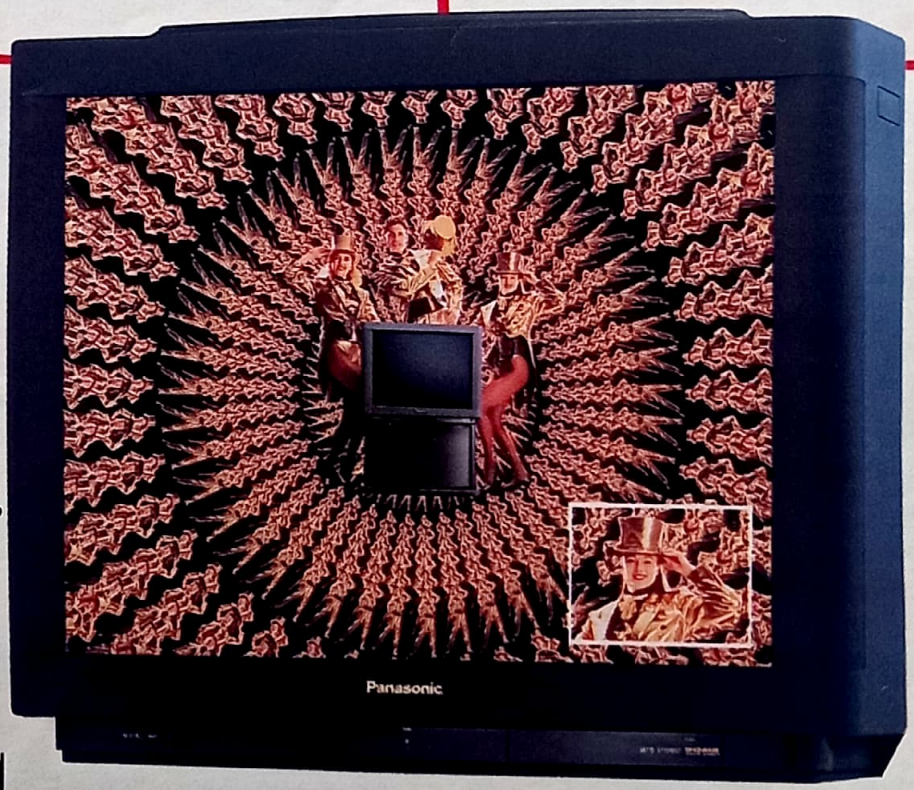
TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.



TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.



Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo. Conquiste este privilégio.

THE ONE

CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

Panasonic

Antecipa o futuro

À venda na Zona Franca de Manaus
Produtos Importados

19
o ano d
100 mil
dolares

Columbia Tri-Star

PREMIAR OS ETERNAMENTE INJ

PACINO, HOLLYWOOD COMEMOROU

DOS ÚLTIMOS DEZ ANOS. PARA

TREMENDA RESSACA, COM A COSTA DA

E AS MANSÕES DOS ASTROS SENDO

UIP

INCONTROLÁVEL. OS DIAS

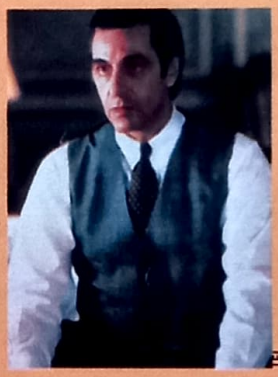
PLATINADA SÃO APENAS A

TRADICIONAL "RETROSPEC

93

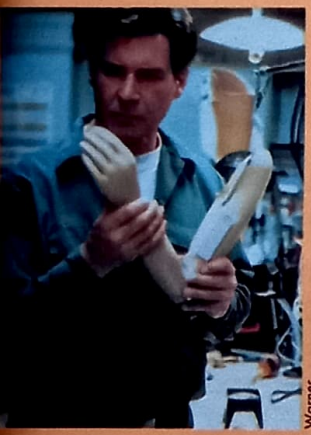
os

lhões de



...POR FILME! DEPOIS DE O OSCAR

USTIÇADOS CLINT EASTWOOD E AL



Warner

AS MAIORES BILHETERIAS

TAMANHA FESTA NÃO FALTOU UMA

CALIFÓRNIA ARDENDO EM CHAMAS

DESTRUÍDAS EM UM INCÊNDIO

DE CÉU E INFERNO DA VÊNUS

LGUNS FLASHBACKS DE NOSSA

TIVA DO ANO". REWIND...

Look

1993

RECORDES DE BILHETERIAS

verão esca

HÁ DEZ ANOS NÃO SE VIA UMA TEMPORADA TÃO RENTÁVEL, CUJO ÚNICO SEGREDO FORAM FILMES BONS O SUFICIENTE PARA LEVAR O PÚBLICO ÀS SALAS DE CINEMA

Os executivos de Hollywood sorriem satisfeitos como não faziam nos últimos dez anos. O motivo: o verão de 1993 encheu os cofres dos estúdios. No total, foram 2,12 milhões de dólares (só o mês de agosto, o final da temporada, arrecadou 580 milhões), contra 1,74 milhões de 1992 e 1, 86 milhões de 1991. A causa deste sucesso é simples: filmes bons o suficiente para levar multidões às salas de cinema. O maior vencedor da batalha foi *Jurassic Park*, de Steven Spielberg, que já entrou para a história como a maior bilheteria de todos os tempos, com a arrecadação de 705 milhões de dólares no mundo todo, batendo o recorde de 701 milhões obtido por *E.T. – o Extraterrestre* (1982). É bom deixar claro que o faturamento total considera, no caso dos Estados Unidos, o Canadá.

Stills

Para o presidente da United International Pictures (a UIP), Michael Williams-Jones, "o verão é a época mais importante do ano, inclusive nos territórios estrangeiros. Então, como distribuidores, é nossa obrigação prover ao público o que de melhor podemos fazer. Além disso, nós também devemos encorajar a melhoria da qualidade de apresentação".

E não é só em território norte-americano que as coisas vão indo muito bem. Só para se ter uma idéia, o número das salas de cinema na Bélgica, Alemanha e Espanha cresceu de 25 a 30% nos últimos três anos e na Inglaterra, mais de 60%.

O carro-chefe deste sucesso incomparável foram os filmes que fizeram mais de 100 milhões de bilheteria – *Jurassic Park* (327, 216), *A Firma* (155,000), *O Fugitivo* (170, 473) e *Sintonia de Amor* (119,984). Na seqüência, vêm *Na Linha de Fogo* (97,8), *Risco Total* (82,4), *Free Willy* (67,1), *O Último Grande Herói* (50,0), *Sol Nascente* (52,7) e *Rookie of the Year* (49,7).

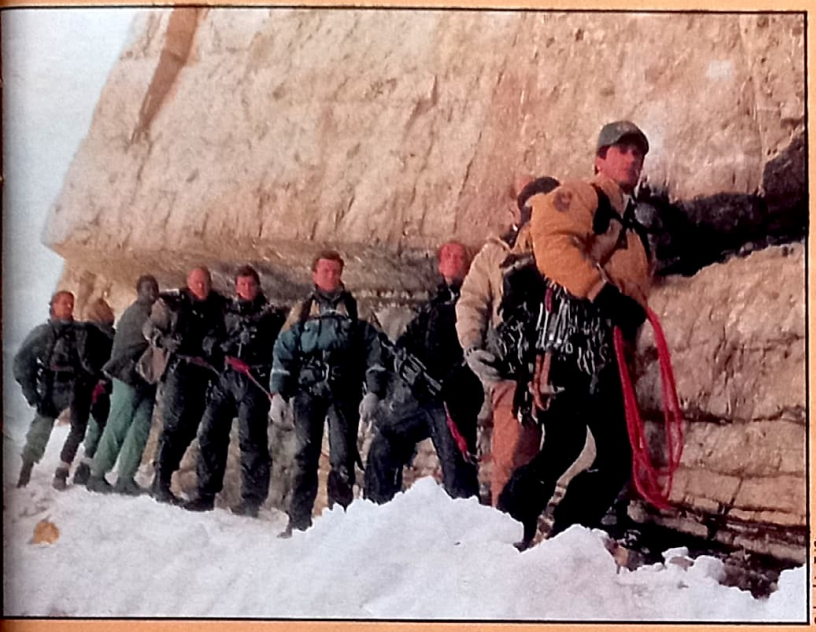
A partir deste verão, as perspectivas para o cinema acenam cada vez mais rentáveis, já que o faturamento tende a aumentar ainda mais quando os filmes chegarem às redes de TV convencionais, a cabo e por assinatura e ao vídeo. A premissa básica, em qualquer território, é a de que se o filme vai muito bem nos cinemas isso implica num futuro promissor também nestes mercados secundários.

Para os produtores, no entanto, às vezes nem tudo corre de acordo com o planejado. Este é caso das duas maiores decepções do ano em termos de bilheteria: *O Último Grande Herói*, da Columbia TriStar, que apesar de ter bombardeado o mundo todo com propaganda em massa e de ter gasto os tufos para colocar na fuselagem do foguete Conestoga uma mensagem que ficará em órbita durante dois anos, não obteve resultados positivos, e *Invasão de Privacidade*, da UIP, que apesar da presença de Sharon Stone não conquistou o público americano, mas que está indo razoavelmente em territórios estrangeiros – com faturamento de 80 milhões de dólares.

Se o pensamento de Williams-Jones, da UIP, for verdadeiro, quem ganha mesmo nesta guerra financeira somos nós os espectadores, que poderemos contar com um renascimento de grandes obras, como aquelas que foram feitas até a primeira metade deste século, na linha do romântico *Sintonia de Amor*, ou então termos certeza de que a tecnologia não parará nos efeitos incríveis de *Jurassic Park*.

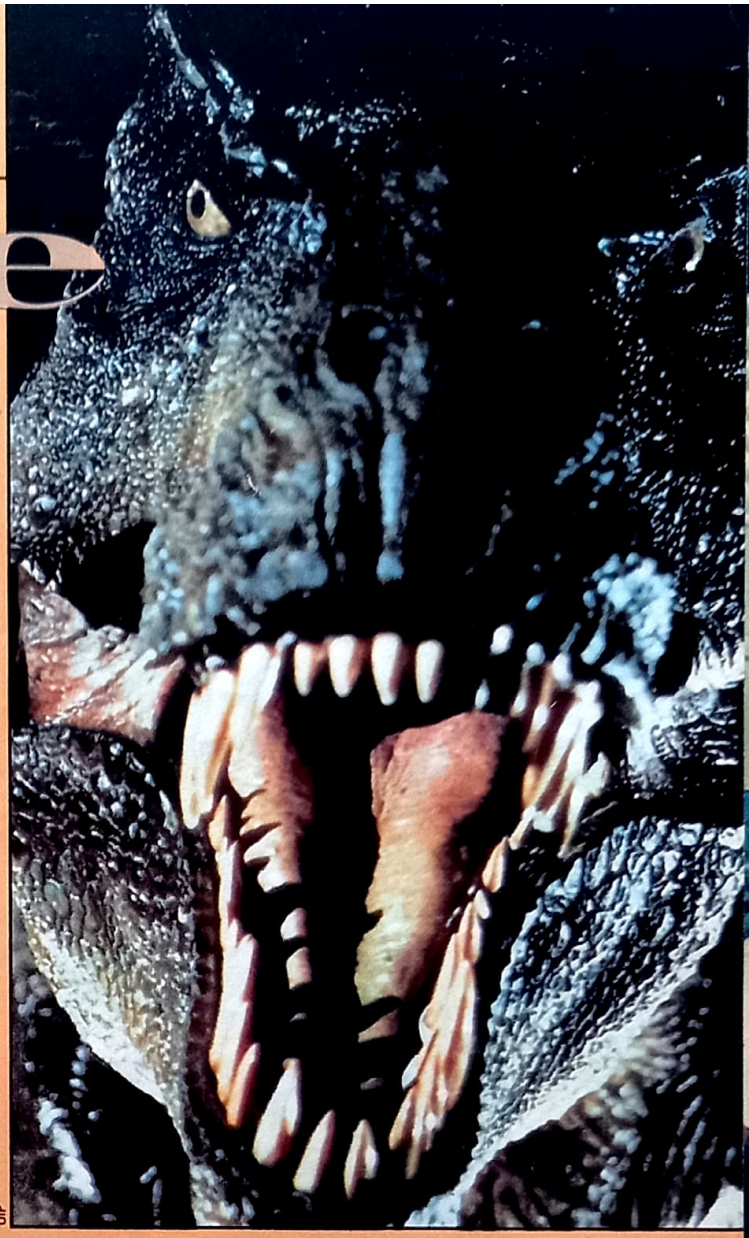
Warner

ldante



Columbia TriStar

Columbia TriStar



UIP

Fox

Temporada quente. Os bons filmes que lotaram os cinemas americanos, no sentido horário: *A Firma*, *Risco Total*, *Jurassic Park*, *Sol Nascente*, *Sintonia de Amor* e *O Fugitivo*

bilheteria brasileira

EM MILHÕES DE CRUZEIROS, ATÉ 28/10

JURASSIC PARK (UIP)
9.768.864
PROPOSTA INDECENTE (UIP)
4.560.544
ALIADIN (Columbia)
4.300.629
PERFUME DE MULHER (UIP)
3.214.004
DRÁCULA DE BRAM STOKER (Columbia) 2.510.085
O GUARDA-COSTAS (Warner)
2041.953
QUESTÃO DE HONRA (Columbia)
1.664.146
O ÚLTIMO DOS MOICANOS (Warner)
1.614.993
DENNIS, O PIMENTINHA (Warner)
1.262.941
INVASÃO DE PRIVACIDADE (UIP)
1.164.079

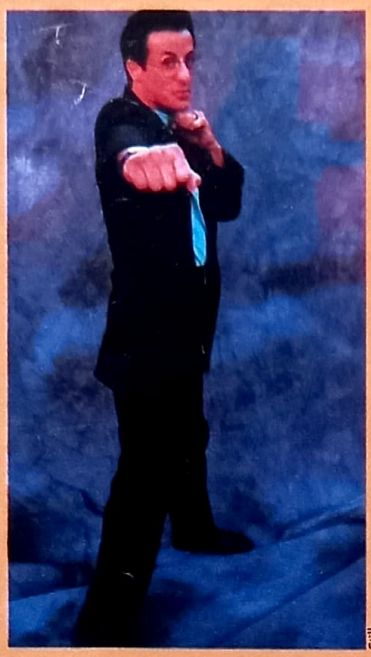
FONTE: *VARIETY*

1993

GUERRA DE MÚSCULOS

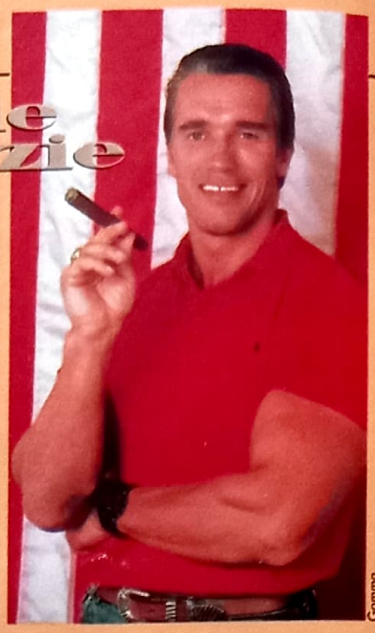
a culpa de sly

Se o seu maior adversário no gênero porrada se deu mal em 1993, Sly acertou em cheio. Como se fizesse uma sessão-divã sobre sua carreira politicamente incorreta, e principalmente sobre seu desacerto como comediante, Stallone voltou aos filmes de ação com o aplaudido thriller *Risco Total*, de Renny Harlin. Os fãs adoraram. Mas o segundo homem-músculos mais poderoso de Hollywood foi à imprensa se desculpar em nome de Rambo. Sly fez então dois personagens assépticos, embora usem de força bruta para obterem o objetivo. Além do alpinista de *Risco Total*, o policial Spartan de *O Demolidor*. Sobre esse segundo, Sylvester teve alguns probleminhas: a revista italiana *Ciak*, que sem medo de processos, publicou em sua edição de setembro *stills* roubados do estúdio em que o ator aparece em nu frontal , com direito a mostrar todos os talentos que Deus lhe deu.



Stills

o furo de schwarzie



Gamma

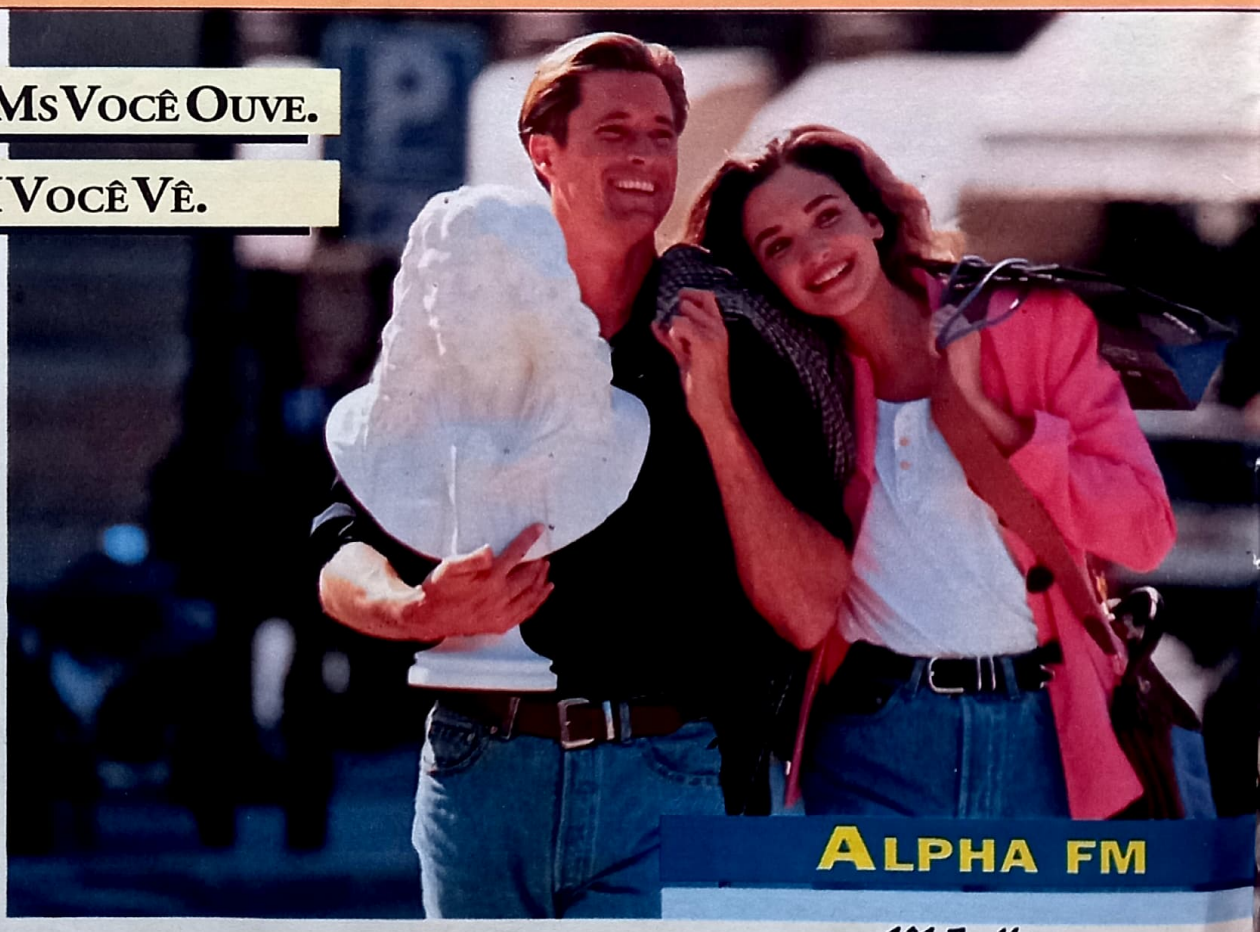
Em sua chamada de capa da edição de 14 de junho, o semanário *Variety* perguntava se Spielberg iria jogar Arnold aos lagartões. E foi exatamente isso o que aconteceu. Um executivo do estúdio chegou a declarar, na época, que o filme faria facilmente uma bilheteria de 200 milhões de dólares. Pessimismos à parte, não passou de um quarto do previsto. No entanto, uma boa parcela da culpa não é do filme mas sim da campanha afirmando que este seria o melhor filme de Schwarzenegger. Não agradou ao público, muito menos à crítica que viu nele uma lição de moral. Foi alardeado que Schwarzie vinha ao celulóide pedir desculpas pelo excesso de violência mostrado em seus trabalhos anteriores. Ajudado pelo roteiro fraco e efeitos especiais que não chegam aos pés dos de *Jurassic Park*, o filme afundou como o Titanic. Em resumo, *O Último Grande Herói* se transformou num veículo que pode levar a carreira do homem-músculos a uma situação delicada – será que ele conseguirá se recuperar do desastre?

continua na página 51

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.



ALPHA FM

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

SET

APRESENTA

10 ANOS DE VÍDEO NO BRASIL

EM BUSCA DO ACERVO IDEAL

***A Paixão de Joana d'Arc*, de Carl Dreyer (acima) e *O Atalante* de Jean Vigo (abaixo): dois dos raros clássicos ainda inéditos no mercado brasileiro de vídeo**

Entre 1982 e 83, com o aparelho de videocassette já razoavelmente disseminado nas residências de classe média alta, começaram a aparecer no Brasil as primeiras locadoras, ainda em forma de "videoclubes". Inicialmente a pirataria fazia a festa (o mercado só se regularizou mesmo em 87), mas hoje a oferta de títulos selados, se não chega à perfeição, oferece uma variedade à toda prova.

Para o apaixonado por cinema, não há dúvidas de que este aparelho foi o eletrodoméstico da década, possibilitando ver ou rever filmes pelos quais tínhamos antes de esperar anos até que alguma cinemateca o programasse – com o agravante de encontrar, na maioria das vezes, cópias surradas, riscadas, lavadas, arruinadas.

Por isso, chegamos à conclusão de que o melhor método para se avaliar até que ponto o catálogo das distribuidoras atende ao consumidor mais exigente seria confrontá-lo com as listas dos "melhores filmes de todos os tempos" realizadas até hoje pela crítica mundial. A partir do cruzamento destas votações, obtivemos uma lista principal de consenso e ainda adicionamos votações semelhantes relativas apenas à década de 80. Complementamos, então, a opinião internacional com a participação especial de notórios cinéfilos inveterados e profundos conhecedores do assunto, como Lúcia Nagib, Ruy Castro e Silvio de Abreu. Como se verá, o número de "filmes fundamentais" inéditos em vídeo é bem menor do que os já disponíveis – um saldo extremamente positivo para o mercado brasileiro. Ficam as sugestões para as distribuidoras que se dispuserem a preencher as lacunas existentes.

O bônus extra deste caderno/dossiê está nas recomendações listadas sob o título "Tesouro Oculto" – filmes que quase ninguém viu e que nunca apareceram em nenhuma lista de "melhores de todos os tempos", mas que certamente merecem ser conferidos

Logo em seguida, você encontrará uma ampla reportagem narrando a história da formação do mercado de vídeo no Brasil, acrescido de um breve perfil das distribuidoras que hoje o dominam.

O panorama não ficaria completo sem o mais simples e prático serviço que poderíamos prestar a nossos leitores: uma indicação das locadoras de melhor acervo nas principais cidades do país. Para isso, consultamos jornalistas do Brasil inteiro e publicamos a lista no final da matéria.

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

"CONSENSO DA CRÍTICA MUNDIAL"

A lista abaixo foi obtida através do cruzamento das votações publicadas nesta matéria, incluindo-se apenas os filmes que apareciam em mais de uma lista e excluindo as votações relativas à década de 80. Este seria, hipoteticamente, o acervo ideal de "clássicos" de uma locadora abastecida para atender os mais exigentes paladares. Confira os que já estão disponíveis no mercado brasileiro e teste sua cultura cinematográfica!

1. ***Cidadão Kane**** *(Citizen Kane, EUA, 1941)*
   Orson Welles
2. ***Um Corpo que Cai**** *(Vertigo, EUA, 1958)*
   Alfred Hitchcock
3. ***O Poderoso Chefão II**** *(The Godfather II, EUA,1974)*
   Francis Ford Coppola
4. ***O Atalante*** *(L'Atalante, França, 1934)*
   Jean Vigo
5. ***O Poderoso Chefão**** *(The Godfather, EUA, 1972)*
   Francis Ford Coppola
6. ***O Mágico de Oz**** *(The Wizard of Oz, EUA, 1939)*
   Victor Fleming
7. ***Psicose*** *(Psycho, EUA, 1960)*
   Alfred Hitchcock
8. ***Apocalypse Now**** *(EUA, 1979)*
   Francis Ford Coppola
9. ***Fuga do Passado*** *(Out of the Past, EUA, 1947)*
   Jacques Tourneur
10. ***Tempos Modernos*** *(Modern Times, EUA, 1936)*
    Charles Chaplin
11. ***Os Sete Samurais**** *(Shichinin No Samurai, Japão, 1954)*
    Akira Kurosawa
12. ***Luzes da Cidade**** *(City Lights, EUA, 1931)*
    Charles Chaplin
13. ***Blade Runner – O Caçador de Andróides**** *(Blade Runner, EUA, 1982)*
    Ridley Scott
14. ***2001 – Uma Odisséia no Espaço**** *(2001: A Space Odyssey, Inglaterra, 1968)*
    Stanley Kubrick
15. ***Rastros de Ódio**** *(The Searchers, EUA, 1956)*
    John Ford
16. ***O Encouraçado Potemkin**** *(Bronenosets Potymkin, Rússia, 1925)*
    Sergei Eisenstein
17. ***A General**** *(The General, EUA, 1926)*
    Buster Keaton/Clyde Bruckman
18. ***A Regra do Jogo*** *(La Règle du Jeu, França, 1939)*
    Jean Renoir
19. ***Crepúsculo dos Deuses*** *(Sunset Boulevard, EUA, 1950)*
    Billy Wilder
20. ***A Paixão de Joana d'Arc*** *(La Passion de Jeanne d'Arc, França, 1928)*
    Carl Dreyer
21. ***Touro Indomável*** *(Raging Bull, EUA, 1980)*
    Martin Scorsese
22. ***Uma Mulher para Dois*** *(Jules et Jim, França, 1961)*
    François Truffaut

* *Disponível em vídeo.*

JORNALISTAS, PRODUTORES E CINEASTAS FAZEM SUAS LISTAS

"Top 100 Films", da revista inglesa *Time Out*, de 4 de outubro de 1989. Nessa época, para comemorar o lançamento de um guia de filmes com cerca de 9 mil títulos, a Editora Penguin perguntou a 60 cinéfilos, incluindo alguns diretores e colaboradores, quais seriam os dez maiores filmes de todos os tempos. O resultado da votação foi este:

1) ***Cidadão Kane***
2) ***O Terceiro Homem*** *(The Third Man, Inglaterra, 1949)* – Carol Reed
3) ***O Mensageiro do Diabo*** *(The Night of the Hunter, EUA, 1955)* – Charles Laughton
4) ***Quanto Mais Quente Melhor*** *(Some Like It Hot, EUA, 1959)* – Billy Wilder
5) ***O Poderoso Chefão I e II***
6) ***Um Corpo que Cai***
7) ***O Atalante***
8) ***Touro Indomável***
9) ***O Boulevard do Crime*** *(Les Enfants du Paradis, França, 1945)* – Marcel Carné
10) ***Intriga Internacional*** *(North by Northwest, EUA, 1959)* – Alfred Hitchcock
11) ***Era Uma Vez no Oeste*** *(C'era Una Volta il West, Itália, 1968)* – Sergio Leone
12) ***A Marca da Maldade*** *(Touch of Evil, EUA, 1958)* – Orson Welles
13) ***A Regra do Jogo***
14) ***Psicose***
15) ***O Mágico de Oz***
16) ***Veludo Azul*** *(Blue Velvet, EUA, 1986)* – David Lynch
17) ***Apocalypse Now***
18) ***Neste Mundo e no Outro*** *(A Matter of Life and Death, Inglaterra, 1946)* – Michael Powell
19) ***Chinatown*** *(EUA, 1974)* – Roman Polanski
20) ***Rastros de Ódio*** *(The Searchers, EUA, 1956)* – John Ford
21) ***Tokyo Story*** *(Japão, 1953)* – Yasujiro Ozu
22) ***Brazil*** *(Inglaterra, 1985)* – Terry Gilliam
23) ***A Morte num Beijo*** *(Kiss Me Deadly, EUA, 1955)* – Robert Aldrich
24) ***A Embriaguez do Sucesso*** *(Sweet Smell of Success, EUA, 1957)* – Alexander Mackendrick
25) ***A Bela e a Fera*** *(La Belle et la Bête, França, 1946)* – Jean Cocteau
26) ***Era Uma Vez na América*** *(Once Upon a Time in America, EUA, 1983)* – Sergio Leone
27) ***Um Inverno de Sangue em Veneza*** *(Don't Look Now, EUA, 1973)* – Nicholas Roeg
28) ***Janela Indiscreta*** *(Rear Window, EUA, 1954)* – Alfred Hitchcock
29) ***Coronel Blimp*** *(The Life and Death of Colonel Blimp, Inglaterra, 1943)* – Michael Powell
30) ***À Beira do Abismo*** *(The Big Sleep, EUA, 1946)* – Howard Hawks
31) ***Interlúdio*** *(Notorius, EUA, 1946)* – Alfred Hitchcock
32) ***Uma Rua Chamada Pecado*** *(A Streetcar Named Desire, EUA, 1951)* – Elia Kazan
33) ***O Amigo Americano*** *(Der Amerikanische Freund, Alemanha/França, 1977)* – Wim Wenders
34) ***A Árvore dos Tamancos*** *(L'Albero degli Zoccoli, Itália, 1978)* – Ermanno Olmi
35) ***Soberba*** *(The Magnificent Ambersons, EUA, 1942)* – Orson Welles
36) ***Cantando na Chuva*** *(Singin' in the Rain, EUA, 1952)* – Stanley Donen e Gene Kelly
37) ***O Rei da Comédia*** *(The King of Comedy, EUA, 1982)* – Martin Scorsese
38) ***Uma Rajada de Balas*** *(Bonnie and Clyde, EUA, 1967)* – Arthur Penn
39) ***Jean de Florette*** *(França/Itália, 1986)* – Claude Berri
40) ***As Oito Vítimas*** *(Kind Hearts and Coronets, Inglaterra, 1949)* – Robert Hamer

OS MELHORES FILMES

JORNALISTAS, PRODUTORES E CINEASTAS FAZEM SUAS LISTAS

41) ***Caminhos Perigosos*** *(Mean Streets, EUA, 1973)* – Martin Scorsese
42) ***Os Sete Samurais***
43) ***Palavras ao Vento*** *(Written on the Wind, EUA, 1956)* – Douglas Sirk
44) ***O Evangelho Segundo São Mateus*** *(Il Vangelo Secondo Matteo, Itália/França, 1964)* – Pier Paolo Pasolini
45) ***Pacto de Sangue*** *(Double Indemnity, EUA, 1944)* – Billy Wilder
46) ***Ivan, o Terrível*** *(Ivan Groznyi, URSS, 1944)* – Sergei Eisenstein
47) ***O Balão Vermelho*** *(Red Balloon, França, 1956)* – Albert Lamorisse
48) ***A Paixão de Joana D'Arc***
49) ***Fuga do Passado***
50) ***Terra*** *(Zemlya, URSS, 1930)* – Aleksandr Dovzhenko
51) ***Núpcias de Escândalo*** *(The Philadelphia Story, EUA, 1940)* – George Cukor
52) ***Une Partie de Campagne*** *(França, 1936)* – Jean Renoir
53) ***Viaggio in Italia*** *(Itália, 1953)* – Roberto Rossellini
54) ***Lawrence da Arábia*** *(Lawrence of Arabia, Inglaterra, 1962)* – David Lean
55) ***Pickpocket*** *(França, 1959)* – Robert Bresson
56) ***Klute, O Passado Condena*** *(Klute, EUA, 1971)* – Alan J. Pakula
57) ***O Fantasma Apaixonado*** *(The Ghost and Mrs. Muir, EUA, 1947)* – Joseph L. Mankiewicz
58) ***A Malvada*** *(All About Eve, EUA, 1950)* – Joseph L. Mankiewicz
59) ***Doutor Fantástico*** *(Dr. Strangelove, EUA, 1963)* – Stanley Kubrick
60) ***Tempos Modernos***
61) ***O Anjo Exterminador*** *(El Angel Exterminador, México, 1962)* – Luis Buñuel
62) ***Rue Cases Nègres*** *(França, 1983)* – Euzhan Palcy
63) ***O Exorcista*** *(The Exorcist, EUA, 1973)* – William Friedkin
64) ***O Sacrifício*** *(Offret/Sacrificatio, Suécia/França, 1986)* – Andrei Tarkovsky
65) ***Stalker*** *(URSS, 1979)* – Andrei Tarkovsky
66) ***A Saída dos Operários das Usinas*** *(La Sortie des Usines, França, 1895)* – Louis Lumière
67) ***Zombie, Despertar dos Mortos*** *(Dawn of the Dead, EUA, 1979)* – George A. Romero
68) ***Agora Seremos Felizes*** *(Meet Me in St. Louis, EUA, 1944)* – Vincente Minnelli
69) ***Pacto Sinistro*** *(Strangers on a Train, EUA, 1951)* – Alfred Hitchcock
70) ***Rei das Crianças*** *(King of the Children, China, 1987)* – Chen Kaige
71) ***2001 – Uma Odisséia no Espaço***
72) ***Blade Runner – O Caçador de Andróides***
73) ***A Festa de Babette*** *(Babette's Gaestebud, Dinamarca, 1988)* – Gabriel Axel
74) ***Assim Estava Escrito*** *(The Bad and the Beautiful, EUA, 1952)* – Vincente Minnelli
75) ***Kitchen*** *(EUA, 1966)* – Andy Warhol
76) ***Os 39 Degraus*** *(The 39 Steps, Inglaterra, 1935)* – Alfred Hitchcock
77) ***The Story of the Late Chrysanthemus*** *(Japão, 1939)* – Kenji Mizoguchi
78) ***Umberto D*** *(Itália, 1962)* – Vittorio De Sica
79) ***A Imperatriz Galante*** *(The Scarlet Empress, EUA, 1934)* – Josef von Sternberg
80) ***Os Homens Preferem as Loiras*** *(Gentlemen Prefer Blondes, EUA, 1953)* – Howard Hawks
81) ***O Ajuste de Contas*** *(The Big Easy, EUA, 1986)* – Jim McBride
82) ***Vinhas da Ira*** *(The Grapes of Wraith, EUA, 1940)* – John Ford
83) ***Fúria Sangüinária*** *(White Heat, EUA, 1949)* – Raoul Walsh
84) ***This is Spinal Tap*** *(EUA, 1983)* – Rob Reiner
85) ***Juventude Transviada*** *(Rebel Without a Cause, EUA, 1955)* – Nicholas Ray
86) ***Os Desajustados*** *(Withnail & I, Inglaterra, 1986)* – Bruce Robinson
87) ***A General***
88) ***Angst Essen Seele Auf*** *(Alemanha, 1973)* – Rainer Werner Fassbinder
89) ***A Batalha de Argel*** *(La Bataglia di Algeri, Argélia/Itália, 1965)* – Gillo Pontecorvo
90) ***O Discreto Charme da Burguesia*** *(Le Charme Discret de la Bourgeoisie, França, 1972)* – Luis Buñuel
91) ***Outubro*** *(Oktyabre, URSS, 1927)* – Sergei Eisenstein
92) ***O Perigoso Adeus*** *(The Long Goodbye, EUA, 1973)* – Robert Altman
93) ***Campanadas a Medianoche*** *(Espanha/Suíça, 1966)* – Orson Welles
94) ***A Conversação*** *(The Conversation, EUA, 1974)* – Francis Ford Coppola
95) ***Im Lauf der Zeit*** *(Alemanha, 1976)* – Wim Wenders
96) ***Corrida Silenciosa*** *(Silent Running, EUA, 1971)* – Douglas Trumbull
97) ***ET – O Extraterrestre*** *(ET – The Extra-Terrestrial, EUA, 1982)* – Steven Spielberg
98) ***O Raio Verde*** *(Le Rayon Vert, França, 1986)* – Eric Rohmer
99) ***Crepúsculo dos Deuses***
100) ***Mogli, O Menino Lobo*** *(The Jungle Book, EUA, 1967)* – Wolfgang Reitherman

Os 30 Melhores Filmes de Todos os Tempos, escolhidos pelo semanário *L.A. Weekly* (Los Angeles), em janeiro de 1993:

1) ***O Poderoso Chefão II***
2) ***Luzes da Cidade***
3) ***Onde Começa o Inferno*** *(Rio Bravo, EUA, 1959)* – Howard Hawks
4) ***Um Corpo que Cai***
5) ***Jejum de Amor*** *(His Girl Friday, EUA, 1940)* – Howard Hawks
6) ***Cidadão Kane***
7) ***Fuga do Passado***
8) ***A Loja da Esquina*** *(The Shop Around the Corner, EUA, 1940)* – Ernst Lubitsch
9) ***Tempos Modernos***
10) ***Intolerância*** *(Intolerance, EUA, 1916)* – David W. Griffith
11) ***Blade Runner – O Caçador de Andróides***
12) ***Crepúsculo dos Deuses***
13) ***A General***
14) ***Rastros de Ódio***
15) ***Meu Ódio Será Sua Herança*** *(The Wild Bunch, EUA, 1969)* – Sam Peckinpah
16) ***Casablanca*** *(EUA, 1942)* – Michael Curtiz
17) ***Aurora*** *(Sunrise, EUA, 1927)* – Friedrick Wilhelm Murnau
18) ***A Marca da Maldade*** *(Touch of Evil, EUA, 1958)* – Orson Welles
19) ***O Mágico de Oz***
20) ***Diabo a Quatro*** *(Duck Soup, EUA, 1933)* – Leo McCarey
21) ***As Três Noites de Eva*** *(The Lady Eve, 1941)* – Preston Sturges
22) ***O Mensageiro do Diabo*** *(Night of the Hunter, EUA, 1955)* – Charles Laughton
23) ***A Woman Under the Influence*** *(EUA, 1974)* – John Cassavetes
24) ***Sob o Domínio do Mal*** *(The Manchurian Candidate, EUA, 1962)* – John Frankenheimer
25) ***King Kong*** *(EUA, 1931)* – Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack
26) ***Ritmo Louco*** *(Swing Time, EUA, 1936)* – George Stevens
27) ***Os Imperdoáveis*** *(Unforgiven, EUA, 1992)* – Clint Eastwood
28) ***A Morte num Beijo***
29) ***Pinóquio*** *(Pinocchio, EUA, 1940)* – Ben Sharpsteen e Hamilton Luske
30) ***Era Uma Vez na América***

Os 25 marcos da cinematografia americana para a "Galeria da Fama", do Producers Guild of America Hall of Fame (1927-1980). Os títulos levantados em 1993:

1) ***Um Americano em Paris*** *(An American in Paris, EUA, 1951)* – Vincente Minnelli
2) ***Uma Rajada de Balas***
3) ***Luzes da Cidade***
4) ***Dr. Jivago*** *(Dr. Zhivago, Inglaterra, 1965)* – David Lean
5) ***A Luz É para Todos*** *(Gentlemen's Agreement, EUA, 1948)* – Elia Kazan
6) ***O Poderoso Chefão II***
7) ***Terra dos Deuses*** *(The Good Earth, EUA, 1937)* – Sidney Franklin
8) ***Como Era Verde o Meu Vale*** *(How Green Was My Valley, EUA, 1941)* – John Ford
9) ***Tubarão*** *(Jaws, EUA, 1975)* – Steven Spielberg
10) ***Julgamento em Nuremberg*** *(Judgment at Nuremberg, EUA, 1961)* – Stanley Kramer.
11) ***King Kong***
12) ***O Mais Longo dos Dias*** *(The Longest Day, EUA, 1962)* – Ken Annakin, Andrew Marton e Bernhard Wicki
13) ***Horizonte Perdido*** *(Lost Horizon, EUA, 1937)* – Frank Capra
14) ***Marty*** *(EUA, 1955)* – Delbert Mann
15) ***De Ilusão Também Se Vive*** *(Miracle on 34th Street, EUA, 1947)* – George Seaton
16) ***Consciências Mortas*** *(The Oxbow Incident, EUA, 1943)* – William Wellman
17) ***Psicose***
18) ***Depois do Vendaval*** *(The Quiet Man, EUA, 1952)* – John Ford
19) ***Touro Indomável***
20) ***Rio Vermelho*** *(Red River, EUA, 1948)* – Howard Hawks
21) ***Os Brutos Também Amam*** *(Shane, EUA, 1953)* – George Stevens
22) ***Cantando na Chuva***
23) ***A Noviça Rebelde*** *(The Sound of Music, 1965)* – Robert Wise
24) ***Os Dez Mandamentos*** *(The Ten Commandments, EUA, 1956)* – Cecil B. DeMille
25) ***Asas*** *(Wings, EUA, 1927)* – William A. Wellman

Os 30 Clássicos do Cinema Europeu, escolhidos por 20 diretores europeus, entre eles Richard Lester, John Schlesinger e Peter Fleichmann, em 1991. A pesquisa foi feita a convite do Departamento de Cultura de Madri, num evento em defesa do cinema europeu.

1) ***O Anjo Azul*** *(Der Blaue Engel, Alemanha, 1930)* – Josef Von Sternberg
2) ***A Grande Ilusão*** *(La Grande Illusion, França, 1937)* – Jean Renoir
3) ***Desencanto*** *(Brief Encounter, Inglaterra, 1945)* – David Lean
4) ***Amarcord*** *(Itália, 1973)* – Federico Fellini
5) ***A Chegada do Trem na Estação*** *(L'Arrivée du Train en Gare, França, 1895)* – Louis Lumière
6) ***Viridiana*** *(México, 1961)* – Luis Buñuel
7) ***A Morte de Um Ciclista*** *(Muerte de Un Ciclista, Espanha, 1954)* – Juan-Antonio Bardem
8) ***Fanny e Alexandre*** *(Fanny & Alexander, Suécia, 1982)* – Ingmar Bergman
9) ***O Conformista*** *(Il Conformista, Itália, 1970)* – Bernardo Bertolucci
10) ***Encouraçado Potemkin***
11) ***Le Journal d'Un Curé de Campagne*** *(França, 1950)* – Robert Bresson
12) ***O Boulevard do Crime***
13) ***História de um Chapéu de Palha*** *(Un Chapeau de Paille d'Italie, França, 1927)* – René Clair
14) ***Milagre em Milão*** *(Milagro a Milano, Itália, 1950)* – Vittorio De Sica
15) ***O Casamento de Maria Braun*** *(Die Ehe der Maria Braun, Alemanha, 1978)* – Rainer Werner Fassbinder
16) ***Os Amores de uma Loira*** *(Lasky Jedne Plavovlasky, Tchecoslováquia, 1965)* – Milos Forman
17) ***Napoleon*** *(França, 1926)* – Abel Gance
18) ***Acossado*** *(A Bout de Souffle, França, 1959)* – Jean-Luc Godard
19) ***Metrópolis*** *(Alemanha, 1926)* – Fritz Lang
20) ***Nosferatu*** *(Alemanha, 1922)* – Murnau
21) ***O Posto*** *(Il Posto, Itália, 1961)* – Ermanno Olmi
22) ***Lola Montés*** *(França, 1955)* – Max Ophuls
23) ***Nuit et Brouillard*** *(França, 1955)* – Alain Resnais
24) ***As Férias do Sr. Hulot*** *(Les Vacances de Mr. Hulot, França, 1953)* – Jacques Tati
25) ***Andrei Rublev*** *(URSS, 1966)* – Andrei Tarkovsky
26) ***Uma Mulher para Dois***
27) ***O Atalante***
28) ***O Leopardo*** *(Il Gattopardo, Itália, 1963)* – Luchino Visconti
29) ***A Paixão de Joana D'Arc***
30) ***Cinzas e Diamantes*** *(Popiol i Diament, Polônia, 1958)* – Andrzej Wajda

Os 10 Filmes de Todos os Tempos segundo a revista inglesa *Sight and Sound* de dezembro de 1992. A pesquisa foi feita com 250 críticos e diretores do mundo todo.

A lista dos críticos:

1) ***Cidadão Kane***
2) ***A Regra do Jogo***
3) ***Tokyo Story***
4) ***Um Corpo que Cai***
5) ***Rastros de Ódio***
6) ***O Atalante***
7) ***A Paixão de Joana D'Arc***
8) ***Pather Panchali*** *(Índia, 1955)* – Satyaji Ray
9) ***Encouraçado Potemkin***
10) ***2001 – Uma Odisséia no Espaço***

A lista dos diretores:

1) ***Cidadão Kane***
2) ***Touro Indomável***
3) ***Fellini Oito e Meio*** *(Otto e Mezzo, Itália, 1963)*
4) ***A Estrada da Vida*** *(La Strada, Itália, 1954)* – Federico Fellini
5) ***O Atalante***
6) ***Tempos Modernos***
7) ***O Poderoso Chefão***
8) ***Um Corpo que Cai***
9) ***Os Sete Samurais***
10) ***A Paixão de Joana D'Arc***
O Poderoso Chefão II
Rashomon *(Japão, 1950)* – Akira Kurosawa

Os 20 Filmes de Todos os Tempos segundo a revista italiana *Ciak*:

1) ***Cidadão Kane***
2) ***A Regra do Jogo***
3) ***Um Corpo que Cai***
4) ***Rastros de Ódio***
5) ***A Doce Vida*** *(La Dolce Vita, Itália, 1960)* – Federico Fellini
6) ***2001 – Uma Odisséia no Espaço***
7) ***Fellini Oito e Meio***
8) ***A Paixão de Joana D'Arc***
9) ***Encouraçado Potemkin***
10) ***O Atalante***
11) ***Ladrões de Bicicleta*** *(Ladri di Biciclette, Itália, 1948)* – Vittorio De Sica
12) ***Apocalypse Now***
13) ***Em Busca do Ouro*** *(The Gold Rush, EUA, 1925)* – Charles Chaplin
14) ***Paisà*** *(Itália, 1946)* – Roberto Rossellini
15) ***O Boulevard do Crime***
16) ***Sedução da Carne*** *(Senso, Itália, 1954)* – Luchino Visconti
17) ***M – O Vampiro de Dusseldorf*** *(M, Alemanha, 1931)* – Fritz Lang
18) ***Uma Mulher para Dois***
19) ***No Tempo das Diligências*** *(Stagecoach, EUA, 1939)* – John Ford
20) ***Crepúsculo dos Deuses***

Os Melhores Filmes da Década de 80 segundo pesquisa da revista *American Film*

Filmes estrangeiros:

1) ***Ran*** *(Japão/França, 1985)* – Akira Kurosawa
2) ***Fanny e Alexandre***
3) ***Pixote – A Lei do Mais Fraco*** *(Brasil, 1980)* – Hector Babenco
4) ***Momento Inesquecível*** *(Local Hero, Escócia, 1983)* – Bill Forsyth
5) ***A Noite de São Lourenço*** *(La Notte di San Lorenzo, Itália, 1982)* – Paolo Taviani e Vittorio Taviani
6) ***Minha Vida de Cachorro*** *(Mit Liv Som Hund, Suécia, 1985)* – Lasse Halstrom
7) ***Jean de Florette***
A Vingança de Manon *(Manon des Sources, França, 1986)* – Claude Berri
Asas do Desejo *(Der Himmel Über Berlin, Alemanha/França, 1987)* – Wim Wenders
A Festa de Babette
L'Argent *(França, 1983)* – Robert Bresson
Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos *(Mujeres al Borde de Un Ataque de Nervios, Espanha, 1988)* – Pedro Almodóvar
8) ***Minha Adorável Lavanderia*** *(My Beautiful Laundrette, Inglaterra, 1985)* – Stephen Frears
Berlin Alexanderplatz *(Alemanha, 1980)* – Rainer Werner Fassbinder
O Barco, Inferno no Mar *(Das Boot, Alemanha, 1981)* – Wolfgang Petersen
Um Sonho de Domingo *(Un Dimanche à la Campagne, França, 1984)* – Bertrand Tavernier
9) ***Diva*** *(França, 1982)* – Jean-Jacques Beineix
Uma Janela Para o Amor *(A Room with a View, Inglaterra, 1985)* – James Ivory
A História Oficial *(La Historia Oficial, Argentina, 1984)* – Luis Puenzo
10) ***Pelle, o Conquistador*** *(Pelle the Conqueror, Dinamarca, 1988)* – Bille August
Esperança e Glória *(Hope and Glory, Inglaterra, 1987)* – John Boorman

Filmes americanos:

1) ***Touro Indomável***
2) ***E.T. – O Extraterrestre***
3) ***Veludo Azul***
4) ***Hannah e Suas Irmãs*** *(Hannah and Her Sisters, EUA, 1986)* – Woody Allen
5) ***Atlantic City*** *(EUA, 1981)* – Louis Malle
6) ***Os Caçadores da Arca Perdida*** *(Raiders of the Lost Ark, EUA, 1981)* – Steven Spielberg
7) ***Platoon*** *(EUA, 1986)* – Oliver Stone
8) ***Era Uma Vez na América***
9) ***A Honra do Poderoso Prizzi*** *(Prizzi's Honor, EUA, 1985)* – John Huston
10) ***O Rei da Comédia***

Os 10 Maiores Filmes da Década de 80 segundo a revista *Cahiers du Cinéma*:

1) ***Fanny e Alexandre***
2) ***Paris Texas*** *(EUA, 1984)* – Wim Wenders
3) ***Entrevista*** *(Federico Fellini Intervista, Itália, 1987)* – Federico Fellini
4) ***A Rosa Púrpura do Cairo*** *(The Purple Rose of Cairo, EUA, 1985)* – Woody Allen
5) ***Vida Cigana*** *(Time of the Gypsies, Iugoslávia, 1989)* – Emir Kusturica
6) ***O Sacrifício***
7) ***Era Uma Vez na América***
8) ***O Casamento de Maria Braun***
9) ***Salve-se Quem Puder – A Vida*** *(Sauve qui Peut – La Vie, França, 1979)* – Jean-Luc Godard
10) ***Yeelen*** *(Mali, 1987)* – Souleymane Cisse
Os Vivos e os Mortos *(The Dead, EUA/Inglaterra, 1987)* – John Huston

Os Melhores Filmes da Década de 80 segundo a revista *Premiere* americana:

1) ***O Touro Indomável***
2) ***Asas do Desejo***
3) ***E.T. – O Extraterrestre***
4) ***Veludo Azul***
5) ***Hannah e Suas Irmãs***
Platoon
6) ***Fanny e Alexandre***
7) ***Shoah*** *(França, 1985)* – Claude Lanzmann
Uma Cilada para Roger Rabitt *(Who Framed Roger Rabitt?, EUA, 1988)* – Robert Zemeckis
8) ***Faça a Coisa Certa*** *(Do the Right Thing, EUA, 1989)* – Spike Lee
9) ***Mad Max*** *(Austrália, 1979)* – George Miller
10) ***Momento Inesquecível***
Laços de Ternura *(Terms of Endearment, EUA, 1984)* – James L. Brooks

OS MELHORES FILMES

JORNALISTAS, PRODUTORES E CINEASTAS FAZEM SUAS LISTAS

Lúcia Nagib é crítica de cinema e articulista da *Folha de São Paulo*. Dentre os livros que escreveu destacam-se *Werner Herzog – O Cinema como Realidade* (Ed. Estação Liberdade) e *Em Torno da Nouvelle Vague Japonesa* (Ed. da Unicamp).

Os dez filmes de todos os tempos
1) *Nosferatu (Nosferatu – Eine Symphonie des Grauens, 1922)* – F. W. Murnau
2) *M – O Vampiro de Düsseldorf (M, 1931)* – Fritz Lang
3) *A Paixão de Joana D'Arc (La Passion de Jeanne D'Arc, 1928)* – Carl Theodor Dreyer
4) *Deus e o Diabo na Terra do Sol (1963)* – Glauber Rocha
5) *O Império dos Sentidos (Ai No Korida, 1976)* – Nagisa Oshima
6) *A Grande Ilusão (La Grand Illusion, 1937)* – Jean Renoir
7) *Tempos Modernos (Modern Times, 1936)* – Charles Chaplin
8) *O Leopardo (Il Gattopardo, 1963)* – Luchino Visconti
9) *Rastros de Ódio (The Searchers, 1956)* – John Ford
10) *Era Uma Vez em Tóquio (Tokyo Monogatari, 1953)* – Yasujiro Ozu

Os nove filmes fundamentais em vídeo
1) *Nosferatu*
2) *M – O Vampiro de Düsseldorf*
3) *Deus e o Diabo na Terra do Sol*
4) *O Império dos Sentidos*
5) *Sedução da Carne (Senso, 1954)* – Luchino Visconti
6) *Rastros de Ódio*
7) *Os Boas Vidas (Il Vitelloni, 1953)* – Federico Fellini
8) *Scarface, A Vergonha de uma Nação (Scarface, 1932)* – Howard Hawks
9) *Os Sete Samurais (Shichinin No Samurai, 1954)* – Akira Kurosawa

Os mais difíceis de achar
Brasileiros em geral

Cinco filmes fundamentais não lançados em vídeo no Brasil
1) *O Leopardo*
2) *A Grande Ilusão*
3) *A Paixão de Joana D'Arc*
4) Filmes do diretor Robert Bresson
5) Filmes dos diretores japoneses Yasujiro Ozu e Kenji Mizoguchi

Locadoras que recomenda pelo acervo
1) 2001 - Uma Odisséia em Vídeo – SP – (011) 251-1044
2) Première – SP – (011) 65-2907

Jornalista e ex-apresentador do programa *Cinemania*, da TV Manchete, **Wilson Cunha** é, atualmente, programador de filmes da GloboSat.

Os dez filmes de todos os tempos
1) *A Marca da Maldade (Touch of Evil, 1958)* – Orson Welles
2) *Trinta Anos Esta Noite (Le Feu Follet, 1963)* – Louis Malle
3) *Onde Começa o Inferno (Rio Bravo, 1959)* – Howard Hawks
4) *A Grande Cidade (1966)* – Carlos Diegues
5) *A Guerra Acabou (La Guerre est Finit, 1966)* – Alain Resnais
6) *Cantando na Chuva (Singin' in the Rain, 1952)* – Gene Kelly e Stanley Donen
7) *Ivan, o Terrível (Ivan Groznyi, 1944)* – Sergei Eisenstein
8) *A Doce Vida (La Dolce Vita, 1960)* – Federico Fellini
9) *A Noite Americana (La Nuit Americaine, 1973)* – François Truffaut
10) *Vitor ou Vitória (Victor/Victoria, 1982)* – Blake Edwards

Os sete filmes fundamentais em vídeo
todos acima, menos *Trinta Anos Esta Noite, A Guerra Acabou* e *Ivan, o Terrível*

Os mais difíceis de achar
1) *Jesus Cristo Superstar (Jesus Christ Superstar, 1973)* – Norman Jewison
2) *A Grande Cidade*
3) *O Desafio (1965)* – Paulo César Saraceni
4) *Capitu (1968)* – Paulo César Saraceni
5) *Chorus Line (A Chorus Line, 1985)* – Richard Attenborough

Ruy Castro é jornalista e escritor. Trabalha como colaborador da *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Playboy*. Escreveu os livros *O Anjo Pornográfico – A Vida de Nelson Rodrigues* e *Chega de Saudade – A História da Bossa Nova* (Ed. Cia. das Letras).

Os dez filmes de todos os tempos
1) *Cidadão Kane (Citizen Kane, 1941)* – Orson Welles
2) *Cantando na Chuva*
3) *Casablanca (1942)* – Michael Curtiz
4) *Laura (1944)* – Otto Preminger
5) *Um Corpo que Cai (Vertigo, 1958)* – Alfred Hitchcock
6) *A Montanha dos Sete Abutres (Ace in the Hole, 1950)* – Billy Wilder
7) *Doutor Fantástico (Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb, 1964)* – Stanley Kubrick
8) *Luzes da Cidade (City Lights, 1931)* – Charles Chaplin
9) *O Homem que Matou o Facínora (The Man Who Shot Liberty Valance, 1962)* – John Ford
10) *...E O Vento Levou (Gone With the Wind, 1939)* – Victor Fleming

Os sete filmes fundamentais em vídeo
todos acima, menos *Laura, Doutor Fantástico* e *O Homem que Matou o Facínora*

Quatro filmes fundamentais não lançados em vídeo no Brasil
1) *Doutor Fantástico*
2) *Uma Mulher para Dois (Jules et Jim, 1961)* – François Truffaut
3) *Papai por Acaso (The Miracle at Morgans's Creek, 1944)* – Preston Sturges
4) *Pandemônio (Hellzapoppin, 1941)* – D. H. C. Potter

Lojas recomendadas
RKO - 49th St. c/ Broadway, em Nova York.
The Record Hunter - 5th Avenue c/ 36th St., em NY.
Compro alguns filmes na Brenno Rossi – SP – (011) 222-7033

Silvio de Abreu é roteirista e cineasta (*Mulher Objeto*, 1980). É também um dos mais importantes teledra-maturgos da televisão brasileira; sua mais famosa telenovela foi *Guerra dos Sexos*, na Globo.

Os dez filmes de todos os tempos
1) *Fellini Oito e Meio (Otto e Mezzo, 1963)* – Federico Fellini
2) *A Rosa Púrpura do Cairo (Purple Rose of Cairo, 1985)* – Woody Allen
3) *Noites de Circo (Gyclarnas Afton, 1953)* – Ingmar Bergman
4) *Cantando na Chuva*
5) *Pixote – A Lei do Mais Fraco (1980)* – Hector Babenco
6) *Cidadão Kane*
7) *O Ano Passado em Marienbad (L'Année Dernière a Marienbad, 1961)* – Alain Resnais
8) *Deus e o Diabo na Terra do Sol*
9) *Intriga Internacional (North by Northwest, 1959)* – Alfred Hitchcock
10) *Cabaret (1972)* – Bob Fosse

Os dez filmes fundamentais disponíveis em vídeo
1) *A Rosa Púrpura do Cairo*
2) *Cantando na Chuva*
3) *Pixote – A Lei do Mais Fraco*
4) *Cidadão Kane*
5) *Deus e o Diabo na Terra do Sol*
6) *Intriga Internacional*
7) *Cabaret*
8) *Roma, Cidade Aberta (Roma, Città Aperta, 1945)* – Roberto Rossellini
9) *Matador (1986)* – Pedro Almodóvar
10) *Era Uma Vez na América (Once Upon a Time in America, 1983)* – Sergio Leone

Os dez vídeos mais difíceis de achar
1) *Assim Era a Atlântida (1975)* – Carlos Manga
2) *A Hora da Estrela (1985)* – Suzana Amaral
3) *A Dama do Cine Shanghai (1987)* – Guilherme de Almeida Prado
4) *O Pagador de Promessas (1962)* – Anselmo Duarte
5) *A Hora e a Vez de Augusto Matraga (1965)* – Roberto Santos
6) *Festa (1989)* – Ugo Giorgetti
7) *Vidas Secas (1963)* – Nelson Pereira dos Santos
8) *O Homem do Sputnik (1959)* – Carlos Manga
9) *Limite (1930)* – Mário Peixoto
10) *Toda Nudez Será Castigada (1972)* – Arnaldo Jabor

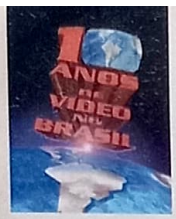
Os cinco filmes fundamentais não lançados em vídeo no Brasil
1) *Fellini Oito e Meio*
2) *Noites de Circo*
3) *O Ano Passado em Marienbad*
4) *O Boulevard do Crime (Les Enfants du Paradis, 1945)* – Marcel Carné
5) *A Mulher Faz o Homem (Mr. Smith Goes to Washington, 1939)* – Frank Capra

Locadoras que recomenda pelo acervo
1) Black and White – SP – (011) 885-8402
2) 2001 - Uma Odisséia em Vídeo – SP – (011) 251-1044
3) Vídeo Factory – SP – (011) 814-3400

Fred Botelho é jornalista e proprietário da rede de locadoras paulistana 2001 – Uma Odisséia em Vídeo. Sua empresa é uma das pioneiras no ramo da locação, começando no ano de 1982.

Os dez filmes de todos os tempos
1) *Roma, Cidade Aberta*
2) *A Última Gargalhada (Der Letzte Mann, 1924)* – F. W. Murnau
3) *Napoleon (1927)* – Abel Gance

Fita de Primeira
Preço de Segunda
Na Jointvideo fita nova ou usada, lançamentos pronta-entrega e raridades a preços mais atraentes do que nunca.
A Jointvideo está de casa nova e acaba de ampliar o acervo para 15 mil fitas. O Fita Express Jointvideo - recém-criado serviço de entrega 24 horas já é sucesso entre as locadoras de São Paulo e Grande São Paulo. As reservas passaram a ser feitas por computador. O preço de tudo isso? Ficou ainda mais baixo, com o atendimento de sempre, qualidade, variedade dos títulos e garantia de 3 meses. E mais: permuta, facilidades no pagamento e remessas via Sedex para todo o País. Acessórios de alto padrão direto do fabricante.
Jointvideo: qualidade que não custa mais.
JOINTVIDEO
COMERCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.
SÃO PAULO - SP
RECIFE - PE
Foto: Juca Martins
ÊNFASE COMUNICAÇÕES



OS MELHORES FILMES

JORNALISTAS, PRODUTORES E CINEASTAS FAZEM SUAS LISTAS

4) *Cidadão Kane*
5) *A Felicidade não se Compra (It's a Wonderful Life, 1946)* – Frank Capra
6) *Metrópolis (1926)* – Fritz Lang
7) *Matar ou Morrer (High Noon, 1952)* – Fred Zinnemann
8) *Pacto Sinistro (Strangers on a Train, 1951)* – Alfred Hitchcock
9) *Os Incompreendidos (Les 400 Coups, 1959)* – François Truffaut
10) *Pickpocket (1959)* – Robert Bresson

Os dez fundamentais disponíveis em vídeo
1) *Limite (1930)* – Mário Peixoto
2) *Nosferatu*
3) *Deus e o Diabo na Terra do Sol*
4) *Ran (1985)* – Akira Kurosawa
5) *Roma, Cidade Aberta*
6) *Cidadão Kane*
7) *Intolerância (Intolerance, 1916)* – D. W. Griffith
8) *O Estranho Caminho de São Tiago/A Via Láctea (La Voie Lactée, 1969)* – Luis Buñuel
9) *A General (The General, 1927)* – Buster Keaton
10) *Sinfonia de Paris (An American in Paris, 1951)* – Vincente Minnelli

Os dez vídeos mais difíceis de achar
1) *Deus e o Diabo na Terra do Sol*
2) *A Idade da Terra (1980)* – Glauber Rocha
3) *Cidadão Kane*
4) *Sedução da Carne*
5) *Galáxia Albina (1992)* – Júlio Bressane
6) *Meu Tio (Mon Oncle, 1958)* – Jacques Tati
7) *M – O Vampiro de Düsseldorf*
8) *Getúlio Vargas (1974)* – Ana Carolina
9) *Meus Caros Amigos (Amici Miei, 1975)* – Mario Monicelli
10) *Tomara que Seja Mulher (Speriamo che Sia Femmina, 1986)* – Mario Monicelli

Os cinco filmes fundamentais não lançados em vídeo no Brasil
1) *A Última Gargalhada*
2) *A Bela e a Fera (La Belle et la Bête, 1946)* – Jean Cocteau
3) *Napoleon*
4) *Tommy (1975)* – Ken Russell
5) *Doutor Fantástico*

Locadoras que recomenda pelo acervo:
1) Top Vídeo – Uberlândia/MG – (034) 234-2255
2) Vídeo Factory – SP – (011) 814-3400

Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados, da revista *O Cruzeiro* e da TV Tupi, de 1952 à 1968. É o único brasileiro com dois livros na Biblioteca da Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood: *O ABC de Carmem Miranda* e *Hollywood Nua e Crua*.

Os dez filmes de todos os tempos
1) *...E o Vento Levou*
2) *Casablanca*
3) *Cidadão Kane*
4) *A Noviça Rebelde (The Sound of Music, 1965)* – *Robert Wise*
5) *Um Corpo que Cai*
6) *Vitor ou Vitória*
7) *Thelma & Louise (1991)* – Ridley Scott
8) *A Condessa Descalça (The Barefoot Contessa, 1954)* – Joseph L. Mankiewicz
9) *Testemunha de Acusação (Witness for the Prosecution, 1957)* – Billy Wilder
10) *Julgamento em Nuremberg (Judgment at Nuremberg, 1961)* – Stanley Kramer

O vídeo mais difícil de achar
Fernão Capelo Gaivota (Jonathan Livingston Seagull, 1973) – Hall Bartlett

O filme fundamental não lançado no Brasil
Julgamento em Nuremberg

Locadora que recomenda pelo acervo:
Hobby Vídeo – SP – (011) 212-2933

Adhemar de Oliveira é um dos sócios-fundadores do grupo Estação Botafogo, organizador da Mostra Banco Nacional de Cinema, do Rio de Janeiro, e também administrador-programador do Espaço Banco Nacional de Cinema, inaugurado em outubro último em São Paulo.

Os dez filmes de todos os tempos
1) *O Sétimo Selo (Det Sjunde Inseglet, 1956)* – Ingmar Bergman
2) *Vidas Secas (1963)* – Nelson Pereira dos Santos
3) *Zero de Conduta (Zéro de Conduit, 1933)* – Jean Vigo
4) *Terra em Transe*
5) *Um Corpo que Cai*
6) *...E o Vento Levou*
7) *Era Uma Vez na América*
8) *Contos da Lua Vaga (Ugetsu Monogateri, 1953)* – Kenji Mizoguchi
9) *Amarcord (1973)* – Federico Fellini
10) *Cidadão Kane*

Os filmes fundamentais lançados em vídeo
todos acima, menos *Zero de Conduta* e *Contos da Lua Vaga*

Os filmes fundamentais não lançados em vídeo
1) *Zero de Conduta*
2) *Contos da Lua Vaga*
3) *Mulheres das Dunas* – Hiroshi Teshigahara

Celso Sabadin, jornalista, apresentador do telejornal da Bandeirantes. Crítico de cinema e assessor de imprensa.

Os dez filmes de todos os tempos
1) *A Chegada do Trem na Estação (L'Arrivée du Train en Gare, 1895)* – Louis Lumière
2) *Viagem à Lua (Voyage à la Lune, 1902)* – Georges Mélies
3) *Nascimento de uma Nação (The Birth of a Nation, 1915)* – D. W. Griffith
4) *O Gabinete do Dr. Caligari (Das Kabinett des Dr. Caligari, 1920)* – Robert Wiene
5) *Cantando na Chuva*
6) *Tempos Modernos*
7) *Sem Destino (Easy Rider, 1969)* – Dennis Hopper
8) *Fellini Oito e Meio*
9) *2001 – Uma Odisséia no Espaço (2001: a Space Odyssey, 1968)* – Stanley Kubrick
10) *Guerra nas Estrelas (Star Wars, 1977)* – George Lucas

Os oito filmes fundamentais disponíveis em vídeo
1) *Intolerância*
2) *A Felicidade não se Compra*
3) *...E o Vento Levou*
4) *O Gabinete do Dr. Caligari*
5) *Cantando na Chuva*
6) *Sem Destino*
7) *2001 – Uma Odisséia no Espaço*
8) *Guerra nas Estrelas*

Os vídeos mais difíceis de achar
Qualquer filme brasileiro

Os cinco filmes fundamentais não lançados em vídeo no Brasil
1) Filmes de Louis Lumière
2) Filmes de George Mélies
3) *Nascimento de uma Nação*
4) *Fellini Oito e Meio*
5) *O Grande Ditador (The Great Dictator, 1940)* – Charles Chaplin

Locadoras que recomenda pelo acervo:
1) Hobby Vídeo – SP – (011) 212-2933
2) 2001 - Uma Odisséia em Vídeo – SP – (011) 251-1044

Rodolfo Konder é jornalista, Secretário da Cultura do Município de São Paulo e ex-apresentador do telejornal da TV Cultura.

Os doze filmes de todos os tempos
1) *Cidadão Kane*
2) *Os Brutos Também Amam (Shane, 1953)* – George Stevens
3) *Rastros de Ódio*
4) *O Poderoso Chefão 1, 2 e 3 (The Godfather 1, 2 and 3, 1972, 1974, 1990)* – Francis Ford Coppola
5) *Casablanca*
6) *Blade Runner – O Caçador de Andróides (Blade Runner, 1982)* – Ridley Scott
7) *Alien, o 8º Passageiro (Alien, 1979)* – Ridley Scott
8) *Os Sete Samurais*
9) *Tempos Modernos*
10) *Os Pássaros (The Birds, 1963)* – Alfred Hitchcock
11) *Apocalypse Now (1979)* – Francis Ford Coppola
12) *A Grande Ilusão*

Os dez filmes fundamentais disponíveis em vídeo
Todos acima, menos *Tempos Modernos* e *A Grande Ilusão*

Os filmes mais difíceis de achar
Em geral, filmes europeus

Filmes fundamentais não lançados em vídeo
1) *A Guerra Acabou*
2) *I Como Ícaro (I... Comme Icaro, 1980)* – Henri Verneuil
3) *Os Deuses Malditos (Götterdämmerung, 1969)* – Luchino Visconti
4) *Mato em Nome da Lei (Lawman, 1971)* – Michael Winner
5) *Caçada da Morte/Perseguição Mortal (Death Hunt, 1981)* – Peter Hunt

Locadoras que recomenda pelo acervo:
1) 2001 - Uma Odisséia em Vídeo – SP – (011) 251-1044
2) Vídeo Power – SP – (011) 259-1115/258-9711

Roberto Benigni

JOHNNY STECCHINO

(Itália, 1991)

Ficha técnica: Direção: Roberto Benigni ■ Roteiro: Vincenzo Cerami e Roberto Benigni ■ Direção de fotografia: Giuseppe Lanci ■ Música: Evan Lurie ■ Direção de arte: Paolo Biagetti ■ Montagem: Nino Baragli ■ Figurino: Gianna Sissi ■ Produção: Mario e Vittorio Cecchi Gori para a Penta Film-Melampo ■ Distribuição: PlayArte Pictures ■ Duração: 1h55.

O elenco: Roberto Benigni (Dante/Johnny Stecchino), Nicoletta Braschi (Maria), Paolo Bonacelli (D'Agata), Ignazio Pappalardo (Cozzamara), Franco Volpi (Ministro), Giorgia O'Brien (mulher do Ministro), Ivano Marescotti (Randazzo), Alessandro De Santi (Lillo), Giulio Donnini (Cardeal).

A trama: desajeitado socialmente, principalmente com as mulheres, Dante é quase atropelado por uma bela mulher, Maria, que se encanta por ele. Apaixonado, no segundo encontro entre eles, Dante aceita o convite para encontrá-la na Sicília. Ele não imagina, no entanto, que ela pretende usá-lo publicamente como dublê do mafioso e perseguido Johnny Stecchino, sósia de Dante. Daí para frente, ele arma a maior confusão.

O diretor: Roberto Benigni nasceu em Misericordia, província de Arezzo, Itália, no dia 27 de outubro de 1952. Mudou-se para Roma aos 20 anos, quando começou a fazer teatro experimental. Em 1977, estreou como ator no cinema em *Berlinguer Ti Voglio Bene*, filme de Giuseppe Bertolucci (irmão mais novo de Bernardo). Na época, tornou-se popular com a série de TV *Onda Libera*. Em 1979, trabalhou no filme de Marco Ferreri *Chiedo Asilo*. Foi o apresentador do Festival de San Remo de 1980 e atuou no filme *Il Pap'Occhio*. Estreou na direção com *Tu Mi Turbi* (1983). Depois vieram *Non ci Resta che Piangeri* (1984) e *O Pequeno Diabo* (1989). Benigni foi novamente dirigido por Giuseppe Bertolucci em *Tuttobenigni* (1985), longa-metragem sobre sua aclamada turnê teatral. Em seguida, atuou em *Daunbailó* (1986), do amigo Jim Jarmusch. Trabalhou como ator em *A Voz da Lua* (1990, de Federico Fellini), em *Um Homem, Uma Mulher, Uma Noite* (1979, de Costa-Gavras), em um dos epsódios de *Uma Noite Sobre a Terra* (1992, de Jarmusch) e em *O Filho da Pantera Cor-de-Rosa* (1993, de Blake Edwards). Fã de Charles Chaplin, Stan Laurel, Oliver Hardy e Groucho Marx, Benigni é considerado um dos principais atores cômicos dos anos noventa.

Notas: lançado na Itália em 23 de outubro de 1991, *Johnny Stecchino* conseguiu uma renda final de 33 milhões de dólares, superando o recorde de 22 milhões obtido por *Uma Cilada para Roger Rabbit* naquele país ■ O personagem mafioso de Benigni foi inspirado num gângster da comédia de Billy Wilder *Quanto Mais Quente Melhor* (1959), chamado Charlie Stecchino ■ Benigni se casou com a atriz Nicoletta Braschi em 26 de dezembro de 1991. Além de dirigi-la em seu primeiro filme Tu Mi Turbi, eles trabalharam juntos em *Daunbailó* e *O Pequeno Diabo* ■ Benigni toca guitarra e acordeão.

Roman Polanski

LUA DE FEL

(Lunes de Fiel/Bitter Moon, França/Inglaterra, 1992)

Ficha técnica: Direção: Roman Polanski ■ Roteiro: Polanski, Gerard Brach e John Brownjohn, baseado no romance homônimo de Pascal Bruckner ■ Direção de fotografia: Tonino Delli Colli ■ Música: Vangelis ■ Montagem: Hervé de Luze ■ Desenho de produção: Willy Holt e Gérard Viard ■ Coreografia: Redha ■ Produção: Roman Polanski para R.P. Productions, Timothy Burril Productions Ltd., Canal Plus, Les Films Alain Sarde ■ Distribuição: Paris Filmes ■ Duração: 2h19.

O elenco: Peter Coyote (Oscar Benton), Emmanuelle Seigner (Micheline "Mimi" Bouvier), Hugh Grant (Nigel Thompson), Kristin Scott-Thomas (Fiona Thompson), Victor Banerjee (Mr. Singh), Luca Vellani (Daddo).

A trama: para comemorar os sete anos de casamento, os ingleses Nigel e Fiona fazem um cruzeiro até Istambul. No navio, Nigel conhece Oscar, preso a uma cadeira de rodas, e sua esposa Mimi. Ao perceber que Nigel se interessa por Mimi, Oscar resolve contar-lhe em sessões regadas a uísque a história de seu relacionamento sexual com ela. Enquanto isso, o casamento de Fiona e Nigel entra em crise. Oscar prossegue com sua narrativa preparando um desfecho surpreendente.

O diretor: Roman Polanski nasceu em Paris no dia 18 de agosto de 1933, mudando-se com a família aos quatro anos para a Polônia. De procedência judia, seus pais foram mandados para um campo de concentração, onde sua mãe faleceu. Estudou na Escola de Artes de Cracóvia e na Escola Estatal de Cinema, em Lodz, onde dirigiu vários curtas. Sua estréia na direção de um longa foi com *Faca na Água* (1962), prêmio da crítica no Festival de Veneza e que o lançou internacionalmente como um grande diretor. Em 1964, dirigiu *Repulsa ao Sexo*, primeiro trabalho na língua inglesa. Foi então que começou uma parceria vitalícia com o roteirista Gerard Brach, que escreveu quase todos os filmes de Polanski. *Armadilha do Destino* (1965) ganhou o prêmio de melhor filme no Festival de Berlim. Em 1967, dirigiu uma sátira ao Drácula do escritor Bram Stoker, *A Dança dos Vampiros*. Antes de fazer *O Bebê de Rosemary*, em 1969 Polanski foi atingido pela tragédia do assassinato de sua esposa, a atriz Sharon Tate, grávida de oito meses, pelo grupo fanático de Charles Manson. Anos depois, foi acusado de manter relações sexuais com uma menor, fugindo para a Europa antes de ser condenado nos EUA, onde está proibido de voltar. Ainda dirigiu *Que?* (1972), *Chinatown* (1974), *O Inquilino* (1976), *Tess* (1979), *Piratas* (1988) e *Busca Frenética* (1988). Polanski também atuou em vários de seus filmes.

Notas: Polanski é casado com a atriz Emamuelle Seigner desde 1989. Além de *Lua de Fel*, ela também trabalhou em *Busca Frenética*. Emanuelle nasceu em Paris no dia 22 de junho de 1966 ■ *Lua de Fel* foi filmado em dezesseis semanas nos estúdios de Billancourt, em Paris. As locações no navio incluíram um luxuoso cruzeiro no Mar Adriático.

John Woo

O ALVO

(Hard Target, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: John Woo ■ Roteiro: Chuck Pfarrer, baseado no filme *The Most Dangerous Game* (1932) ■ Direção de fotografia: Russell Carpenter ■ Música: Graeme Revell ■ Montagem: Bob Murawski ■ Direção de arte: Philip Messina ■ Desenho de produção: Phil Dagort ■ Figurino: Karyn Wagner ■ Esfeitos especiais: Dale Martin ■ Produção: James Jacks e Sean Daniel para a Universal ■ Distribuição: UIP ■ Duração: 1h35.

O elenco: Jean-Claude Van Damme (Chance Boudreaux), Arnold Vosloo (Van Cleaf), Lance Henriksen (Fouchon), Yance Butler (Natasha "Nat" Binder), Kasi Lemons (Carmine), Wilford Brimley (Douvee), Chuck Pfarrer, o roteirista (Binder), Bob Apisa (Mr. Lopacki), Lenore Banks (Marie), Douglas Forsythe Rye (Frick).

A trama: Chance Boudreaux é um estivador do cais de Nova Orleans que ajuda Natasha Binder, uma jovem advogada de Detroit, a procurar seu pai desaparecido. Ele descobre uma quadrilha de sádicos que comercializa pessoas, caça mendigos e ex-combatentes, numa espécie de safári mortal. Boudreaux usa sua extraordinária habilidade técnica em artes marciais para combater o chefe da gangue, Fouchon, e seus capangas.

O diretor: John Woo nasceu no ano de 1946, em Guangzhou (Cantão), China. Em 1950, sua família emigrou para Hong Kong onde viveu em extrema pobreza por vários anos. Aos 19 anos, estudou no Matteo Ricci College onde se interessou por teatro e cinema, fazendo filmes experimentais. Aos 22 anos, Woo trabalhou como supervisor de roteiros no Cathay Film Studio, sendo promovido para assistente de direção. Em 1971, foi para a Shaw Brothers como assistente de Chang Cheh, um dos mais importantes diretores de ação de Hong Kong. Woo estreou na direção com *The Young Dragons* (1973). Investindo nas artes marciais, John Woo impulsionou a carreira de Jackie Chan no ano de 1975, com *Countdown in Kung Fu*. Woo começou a trabalhar para a Cinema City Company em 1983, quando dirigiu o thriller *A Better Tomorrow* que bateu todos os recordes de bilheteria de Hong Kong e de toda a Ásia. São de sua autoria *The Killer* (1989), *Bullet in the Head* (1990), *Once a Thief* (1991) e *Hard Boiled* (1992). Woo se mudou com a família para Los Angeles em 1992, para trabalhar em Hollywood e também porque acredita que, com a devolução de Hong Kong à China em 1997 pelo governo britânico, o seu típico cinema de ação poderá não ser bem aceito pelo novo sistema político.

Notas: a violência quase poética dos filmes de John Woo, como *The Killer* e *Hard Boiled*, recebeu elogios de Oliver Stone e Martin Scorsese e fez com que o cinema de Hong Kong fosse aceito no Ocidente com entusiasmo ■ *O Alvo* é o primeiro filme americano de Woo ■ O consagrado diretor de *Darkman* e *Uma Noite Alucinante*, Sam Raimi, é um dos três produtores executivos ■ Woo costuma usar até cinco câmeras para uma cena de ação.

John Frankenheimer

O ANO DA FÚRIA

(Year of the Gun, EUA, 1991)

Ficha técnica: Direção: John Frankenheimer ■ Roteiro: David Ambrose, baseado no romance homônimo de Michael Mewshaw ■ Direção de fotografia: Blasco Giurato ■ Montagem: Lee Percy ■ Desenho de produção: Aurelio Crugnola ■ Direção de arte: Luigi Quintili ■ Efeitos especiais: Grant Burdette ■ Música: Bill Conti ■ Figurinos: Ray Summers ■ Produção: Edward R. Pressman ■ Distribuição em vídeo: VTI ■ Duração: 1h51.

O elenco: Andrew McCarthy (David Raybourne), Sharon Stone (Alison King), Valeria Golino (Lia Spinelli), John Pankow (Italo Bianchi), George Murcell (Pierre Bernier), Mattia Sbragia (Giovanni), Roberto Posse (Lucio Spinelli), Thomas Elliot (Marco Spinelli), Carla Cassola (Lena), Darren Modder (Joe Bob), Carol Schneider (Mattie).

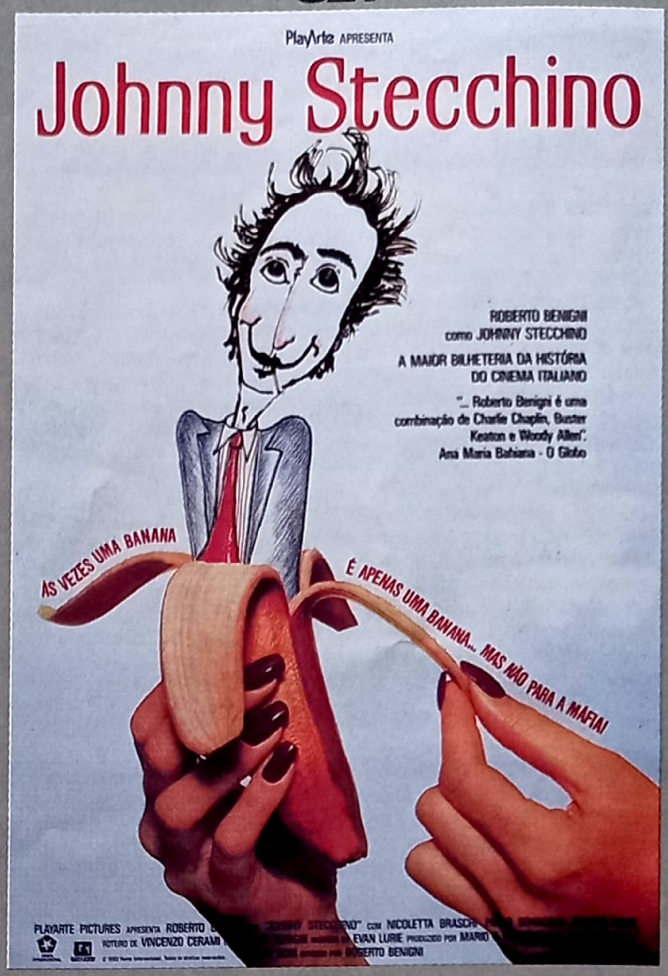
A trama: janeiro de 1978 – o jornalista americano David Raybourne retorna a Roma para mais uma vez colaborar com o jornal *American News*, dirigido com total economia de recursos por Pierre Bernier, uma suposta conexão da CIA. A cidade é tomada pelos atentados terroristas das Brigadas Vermelhas. David entra em contato com o seu amigo Italo Bianchi, professor universitário e primo de sua amante, Lia Spinelli, que está para se divorciar. A caótica e violenta situação política local também é acompanhada de perto por uma fotógrafa *free lance*, Alison King, que fotografa um dos atentados, imagem posteriormente publicada na *Time*. Por causa de sua curiosidade, Alison passa a ser ameaçada, assim como David, que não tarda a perceber que sua ligação com Lia não é vista com bons olhos por algumas facções.

O diretor: o americano John Frankenheimer nasceu em Nova York em 1930. Começou na TV como assistente de Sidney Lumet e foi um dos melhores cineastas a ter iniciado sua carreira neste veículo. Foi um dos maiores nomes dos anos 60. Estreou com *No Labirinto do Vício* (1956) e alcançou renome com filmes como *Sob o Domínio do Mal* (1962), *Sete Dias em Maio* (1964), *O Segundo Rosto* e *Grand-Prix*, ambos de 1966. Decaiu assustadoramente desde então. Nos anos 70, destaque apenas para *Operação França 2* (1975) e *Domingo Negro* (1976). Os anos 80 o firmaram como um artesão mediano, com obras como *O Documento Holcroft* (1985) e *A Hora da Brutalidade* (1986).

Notas: filmada na Itália, com uma equipe técnica predominantemente local, a obra constrói uma imagem espetaculosa, totalmente cinematográfica, do terrorismo, cancro que corrói a sociedade italiana ■ Este é o filme que Sharon Stone realizou imediatamente antes de seu grande sucesso *Instinto Selvagem* (1992); sua beleza está presente, mas sem a mesma produção ou o mesmo corpo quase esbelto – de qualquer forma, sua interpretação agressiva foi muito elogiada ■ Tanto o romance como o filme misturam realidade e ficção ao concentrar as atenções no plano das Brigadas Vermelhas de seqüestrar o então primeiro-ministro Aldo Moro.

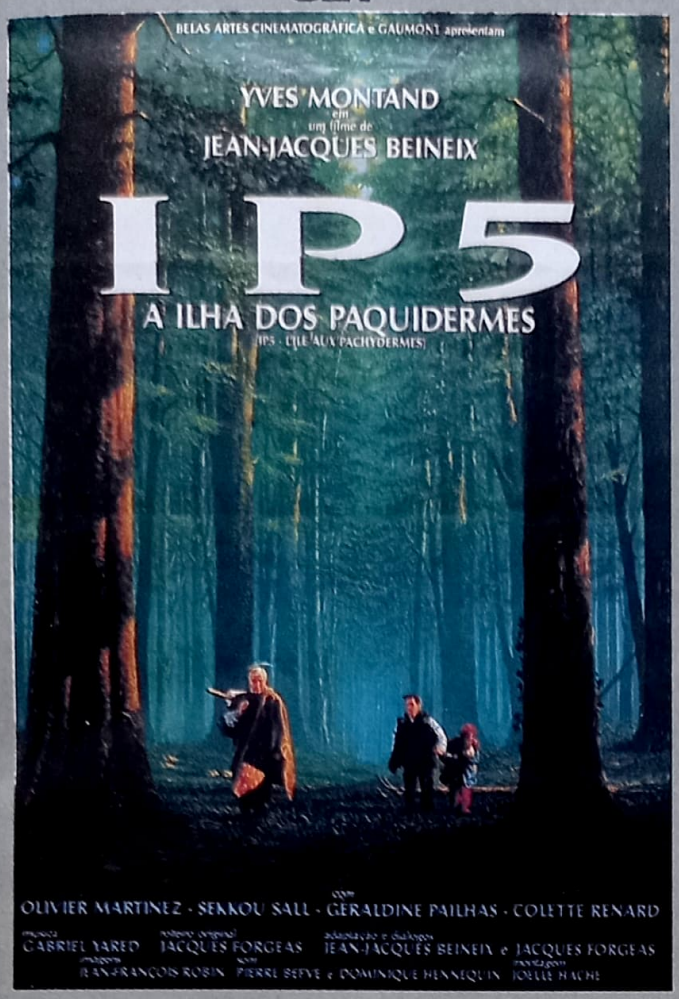
SET

SET



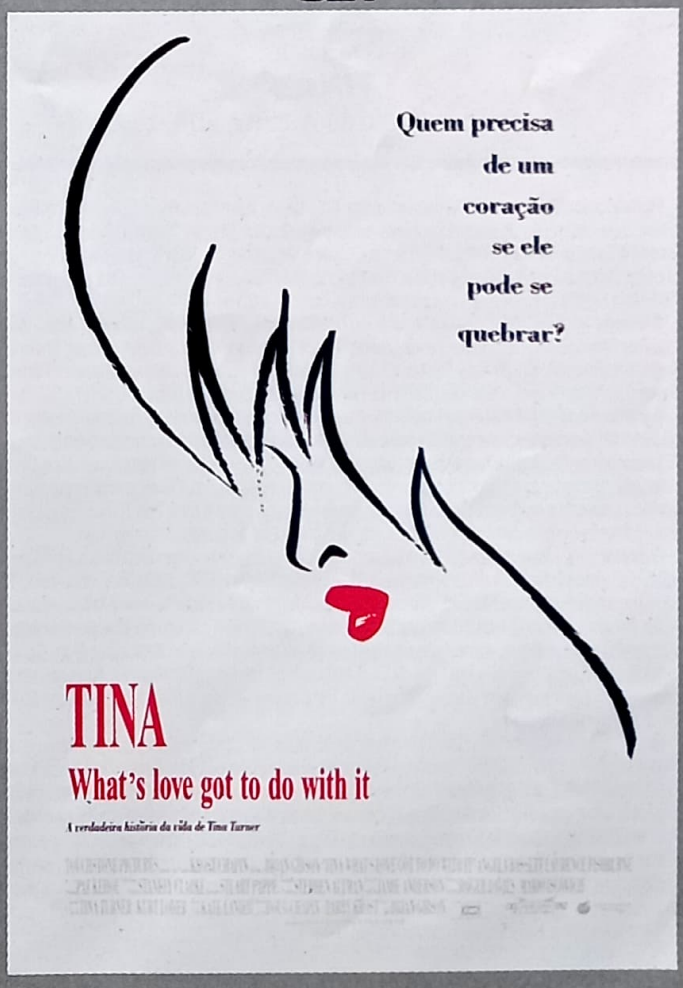
SET

SET



OCULTO

lmes quando foram lançados em vídeo,
senterrar essas pequenas preciosidades.



Jean-Jacques Beineix

IP 5 – A ILHA DOS PAQUIDERMES

(IP 5 – L'Ile Aux Pachydermes, França, 1992)

Ficha técnica: Direção: Jean-Jacques Beineix ■ Roteiro: Jacques Forgeas, adaptado por Jean-Jacques Beineix e Jacques Forgeas ■ Direção de fotografia: Jean-François Robin ■ Música: Gabriel Yared ■ Produção musical: Hervé Le Coz ■ Montagem: Joëlle Hache ■ Desenho de produção: Ambre Fernandez e Dan Weil ■ Produção: Jean-Jacques Beineix para Cargo Films e Gaumont Production ■ Distribuição: Belas Artes ■ Duração: 2h10.

O elenco: Yves Montand (Léon Marcel), Olivier Martinez (Tony), Sekkou Sall (Jockey), Géraldine Pailhas (enfermeira Gloria), Collette Renard (Clarisse/Monique), Sotigui Kouyate (Emile, pai de Jockey), Georges Staquet (Jean-Marie), Arlette Didier (Arlouse), Kléber Bouzonne (Lulu), Bernard Lepinaux (Canon Ball), Laurent Duquesnoy (A Força), Olivier Barret (Kronk), Samir Guesmi (Sadam), Carole Richert (Sophia), Jane Hugon (zeladora), Monsieur Robin (o senhorio), Fabien Behar (o cliente do restautrante).

A trama: Tony é um grafiteiro, amigo inseparável de Jockey, um garoto negro cantor de rap. Tony se apaixona desesperadamente por Gloria um dia antes de partir em viagem de caminhão com Jockey para entregar anõezinhos de jardim. No meio do caminho, Tony abandona a carga e rouba um carro para visitar Gloria numa cidade do interior francês. No caminho encontram o velho Léon, um viajante sábio sem morada fixa que passa a guiar o grupo.

O diretor: Jean-Jacques Beineix nasceu em 1946 na França, onde estudou arte figurativa, medicina e artes marciais pelo método Zen. Começou sua carreira cinematográfica trabalhando como assistende de direção de Claude Zidi, René Clément e Claude Berri. A estréia na direção se deu em 1976 com um epsódio para um filme conjunto. Seu primeiro longa-metragem é *Diva* (1982), que foi mal recebido na Europa mas, em compensação, tornou-se sucesso absoluto nos Estados Unidos. A partir da experimentação da linguagem publicitária usada em *Diva*, Beineix dirigiu seu próximo filme *A Lua na Sarjeta* (1983), que fracassou impiedosamente quando foi apresentado no Festival de Cannes. O reconhecimento veio com o suspense erótico *Betty Blue* (1986), o qual destacou a atriz francesa Beatrice Dalle. Também é de Beineix *Rosalyne e os Leões* (1988).

Notas: o ator Yves Montand morreu de ataque cardíaco em Senlis, Oise, no dia 9 de novembro de 1991, depois de filmar durante o dia inteiro as últimas cenas de IP 5. Montand (cujo nome verdadeiro é Ivo Livi) nasceu no dia 13 de outubro de 1921, em Monsumano Alto, Itália ■ Jean-Jacques Beineix foi acusado pela imprensa de ter provocado a morte de Montand ao obrigá-lo, em uma cena, a mergulhar num lago gelado ■ Beineix refutou as acusações com serenidade ■ Coincidentemente, Montand interpreta neste filme um personagem à beira da morte com problemas cardíacos. Toda a equipe técnica chorou ao assistir o copião do filme ■ A música e letra do rap interpretadas pelo pequeno ator Sekkou Sall foram compostas pelo próprio Beineix.

Brian Gibson

TINA

(What's Love Got to do With It?, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Brian Gibson ■ Roteiro: Kate Lanier, baseado no livro *I, Tina*, de Tina Turner e Kurt Loder ■ Direção de fotografia: Jamie Anderson ■ Música: Stanley Clarke ■ Montagem: Stuart Baddé ■ Direção de arte: Stephen Altman ■ Desenho de produção: Rick Simpson ■ Coreografia: Michael Peters ■ Figurino: Ruth Carter ■ Produção: Doug Chapin e Barry Krost para a Touchstone Pictures ■ Distribuição: Buena Vista International/Columbia ■ Duração: 1h57.

O elenco: Angela Bassett (Anna Mae Bullock/Tina Turner), Laurence Fishburne (Ike Turner), Cora Lee Day (Vovó Georgina), Jenifer Lewis (Zelma Bullock), Phyllis Yvonne Stickney (Alline), Sherman Augustus (Reggie), Chi (Fross), Terrence Rigins (Spider), Vanessa Bell Calloway (Jackie), Pamala Tyson (Leanne), Khandi Alexander (Darlene), Penny Johnson (Lorraine), Bob Labellle (Phil Spector).

A trama: ainda garotinha, Anna Mae Bullock se destaca com o seu canto no coral da igreja na vila de Nutbush, Tennessee. Abandonada pelos pais, é educada na adolescência pela avó em St. Louis. Anna conhece o músico Ike Turner numa pequena boate e se apaixona por ele e por sua música. Certa noite, ela aproveita uma chance para cantar junto com a banda de Ike. Ele se interessa por ela e a convida para entrar no grupo. Os dois se casam e Anna muda o nome para Tina Turner. É explorada violentamente durante dezesseis anos por Ike, que enriquece às custas do talento dela.

O diretor: nascido na Inglaterra, Brian Gibson estudou medicina mas abandonou a faculdade para trabalhar como cineasta de documentários médicos e científicos na BBC. Junto com vários colegas, produziu a aclamada série *Horizon*, que mais tarde deu origem à premiada série americana intitulada *Nova*. Foi com *Breaking Glass*, um musical new wave, que Gibson estreou na direção de longas-metragens. Logo a seguir, começou a escrever e a dirigir para a televisão americana. Com *Gossip in the Forest*, Gibson ganhou a Medalha de Ouro no New York Television Film Festival. Recebeu ainda dois prêmios Emmy pelas minisséries *Drug Wars: The Camarena Story* e *The Josephine Baker Story*. Em 1986, dirigiu *Poltergeist II*.

Notas: Angela Bassett usou em *Tina* cerca de 35 perucas. Contando com Larry Fishburne, as ikettes e todos os extras, foram usadas aproximadamente mil perucas ■ No livro *I, Tina*, lançado em 1986, Tina Turner revela detalhes sórdidos de seus anos com Ike ■ Howard Ashman, letrista oscarizado das canções dos desenhos *A Pequena Sereia*, *A Bela e a Fera* e *Aladdin*, foi convidado mas recusou-se a escrever o roteiro e produzir *Tina* ■ Foi depois de muita insistência que Larry Fishburne aceitou interpretar Ike Turner. Segundo Larry, Ike "estava muito unidimensional no roteiro". Mesmo durante as filmagens, Larry declarou achar o roteiro "realmente muito ruim", recusando-se até mesmo a ser fotografado para a imprensa ■ Tina Turner gravou todas as canções que Angela dubla no filme ■ Angela e Larry trabalharam juntos em *Boyz 'N' the Hood*.

Julio Bressane

OS SERMÕES

(Brasil, 1990)

Ficha técnica: Direção e roteiro: Julio Bressane ■ Direção de fotografia: José Tadeu Ribeiro ■ Montagem: Dominique Paris ■ Música: Lívio Tragtemberg ■ Desenho de produção: Roberto Granja e Rosa Dias ■ Figurinos: Bia Salgado e Nei Salgado ■ Produção: Marica Leite e Maria Helena Nascimento para a Embrafilme ■ Distribuição: Embrafilme ■ Duração: 1h15.

O elenco: Othon Bastos (Padre Antonio Vieira), Eduardo Tornaghi, Pascoal Villaboim, Bia Nunes, Breno Moroni, Karen Acioly, Guará, Caetano Veloso, Haroldo de Campos, Neville D'Almeida.

A trama: narrativa que mistura o figurativo e o histórico sobre a vida do padre jesuíta Antonio Vieira que nasceu em Lisboa em 1608 e foi assassinado na Capitania Hereditária de Salvador em 1697. O enredo é sobre seus famosos sermões que não são apresentados diretamente através de uma linguagem convencional, típica dos filmes biográficos, mas num estudo experimental editado com diversas cenas de clássicos do cinema universal dos anos 20 e 30.

O diretor: reconhecido como um dos mais importantes cineastas brasileiros de vanguarda, Julio Bressane nasceu no ano de 1946. Vindo de uma família de ótima situação financeira, Bressane conheceu em 1964 Valter Lima Júnior, Glauber Rocha e outros do grupo chamado Cinema Novo. Logo após seu contato com Valter Lima Júnior, foi convidado para ser assistente de direção de *Menino de Engenho*. Em 1966, dirigiu um curta-metragem sobre a vida do escritor carioca Lima Barreto intitulado *Lima Barreto – Trajetória*, com sobras de película dos filmes *Menino de Engenho* e *Opinião Pública*. No mesmo ano, co-dirigiu com Eduardo Escorel um documentário sobre "uma cantora que estava tirando o pé da lama", *Bethânia Bem de Perto*. Depois da experiência como assistente de direção, Bressane foi para a Europa onde escreveu o roteiro de seu primeiro longa-metragem *Cara a Cara* (1967), voltando ao Brasil para rodá-lo. Em 1969, Bressane filmou simultaneamente *Matou a Família e Foi ao Cinema* e *O Anjo Mau*. Dirigiu em Londres *Memórias Estrangeiras* e *Crazy Love*, ambos em 1970. No Marrocos rodou, em 1972, *A Fada do Oriente* e em Nova York *Lágrima Pantera*, no mesmo ano. Voltou ao Brasil para dirigir *O Rei do Baralho* (1973). Outros filmes: *O Monstro Caraíba* (1975), *Agonia* (1977), *O Gigante da América* (1979), *O Cinema Inocente* (1981), *Brás Cubas* (1985), *Galáxia Albina* (1991). *Tabu*, de 1983, recebeu no Festival de Brasília os prêmios de direção, fotografia e trilha sonora.

Notas: no 22º Festival de Brasília, *Os Sermões* recebeu os prêmios Candango de direção e ator (Othon Bastos) ■ a cada sermão do padre Antônio Vieira, Bressane inseriu imagens de 23 trechos de clássicos do cinema mundial, como *Ouro e Maldição* (1924, de Stroheim), *Os Nibelungos* (1923, de Fritz Lang), *A Paixão de Joana D'Arc* (1928, de Carl Dreyer) ■ O filme foi idealizado durante doze anos, custou 100 mil dólares e filmado em onze dias ■ *Os Sermões* foi aclamado em Portugal.

TESOURO OCULTO

Quase ninguém prestou atenção a estes filmes quando foram lançados em vídeo, mas vale a pena fuçar as locadoras para desenterrar essas pequenas preciosidades.

Kyle MacLachlan em *O Escondido*

Paris

QUANDO CHEGA A ESCURIDÃO
(*Near Dark*, EUA, 1987) Vídeo Plus.

A diretora Kathryn Bigelow (*Caçadores de Emoção*) criou uma das melhores e menos conhecidas modernizações do mito do vampiro, com uma história perversa, melancólica e sangüinolenta. Uma "família" de cinco vampiros que viaja pelo interior americano a bordo de um furgão. Apesar de "jovem", o filme é fatalista e macabro.

GAROTOS MORTOS NÃO PODEM VOAR
(*Dead Boyz Can't Fly*, EUA, 1992) Europa/Carat.

A trilha sonora de grupos trash serve de fundo para uma obra sádica, doentia e perversa. Três punks sitiam um andar de um prédio para roubar bolinhas de um consultório médico, dando início a uma onda interminável de torturas e mortes. Não é uma fitinha sobre psicopatas, é um grito de revolta, um libelo do diretor/produtor Howard Winters contra a violência descontrolada do cenário urbano. Foi dedicado a dois amigos de Winters, mortos em situações semelhantes. Recomendação: nervos de aço.

THE HIDDEN – O ESCONDIDO
(*The Hidden*, EUA, 1987) Abril.

Adolescentes e curtidores da pura adrenalina não hesitarão em se entregar a esta fita, que só foi (mal) lançada em nossas telas em 1992. Kyle MacLachlan, antes de *Twin Peaks*, é um estranho agente que auxilia um policial de Los Angeles (Michael Nouri) a enfrentar um vilão incomum, um alienígena que usa corpos humanos como "embalagem" e que muda de casca todas as vezes que a harmonia física é ameaçada. A violência corre solta e os efeitos especiais são de primeiríssima.

MALÍCIA ATÔMICA
(*Insignificance*, EUA, 1985) Omni.

Nicolas Roeg (*Inverno de Sangue em Veneza*) exercita seu estilo maneirista e realiza um dos mais interessantes teatros filmados de todos os tempos. O filme, ambientado em um hotel nova-iorquino numa noite quente de 1953, cria um um encontro fictício entre Albert Einstein, Marilyn Monroe, Joseph McCarthy e Joe DiMaggio. O filme é repleto de observações bem humoradas, diálogos impiedosos e muita solidão. Theresa Russell (*O Mistério da Viúva Negra*), como uma ótima Monroe, carrega nas costas a melhor cena da fita: a loira platinada explicando a Teoria da Relatividade ao próprio Einstein. Antológico.

WALKER
(EUA, 1988) CIC.

Alex Cox (*Repo Man*) aplica todo o seu ideário anárquico e a estética *spaghetti* para realizar o filme político pós-moderno por excelência. Partindo de um fato real (o americano William Walker invadiu a Nicarágua em 1855 e implantou uma ditadura pessoal), Cox faz uma severa crítica ao intervencionismo dos EUA. A bela trilha sonora de Joe Strummer (ex-Clash) opõe-se às imagens, comentando as batalhas em baladas e narrando os momentos idílicos com toadas mexicanas alegres. Recorrendo a computadores e helicópteros, o filme samba sobre a hipocrisia autoritária e cria um pandemônio muito esperto.

TESOURO OCULTO

ANGEL, O ANJO EXTERMINADOR
(*Angel/Danny Boy*, Inglaterra, 1986) Taipan.

Drama psicológico que marca a estréia na direção do roteirista Neil Jordan, com o aval de John Boorman na produção (trabalharam juntos em *Excalibur*). Visto hoje, depois do Oscar de melhor roteiro por *Traídos pelo Desejo*, percebe-se um universo dramático semelhante à obra que consagrou Jordan definitivamente. O protagonista é o mesmo Stephen Rea, que aqui interpreta um saxofonista que gradualmente abandona seu instrumento para empunhar uma arma (não lembra *El Mariachi*?) com a intenção de vingar a morte estúpida do empresário e de uma fã.

FRIAS TRAPAÇAS
(*Cheat*, EUA/Polônia, 1991) Abril.

O diretor/roteirista Adek Drabinski inspirou-se no universo de Choderlos de Laclos e de suas *Ligações Perigosas* para criar uma história sobre a decadência da aristocracia européia no final do século 18. O filme, com belíssima direção de arte e primorosa fotografia, entrega-se a um universo claustrofóbico e claudicante, com voyeurs desesperados, apostas irresponsáveis, drogas, doenças venéreas e homossexualismo. Pega pesado, incomoda e fascina.

O ANJO ASSASSINO
(*Miami Blues*, EUA, 1990) LK-Tel/Vídeo.

Policial debochado e bizarro, amoral até a medula, marca o retorno à direção do "alternativo" George Armitage, que estudou cinema com Jonathan Demme (co-produtor desta fita) e que permaneceu vinte anos no obscurantismo. Alec Baldwin é o criminoso mais azarado do cinema. Mentalmente transtornado, ele chega a Miami, apaixona-se por garçonete ingênua (Jennifer Jason Leigh) e rouba a identidade do policial que o persegue (Fred Ward, também co-produtor). As situações são frenéticas e exageradas, com acentuado humor negro e sangüinolência desatada. Não é para todos os públicos.

UM BEATLE NO PARAÍSO
(*The Magic Christian*, Inglaterra, 1969) Republic.

Apesar do título brasileiro tolo, que recorre à presença, como segundo nome do elenco, do ex-Beatle Ringo Starr, esta comédia traduz muito bem o espírito contracultural da época e também marca o embrião do grupo Monty Python. Peter Sellers, o homem mais rico do mundo, escandaliza a todos ao escolher um hippie (Starr) para ser seu protegido. O que importa, porém, são as vinhetas que interrompem a narrativa convencional. Da autoria de Graham Chapman e de John Cleese, dois proto-Python, na forma de desenho animado, ou musical, ou escracho puro, estas seqüências antevêem o humor aviltante do grupo e, de quebra, ainda contam com pontas especialíssimas de figuras como Roman Polanski, Richard Attenborough, Raquel Welch, Christopher Lee e Yul Brynner. A música-tema é de Paul McCartney. Obrigatório para os fãs do grupo.

O FILHO DA MÁFIA
(*Spike of Bensonhurst*, EUA, 1988) Paris.

Única fita disponível em nosso mercado do diretor *underground* Paul Morrissey. Não é o seu melhor, mas é um interessante cartão de visitas. Uma comédia romântico-musical vulgar e caricata, ambientada numa Nova York dominada pela miséria e pelas drogas e atropelada por todas as etnias.

VIDA CIGANA
(*Dom Za Vesanje/Time of the Gypsies*, Iugoslávia/Inglaterra, 1989) LK-Tel/Vídeo.

Entre *Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios* (Palma de Ouro em Cannes) e *Arizona Dream* (Urso de Prata em Berlim), Emir Kusturica realizou este *Vida Cigana*, que lhe concedeu a Palma de Prata no mesmo festival de Cannes. Acompanha o desencontro de um casal de irmãos ciganos: a mais nova é hospitalizada por causa de uma atrofia muscular, o mais velho passa a trabalhar para um gângster local para juntar dinheiro e assim pagar o tratamento médico. Simples e árido, mas sempre contundente.

APOSTANDO NO AMOR
(*Dogfight*, EUA, 1991) Warner.

Romance dirigido por uma das maiores diretoras independentes do cinema americano atual, Nancy Savoca (*Michael & Donna – Um Verdadeiro Amor*). Na noite anterior à partida para o Vietnã, um grupo de recos decide se divertir num local noturno levando consigo uma garota feia para o concurso da pior de todas (o *dogfight* do título). River Phoenix, em um de seus papéis menos badalados, escolhe Lili Taylor (*Arizona Dream*), uma garçonete e cantora pós-beatnik. Convida-a para a festa sem lhe avisar a natureza do "evento". Sutilezas humanas em uma pequena pérola realista.

THE HIT
(Inglaterra, 1984) Omni.

Primeiro filme para o cinema que Stephen Frears dirigiu desde sua estréia, em 1971, com *Gumshoe, Detetive Particular*. Policial nobre, é a história de um traidor (Terence Stamp) que é capturado na Espanha por dois capangas (John Hurt e Tim Roth) para ser encaminhado a Roma, onde será julgado pelos ex-parceiros de crime. A viagem pelas belas planícies hispânicas se dá de forma tensa e quase metafísica, num jogo de gato e rato rico e violento. O elenco, completado pelos espanhóis Fernando Rey e Laura del Sol, está excelente.

ANOS DE REBELDIA
(*Out of the Blue*, EUA, 1980) Nacional.

Espécie de catarse feita por Dennis Hopper do seu vício por drogas que, segundo ele, só foi vencido em 1984. Dirigido e protagonizado pelo próprio, é um retrato doloroso e (muito) cruel das mazelas da família contemporânea. Hopper e Sharon Farrell interpretam pais ex-hippies, ele recém-saído da prisão por ter abalroado um ônibus escolar há cinco anos. A filha dos dois (Linda Manz) é uma rebelde andrógina e desnorteada e fã inveterada de Elvis Presley. Dizer que o filme é amargo é ser eufêmico. Sua conclusão é um soco seco no estômago. Arrepiante música-título de Neil Young.

AS AMAZONAS NA LUA
(*Amazon Women on the Moon*, EUA, 1987) CIC.

Entre os cinco diretores desta fita em esquetes estão Joe Dante e John Landis. Quem conhece o humor dos dois sabe o que esperar desta grande gozação com a TV. O filme é uma despirocada simulação da programação da telinha, com programas de auditório, publicidade, novelas, trailers e longas. É claro que a intenção é não deixar pedra sobre pedra. A artilharia é pesada e vai em todas as direções, errando algumas. Mesmo assim, é perfeito para ser curtido em grupo e tem um elenco estelar, incluindo nomes como Michelle Pfeiffer, Rosanna Arquette, B.B. King e muitos outros. Não desligue durante os créditos finais.

MARTIN
(EUA, 1978) L.M.P.

Vampirismo como nunca foi visto nas telas. Só mesmo o mestre George A. Romero para criar uma história sobre um vampiro contemporâneo e "realista" na forma de um tenso drama psicológico. Martin é um jovem psicopata que injeta drogas em suas vítimas antes de sorver-lhes o sangue. Um Romero pouco conhecido e, sem dúvida, um de seus melhores.

ESPIONAGEM EM BELGRADO
(*Yha/Una My Love*, Iugoslávia, 1985) Mundial.

Ousado filme iugoslavo, que equilibra doses iguais de política e erotismo. O diretor Milos Misa Radivojevic narra a história de um professor de sociologia condenado pela burocracia local por suas tendências anarco-liberais e que se apaixona por uma jornalista designada para entrevistá-lo e também espioná-lo. A relação entre o professor cético e solitário e a jovem chantageada pelas autoridades universitárias é pontuada por um impressionante erotismo. A denúncia política se manifesta de forma intimidadora e enriquece o quadro existencial de um filme inquieto e revelador sobre um sistema social que a História já cuidou de modificar.

CIDADE DE SANGUE
(*City of Blood*, África do Sul, 1987) Tec Home.

Uma grande curiosidade: uma fita de suspense que toca na delicada questão racial (apartheid) em meio a uma trama que envolve magia negra e beira as raias do mais puro terror. A história começa há dois mil anos e pula para a atualidade, quando um médico legista se recusa a encobrir a morte de um líder negro assassinado pela polícia. Paralelamente, prostitutas brancas começam a morrer com requintes de sadismo, denotando características de rituais africanos. A consciência do médico se manifesta em delírios e o filme avança na forma de um pesadelo.

LOUCOS MUITO LOUCOS
(*Lunatics – A Love Story*, EUA, 1992) LK-Tel/Vídeo.

O diretor/roteirista Josh Becker associou-se à turma de Sam Raimi e realizou uma comédia maluca que lembra os delírios de *Dois Heróis Bem Trapalhões*, do próprio Raimi. Este é co-produtor da fita, junto a Bruce Campbell (protagonista da trilogia *Evil Dead*), aqui também ator. Por mais irreverente que seja, esta obra é, no fundo, essencialmente romântica. O filme ensaia o encontro (final e feliz) de um excêntrico que não sai de seu apartamento há seis meses e que acha que vai ser assassinado e de uma jovem que acredita levar todos à sua volta à miséria completa.

QUEM ANDA CANTANDO NOSSAS MULHERES
(*Greetings*, EUA, 1968) Abril.

O filme marca a estréia nas telas de dois monstros sagrados do cinema moderno, Brian DePalma e Robert De Niro. Visto hoje, é um divertido compêndio da estética e da moral desta época marcada pela contracultura. Apresenta três amigos que, enquanto evitam se alistar para a Guerra do Vietnã, divagam sobre sexo, drogas, cultura pop, o assassinato de Kennedy e até mesmo o cinema de Michelangelo Antonioni. Levou o Urso de Prata (direção) no Festival de Berlim de 1969.

Christian Petermann

Navegue Tranqüilo

O rumo dos negócios na sua locadora já está traçado. Mas, é sempre bom procurar águas tranqüilas para navegar. A Aruba Home Vídeo ajuda a tocar o barco para terra firme. São lançamentos, clássicos do cinema e raridades, títulos indispensáveis que afastam você de qualquer tormenta na hora da escolha.

O atendimento personalizado da Aruba livra o cliente de manobras arriscadas. Só leva o que precisa e recebe toda orientação sobre futuros lançamentos, fitas que estão para desembarcar nas prateleiras com locação garantida. E para negociar o tempo está sempre bom. A Aruba completa a rota de sucesso com um sistema de permuta, um mar de novidades para reciclar o acervo.

Aruba: direção para o seu investimento.

Aruba video

Av. Voluntários da Pátria, 1523
Sala 1 - Cep 02011-200 - Santana - SP
Fonefax: (011) 299.6238 / 267.9468

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

FAROESTE CABOCLO

Visto agora, com um distanciamento de dez anos, o mercado de vídeo no Brasil revela uma história turbulenta, marcada por capítulos que até dariam um interessante filme policial com direito a muitas cenas de ação. Na verdade, daria uma comédia maluca com muita gente correndo para lá e para cá. Ou seria um bangue-bangue?

Mas não se pense que esta luta foi uma exclusividade brasileira. Nos EUA, o surgimento do mercado de vídeo também teve suas etapas de primitivismo.

O "videocassete de TV" ou "vídeo doméstico" *(home video)*, como era chamado por Hollywood, começou sua história no ano de 1977 nos EUA. Foi quando os primeiros modelos fabricados pela Sony entraram nos lares americanos, inicialmente apresentados ao público como um aparelho para gravar programas da televisão. Uma utilização puramente doméstica. Por ingenuidade ou miopia administrativa, não se tocava em uma questão que logo deflagraria uma guerra comercial de proporções gigantescas – os direitos autorais.

Quatro anos se passaram para que os estúdios de Hollywood começassem a ficar furiosos com essa história de se gravar filmes e programas de TV livremente sem pagar um centavo de direito autoral. As pessoas começaram a construir ambiciosas filmotecas. Embora as emissoras de televisão também estivessem inquietas com o assunto, quem finalmente deu o primeiro grito foram os estúdios cinematográficos – os royalties acumulados somariam muitos e muitos milhões de dólares.

Em 1983, o circo começou a pegar fogo. Considerando que "essas máquinas acopladas aos televisores" representavam uma grande promessa de mercado e lucro, e que os fabricantes dos aparelhos seriam responsáveis pelas infrações dos direitos autorais, a Universal Studios e a Walt Disney Productions processaram a Sony, empresa japonesa fabricante do "videogravador" Betamax.

"As gravações domésticas são uma violação das leis de copyright", afirmavam, e numa primeira instância, um tribunal de San Francisco considerou justas as alegações das duas empresas. A Sony entrou com uma apelação junto à Corte Suprema e a instância máxima da justiça americana deliberou que seria legal a gravação de programas de televisão para uso caseiro. Na época, um porta-voz da indústria eletrônica declarou que uma decisão desfavorável pelo tribunal teria sido um golpe gigantesco, talvez irreversível para o mercado de videocassete. Foi a partir dessa decisão que as vendas do aparelho cresceram vertiginosamente e não apenas nos EUA.

Enquanto o presidente da Sony festejava a "importante vitória dos consumidores", Jack Valenti – presidente da Motion Picture Association of America, órgão que representa os estúdios de Hollywood (MPAA, fundada em 1923) – dizia que isso era apenas o princípio de uma batalha que seria decidida no Congresso. E que, não menos, o futuro da indústria do entretenimento estava em jogo.

Esse capítulo histórico do vídeo nos EUA serve para ilustrar que as maiores dificuldades pelas quais o Brasil passou foram em razão de um mercado novo que precisava não apenas ser desbravado como também colonizado, em mais uma analogia com a conquista do Velho Oeste norte-americano.

Hollywood não podia simplesmente acabar com a indústria de videocassete, mas sim propiciar um ambiente de convivência. Para proveito próprio, inclusive. Apenas a união dos oponentes permitiu que se enfrentasse a pirataria que começava a crescer no mundo todo. Em 1978, os "filmes pré-gravados", como eram chamadas as fitas, começaram a ser vendidos em grande escala principalmente nos EUA e Japão. Eram programas de esporte, outros do tipo "faça você mesmo", passatempos e filmes populares.

Rapidamente, o cinema passou a ser o material de maior interesse. Tornou-se então muito comum a troca de fitas entre parentes e amigos. Mas quando a troca começou a extrapolar esses núcleos básicos, algumas pessoas perceberam que seria mais rentável cobrar uma taxa pelo empréstimo dos filmes. Vislumbrou-se um mercado. Nasceu então a pirataria comercial com suas lojas de atendimento ao público, organizando o material por gêneros e títulos.

A pirataria foi a primeira a perceber, nos EUA, a demanda por filmes gravados, mas os estúdios rapidamente desenvolveram uma indústria muito mais poderosa do que os pioneiros de fundo-de-quintal. A eficiência e profissionalização do mercado de vídeo americano chegaram ao ponto de diminuir para 10% a participação dos piratas no fim dos anos oitenta.

No Brasil, o vídeo deu seu primeiro sinal de vida em novembro de 1977, quando surgiu a Globotec - Sistema Globo de Tecnologia Educacional Ltda. Mas era apenas um "bureau de serviços" para a área de recursos humanos e treinamento de pessoal. Em maio de 1980, a Globotec afirmava que poderia explorar o mercado de *home vídeo* mas que não esperava, a médio prazo, grandes progressos na área. Os aparelhos virtualmente ainda não existiam no país. Mas a produção industrial modesta da Globotec foi o embrião da indústria nacional de videocassetes.

Somente em dezembro de 1981 o primeiro videocassete doméstico entrou oficialmente no Brasil através da Sony, a mesma empresa que havia comprado a briga com os estúdios americanos. Na ocasião, a TV Bandeirantes anunciava que dentro de um ano poderia entar no mercado de videotape não empresarial. Existia também uma certa resistência à utilização do aparelho, o que as produtoras debitavam à falta de conhecimento do sistema de vídeo.

Mesmo independentemente da Sony, os aparelhos de videocassete estavam entrando ilegalmente no país e com uma certa rapidez. No começo de 1982 já existiam cerca de 250 mil, principalmente no eixo Rio-São Paulo. Enquanto os "clubes de videocassete", cerca de cem em todo o país, forneciam tranqüilamente as fitas piratas para esse público emergente, a imprensa começava a dar espaço à discussão sobre os direitos autorais.

Segundo pesquisas da época, quase que a totalidade das pessoas que compravam um videocassete o faziam para ver filmes pornográficos. Também nos EUA, aceita-se de acordo comum que foram as fitas de sexo explícito que consolidaram o nascente mercado de vídeo (e até hoje elas respondem por cerca de 40% das locações). Por motivos óbvios, na privacidade do lar – e não em salas públicas – o filme pornô encontrava seu espaço privilegiado.

Inicialmente, os tais clubes ofereciam praticamente apenas fitas pornô para atender sua clientela. Porém, não demorou muito para que os donos desses entrepostos de fitas percebessem que diminuía o interesse por esse gênero e surgia uma demanda de cinema hollywoodiano e "entretenimento familiar". Essas pré-locadoras começaram então a abarrotar suas prateleiras com títulos cinematográficos. Calcula-se que muitas fitas chegavam a essas lojas num prazo de até 48 horas desde sua partida num avião qual-

quer dos EUA, até o laboratório de legendagem e chegada nas prateleiras.

Enquanto nos EUA os americanos adquiriam seu videocassete basicamente para gravar programas da TV, no Brasil as pessoas o compravam para ver os filmes que ainda não haviam chegado às salas de cinema. Criou-se assim um público afoito e exigente, que acabou fomentando a consolidação dos fornecedores de fitas piratas. Até hoje há quem sinta saudade da variedade e da abrangência encontradas nas proto-locadoras da época...

Aparelhos e fitas ilegais estavam ameaçando transformar o Brasil numa imensa zona franca que não se limitava a Manaus. A esta altura do campeonato, o que mais preocupava as autoridades era o contrabando de aparelhos de vídeo. Claro que a questão das fitas piratas e dos direitos autorais pediam uma solução. Mas as pessoas primeiro queriam o vídeo para depois pensarem em fitas. Por isso, a entrada da Sharp no Brasil, em março de 1982, foi fundamental. O novo VCR tentaria impedir que os consumidores carentes aumentassem a cifra dos 250 mil aparelhos clandestinos no país. Nesse momento, os EUA registravam cerca de dois milhões de aparelhos nos lares americanos, e 21 fabricantes brigavam entre si com 60 modelos diferentes.

A iniciativa da Sharp teve uma resposta fantástica de vendas, e mais tarde se chamaria os consumidores do novo aparelho de "geração Sharp". Enquanto isso, o mundo editorial começava a abrir espaços em suas publicações para o mercado de vídeo. Foi por volta de 1982 que a revista *Billboard* incluiu junto ao *hit parade* semanal uma coluna com as 40 fitas de "videocassete pré-gravadas" mais vendidas nos EUA. Entre nós, a primeira publicação especializada no mercado de vídeo foi a *Vídeo News*. Ela começou a ser publicada em junho de 1982 com uma tiragem de cinco mil exemplares. Além das indicações do crítico de cinema Rubens Ewald Filho, a revista dedicava muitas páginas ao videocassete uma vez que o aparelho ainda era pouco conhecido. A *Folha de S. Paulo* passava a publicar matérias de vídeo, uma vez por semana, num caderno especial de informática. E o *Jornal da Tarde* ampliou sua seção de cinema com uma coluna semanal falando sobre vídeo.

A HORA DO VAMOS VER

Depois da Sharp, outras empresas começaram a fazer fila na porta do Brasil com os seus aparelhos de vídeo embaixo do braço. Estavam chegando a National, Telefunken, CCE, Polyvox, Evadin, Philco e a Sanyo. Com o mercado de videocassete sendo suprido a contento, dificultando a atividade do contrabando, estava na hora de levar um papinho sério com a pirataria de fitas. O pontapé inicial foi dado pela Embrafilme no dia 28 de setembro de 1982, quando o seu diretor-geral, Roberto Parreira, disse que entregaria estudos ao Concine para que fossem baixadas normas em forma de resolução contra o uso indevido dos direitos autorais. Mas ele alertou que não teria a finalidade de extinguir os videoclubes nem impor restrições às suas atividades. O recado havia sido dado aos piratas e a briga estava apenas começando.

Se ninguém cobrasse o aluguel das fitas de vídeo de ninguém, tudo ficaria dentro da lei pois não se estaria tirando lucro sobre os direitos autorais. Obviamente os videoclubes foram os testas-de-ferro. Cumpre notar que nesse instante histórico não existiam videolocadoras mas sim os tais videoclubes. Eles não tinham (dizia-se) fins lucrativos. Os videoclubes cobravam do associado duas fitas gravadas como jóia. Essas fitas enriqueceriam a videoteca e o local funcionaria como mero administrador ou depositário de filmes que, em última instância, pertenceriam aos associados. Teoricamente, este procedimento estava enquadrado nas leis vigentes.

A partir daí, o mercado de vídeo viveu momentos de puro obscurantismo. Vários donos de videoclubes cariocas e paulistas eram presos para que logo em seguida as autoridades concedessem alvarás irrefutáveis. Estava claro que a lei queria chegar ao "traficante" de fitas ilegais através do "passador" desse material. Bem ou mal, foi assim que se formou estruturalmente esse mercado – através da ilegalidade.

De camarote, as grandes empresas distribuidoras estavam apenas esperando que a casa fosse colocada um pouco mais em ordem para entrarem em cena com seus títulos legalizados. Consta que em janeiro de 1983, tanto a Warner quanto a Columbia já tinham prontos pacotes inteiros de filmes legendados, à espera de definição da legislação.

Acuados diante de uma pressão crescente contra a falta de solução dos pagamentos dos direitos autorais, os videoclubes e as locadoras diziam às autoridades: "Nós queremos pagar os direitos autorais. Apenas digam o que deve ser recolhido e para quem".

O primeiro estabelecimento de locação e comércio de fitas de vídeo que efetivamente assumiu o nome de "locadora" foi a Omini Vídeo, fundada em 1978 na capital de São Paulo. O presidente da empresa, Adelino dos Santos Abreu, também dirigia a ABEVC (Asso-

AS GRANDES DISTRIBUIDORAS

A **Globo Vídeo** foi a primeira grande distribuidora a entrar no mercado. Filha bem-sucedida das empresas do Sistema Globo de comunicações e sucedânea da Globotec.
Entrada no mercado: 1983.
Orientação: desde setembro deste ano, com o lançamento de *Rollerboys*, a empresa passou a investir com mais força em seus títulos de grande apelo comercial, geralmente nos gêneros aventura e comédia; continuará, porém, a lançar filmes "sérios", geralmente comprados em feiras e festivais.
Quem compra: Marcos Cândido de Brito, gerente de marketing.
As preferências pessoais: *Rocco e Seus Irmãos, O Nome da Rosa, Blade Runner* (as duas versões), *Um Homem com Duas Vidas* e *Cinema Paradiso.*

Das independentes de porte médio, a **Look Vídeo** é hoje uma das mais importantes. Foi uma das pioneiras do mercado de vídeo a lançar títulos europeus e americanos independentes fundamentais para suprir o então escasso acervo das locadoras. A Look já atua com destaque na distribuição de filmes para cinema.
Entrada no mercado: 1983.
Orientação: Compra de produções oferecidas nos principais festivais internacionais. Os títulos em vídeo são equilibrados entre ação/aventura e filmes de arte.
Quem compra: Paulo Fernandes, proprietário e presidente da companhia.
As preferências pessoais: *Gandhi, Chaplin, Expresso da Meia-Noite, Sem Destino* e *Traídos pelo Desejo.*

A **CIC Vídeo** foi a primeira grande companhia americana (*major*) a entrar no Brasil. Representando os estúdios da Paramount e Universal, teve a missão inicial de injetar grandes títulos no mercado e organizar as primeiras ações contra a pirataria.
Entrada no mercado: 21 de abril de 1985.
Orientação: a empresa tem os direitos reservados de distribuição em vídeo de todos os títulos lançados em cinema da Paramount, da Universal e também das produções para TV destas duas companhias. A CIC escolhe as produções e define o calendário de lançamentos.
Quem escolhe: Paulo de Góes, jornalista veterano do mercado cinematográfico, e assessor de imprensa da companhia, é um dos principais profissionais do grupo que seleciona os títulos a serem lançados em vídeo.
Preferências pessoais: *Cantando na Chuva, Cidadão Kane, Crepúsculo dos Deuses, Um Dia em Nova York (On The Town, EUA, 1949, de Gene Kelly)* e *O Boulevard do Crime.*

Antes de entrar no mercado, a **VTI** já era um dos mais importantes distribuidores de filmes dublados para televisão. Com um complexo de estúdios de filmagem, dublagem e edição no Rio de Janeiro, a VTI só lançava filmes exibidos na televisão até assinar contrato com a inglesa Thorn-Emi. A partir daí, a empresa tornou-se uma das distribuidoras de ponta com outras produtoras independentes em seu catálago.
Entrada no mercado: fevereiro de 1985.

Orientação: adquirir títulos vendidos nos principais festivais internacionais de cinema. Conseguir produções de boa qualidade cinematográfica, não necessariamente de apelo comercial, desde que representem diversificação ao público.
Quem escolhe: Roberto Berbara, um dos donos e presidente da companhia.
Preferência pessoais: *O Terceiro Homem, Noites de Cabíria, Salário do Medo* (Henri-Georges Clouzot), *Do Mundo Nada Se Leva* (Frank Capra) e *Sou ou Não Sou?* (de Mel Brooks).

A **América Vídeo** foi uma das primeiras grandes empresas independentes a entrar com força e organização no mercado. Ela é uma das companhias da Paris Filmes, tradicional distribuidora de filmes para o cinema. Depois da consolidação da América, o Grupo Paris abriu mais um selo com o nome de **Paris Vídeo**. O catálogo da **Republic** faz parte do acervo da empresa depois do cancelamento do contrato com a Herbert Richers.
Entrada no mercado: América Vídeo, em 1986. Paris Vídeo, em 1989. Republic em 1990.
Orientação: a empresa começou investindo pesado em filmes de muita ação, principalmente artes marciais. A Paris tinha o contrato com a Cannon (de Yoram Globus e Menahmem Golan). Com a entrada da América e Republic, títulos europeus, de arte e importantes produções independentes começaram a fazer parte do catálogo.
Quem escolhe: Marcio A. Fraccaroli, diretor de Marketing.
A preferências pessoais: *Gandhi, Retratos da Vida* (Claude Lelouch), *A Família* (Ettore Scola), *O Último Imperador e Indochina.*

Das independentes, a **Mundial** é uma das empresas de porte médio mais sólidas do mercado, disputando um dos primeiros lugares logo abaixo das quatro grandes. Foi uma das primeiras a investir em títulos de qualidade não conhecidos, fortalecendo no público o saudável hábito de descobrir o que existe além das grandes produções.
Entrada no mercado: 1986.
Orientação: preocupação com o bom nível das produções no que diz respeito a temas, direção e elenco. Títulos adquiridos em feiras e nos principais festivais internacionais de cinema. Interessa-se também em suprir o segmento infantil e o de filmes eróticos com regularidade.
Quem compra: Luis Carlos Procópio, um dos donos e diretor-presidente da empresa.
Preferências pessoais: *Amadeus, Rapsódia em Agosto, Labirinto, Minha Vida de Cachorro* e *Traídos Pelo Desejo.*

A **Abril Vídeo** pertence ao seleto grupo das quatro grandes distribuidoras, junto a Warner, LK-Tel e CIC. Seus primeiros títulos foram as produções eróticas soft da Playboy. O poderoso contrato com o grupo Disney (Touchstone e Hollywood Pictures, seus selos de filmes adultos) e, em seguida, com a 20th Century Fox colocou-a no patamar onde se encontra.
Entrada no mercado: 1987.
Orientação: oferecer ao público as grandes produções dos principais estúdios que representa, ou os filmes de grande bilheteria, além de adquirir títulos de produções independentes. Busca equilibrar importantes trabalhos comerciais com filmes europeus – a empresa distribui os títulos que a Belas Artes lança

ciação Brasileira de Empresas de Vídeo Comunicação), criada no começo de 1983 para defender as locadoras e videoclubes da crônica ameaça de extinção. Mas enquanto uma legislação que regulamentasse a existência das locadoras não saía, as várias apreensões de fitas nas locadoras por parte da Polícia Federal lembravam os agentes federais americanos confiscando whisky na época da lei seca. Até fins de 82 essas buscas eram modestas, mas em 83 começaram a apreender milhares de fitas. Videoclubes e locadoras ficavam atônitos pois logo depois de efetuados os confiscos as fitas freqüentemente eram devolvidas e até com pedidos de desculpas. Com que direito as autoridades faziam isso se não existia lei condenando a atividade?

Adelino, da Omini, vítima várias vezes dessas operações declarava: "Parecia coisa daquele seriado *S.W.A.T.* Cercaram o prédio, os que estavam dentro não podiam sair. Metralhadoras em punho. Levaram tudo. Um caos durante horas. A Polícia Federal agia em nome da 'Portaria Reservada 328/80', da Receita Federal, que ninguém conhecia o que dizia".

VIVENDO PERIGOSAMENTE

Foi por causa desse guerra que os próprios videoclubes resolveram agir, pedindo uma regulamentação definitiva. Na tentativa de buscar alguma representatividade que fizesse com que não fossem vistos como bandidos, os videoclubes criaram suas próprias associações. Além da Associação Brasileira de Videocomunicação, veio a ABDVC, Associação Brasileira dos Distribuidores de Videocassetes. Tudo para evitar o faroeste caboclo. Isso porque a primeira dessas instituições, a velha e boa ANDV (Associação Nacional dos Distribuidores de Videocassetes), fundada em 1982, já não apitava mais nada.

Até junho de 1983, esse mercado, que nasceu torto e queria se endireitar, ia de vento em popa. Nesse meio tempo, dormitava no gabinete da ministra da Educação e Cultura um projeto de lei que proibia a pirataria. Falava-se então de um selo que seria colocado em todas as fitas que entrassem no mercado brasileiro. Isto finalmente aconteceu em setembro do mesmo ano com a Resolução nº 97 do Conselho Nacional de Cinema (Concine, que deixou de existir há mais ou menos dois anos). A medida instituía o selo de controle e estabelecia a obrigatoriedade de copiagem no país para filmes gravados em videocassetes.

À exceção do selo, a lei só trouxe mais confusão. As grande empresas americanas – ansiosas pela regulamentação para porem seus pés no mercado brasileiro, as primeiras a quem a lei realmente interessava – quase desistiram de entrar no Brasil. Não apenas essa "obrigatoriedade de copiagem no país" era um empecilho operacional, como também havia uma parte da legislação que obrigava a uma reserva de mercado para o filme brasileiro de videocassete na faixa de 25%. Isso significava menos títulos estrangeiros no Brasil do que inicialmente as empresas americanas estipulavam.

Se a única forma de acabar com a pirataria seria através da entrada dessas grandes companhias, conhecidas como *majors*, o atraso na chegada delas, por aversão à tal lei, só permitia o agigantamento do mercado pirata. Em resposta ao Concine, as *majors* diziam que a resolução 97 fomentava indiretamente a pirataria. Enquanto a discussão esquentava entre empresas americanas e autoridades brasileiras, os piratas esfregavam as mãos de contentamento. Os gatos brigavam e os ratos faziam a festa.

Em 1984 o bate-boca atingiu o auge. A grande imprensa dedicava manchetes sobre a polêmica. A sociedade brasileira já estava ciente de que o mercado de vídeo era sustentado em bases ilegais. Mas as autoridades estavam de mãos atadas pois acabar com a pirataria siginificava acabar com todo o mercado. Quase 100% das fitas nos videoclubes e locadoras eram piratas. Por outro lado, o governo brasileiro incentivava a indústria e o consumo dos videocassetes.

A situação era delicada e apresentava uma lógica contraditória. Ao mesmo tempo em que os piratas garantiam o mercado, eles somavam (em todo mundo) um prejuízo anual para a indústria cinematográfica da ordem de 700 milhões de dólares em direitos autorais – segundo dados da MPAA. Isso sem contar que os piratas não recolhiam os impostos devidos sobre cada fita duplicada.

ACORDO DE CAVALHEIROS

O impasse estava instaurado. As raras fitas legais colocadas no mercado em nada afetaram o quadro geral. Além de praticamente nenhuma delas conter títulos de sucesso, chegavam a um preço nada competitivo. Os dois únicos longas-metragens lançados, (*Bete Balanço*, pela Video Cassete do Brasil, e *A Turma da Mônica*, pela Transvídeo), eram uma agulha no palheiro.

Em 1984, acabou sendo declarada, então, uma trégua na fiscalização e na apreensão, pois uma ação enérgica recolheria 90% das fitas provocando um colapso no mercado. Estabeleceu-se as-

sim um acordo de cavalheiros entre a UBV (União Brasileira de Vídeo), que congregava os distribuidores de vídeo, e as entidades representativas das locadoras e videoclubes. Pelo acordo, os produtores continuariam a tolerar no mercado cópias ilegais com títulos de suas propriedades e só acionariam a Embrafilme para apreensão de fitas piratas dos filmes disponíveis legalmente. Em contrapartida, os videoclubes e locadoras se comprometeriam a não fazer novas cópias de uma relação de títulos anexa ao acordo e a retirar do mercado as fitas irregulares à medida que as legais estivessem disponíveis. Trocando em miúdos, as locadoras se comprometeriam a legalizar seus acervos e as distribuidoras, mesmo com prejuízos, dariam tempo necessário para que isso acontecesse.

Desnecessário dizer que esse "protocolo de intenções" não vingou. Os títulos selados não chegavam e a pirataria trabalhava dia e noite para atender às exigências do público sedento por títulos. A própria Embrafilme, que possuía mil títulos de filmes nacionais, não vendia os direitos autorais para nenhuma distribuidora, como também não lançava as obras em fita, segundo havia prometido.

Foi no dia 21 de abril de 1985 que a CIC Vídeo entrou no mercado brasileiro. Anunciou-se na época que a pirataria sofreria um golpe mortal. Foi apenas o início disso. A empresa entrava com títulos da Paramount Pictures e da Universal Studios – duas das maiores produtoras de Hollywood. A CIC começou com pacotes mensais de onze títulos, oito internacionais e três nacionais, comercializando quinhentas cópias de cada título. O investimento anual seria da ordem de 500 mil dólares.

O preço para as locadoras era salgado mas a qualidade das fitas o justificava. Pela primeira vez nessa pitoresca história, o locatário podia assistir a imagens límpidas, de som audível. A comparação com o lixo técnico apresentado pela pirataria já era inevitável. Até foi proposto que a cada fita selada comprada pelas locadoras se retirasse três piratas. Mas isso ficou apenas na proposição.

A CIC esperava que até o final de 1985 a pirataria caísse para 50% – cifra um tanto otimista. Se a qualidade foi bem aceita pelos locatários, os lançamentos de títulos antigos teve uma certa recusa. O público já estava acostumado a ver novidades. E isso era um problema cultural a ser enfrentado.

Nesse momento, as maiores distribuidoras do mercado eram a CIC, a F.J. Lucas, a VTI, a Jota Vídeo, a Globo Vídeo e a MacData. Foi esse grupo que começou a detonar ações mais enérgicas contra a pirataria. Razões não faltavam, na medida em que a indústria pirata vendia em 1986 cerca de 200 mil fitas por mês, e as distribuidoras de fitas seladas não chegavam a comercializar mais que 50 mil. Tratava-se agora da polícia autuar as duplicadoras clandestinas de filmes e aplicar as penalidades da lei.

NOVOS TEMPOS

Mesmo com a forte presença da pirataria, o mercado de vídeo para as distribuidoras legais estava em expansão. O que muito colaborou para isso foi o fato de que começou a virar moda abrir uma locadora. A cada dia mais pessoas ouviam esta proposta: "Vamos abrir uma locadora?" Mas o que muitos não sabiam é que, além do capital para abrir o pequeno negócio, era preciso paciência e esperar cerca de dois anos para se ter lucros reais. Muitos se deram bem, outros nem tanto.

Bons títulos já existiam, como *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, *De Volta Para o Futuro*, *A Noite*, de Antonioni, *Alexandre Nevski*, de Eisenstein, *Iracema – Uma Transa Amazônica*, de Jorge Bodanski, e *A Classe Operária Vai ao Paraíso*, de Elio Petri, entre muitos outros.

Entusiasmado com os novos ventos, o Concine declarava que acabaria com a pirataria até 1988. Para tanto, foram colocados 150 fiscais como uma força-tarefa mais contundente. E o presidente do Concine, o ex-cineasta Gustavo Dahal, dizia: "O uso da etiqueta de controle é obrigatório". Era o fim da tolerância e o pau começou a comer mesmo, blitz atrás de blitz. Mas entre uma e outra não faltaram expedientes políticos como o I Encontro Nacional do Mercado de Vídeo, realizado em junho de 1987 no Palácio das Convenções do Anhembi. Foi a vez das locadoras se manifestarem. Elas pediram redução de preços, lançamento de filmes de ponta e não aceitação de pacotes fechados. O coro de vozes era forte, afinal ele representava seis mil locadoras no país. E com trezentas mil cópias legais sendo produzidas por mês, o mercado pirata caía para o patamar dos 60% – um considerável avanço.

UM POR TODOS, TODOS POR UM

O primeiro grande passo em direção a um mercado profissional e estabelecido foi dado com a realização no dia 4 de março de 1988 da Iª Vídeo Trade Show. Uma feira que congregou no Palácio das Convenções do Anhembi 60 distribuidoras do mercado de vídeo, 60 indústrias de equipamentos de diferentes países e 40 empresas de prestação de serviços. Foi no cinema. Atualmente, a Abril Vídeo é a companhia mais forte no segmento de *sell-thru*, a venda direta de fitas ao consumidor.

Quem compra: Marco Antonio Ribeiro é diretor de marketing e produção. Ele, junto a mais três executivos da empresa, compra os títulos e estabelece o calendário de lançamentos.

Preferências pessoais: *Perfume de Mulher*, *Aladdin*, *Casablanca*, *Sociedade dos Poetas Mortos* e a trilogia *O Poderoso Chefão*.

LK-TEL VIDEO

A **LK-Tel** é outra das quatro conhecidas *majors* do mercado. Os filmes da companhia são os lançados através dos selos Columbia (com os filmes da produtora americana), Vestron (lança grande parte do acervo desta independente) e 20/20 (que representa várias independentes menores).

Entrada no mercado: abril de 1988.

Orientação: a companhia traz grandes sucessos de bilheteria para o mercado de vídeo, definindo com autonomia o calendário de lançamentos dos selos que representa. Também compra títulos de produtoras independentes em feiras e festivais internacionais.

Quem escolhe: Eliane Munhoz, gerente de marketing.

Preferências pessoais: *Gilda*, *...E o Vento Levou*, *40 Quilates* (Milton Katselas), *O Clamor do Sexo* (Elia Kazan), *Alien, o 8º Passageiro*, *Muito Barulho por Nada* e *Drácula de Bram Stoker*.

TOP TAPE

A **Top Tape** é uma das empresas tradicionais do mercado fonográfico. Ela começou no ramo de discos em 1969. A atividade com o vídeo foi o segundo grande passo da empresa. Não demorou para que se tornasse uma das maiores distribuidoras independentes, passando a lançar seus títulos também em cinema.

Entrada no mercado: 1988

Orientação de mercado: desde o princípio, a Top Tape tem um forte catálogo voltado para os filmes de artes marciais. Foi uma das primeiras a lançar filmes com Jean-Claude Van Damme, junto com a América Vídeo. Hoje a distribuidora equilibra alguns importantes filmes de arte com outros de apelo mais comercial.

Quem assessora as escolhas: Walkiria Dutra de Oliveira, gerente de vendas.

As preferências pessoais: *Encouraçado Potemkin*, *Morangos Silvestres* (Bergman), *Julieta dos Espíritos* (Fellini), *Cantando na Chuva* e *Como Água Para Chocolate*.

WARNER HOME VIDEO

A **Warner** é uma das quatro líderes do mercado de vídeo. Ela é detentora de um dos catálogos mais importantes do cinema, representando também o acervo da Metro Goldwyn-Mayer/United Artists (depois da rescisão do contrato com a Vídeo Arte), da Cannon (depois da separação dos sócios Menahem Golan e Yoram Globus; os filmes da dupla ainda são lançados pela América) e da rede de TV a cabo norte-americana HBO.

Entrada no mercado: dezembro de 1987.

Orientação: a empresa apenas seleciona as obras a que tem direito, estabelecendo o calendário de lançamento dos títulos e a sua divulgação.

Quem escolhe: Omar Jundi, gerente de marketing da Warner e presidente da U.B.V. (União Brasileira de Vídeo).

As preferências pessoais: *A Missão*, *Cinema Paradiso*, *Bagdad Café*, *O Pescador de Ilusões* e *Dançando com Lobos*.

A **Vídeo Arte** começou distribuindo o cobiçado catálogo da Metro Goldwyn-Mayer/United Artists e da National Geographic. A empresa já entrou no mercado como uma das maiores distribuidoras independentes.

Entrada no mercado: fevereiro de 1989.

Orientação: oferecer diversificação de títulos consagrados no cinema através do selo MGM/UA – este era o carro-chefe da companhia (ver Warner). Mas a Vídeo Arte também compra os direitos de obras oferecidas nos principais festivais e feiras internacionais. Tem contrato para distribuição dos desenhos da Hannah Barbera. A empresa começa a se firmar como uma representativa distribuidora para cinema, a Play Arte Pictures.

Quem escolhe: Otelo Betin Coltro, vice-presidente executivo do Grupo Betin Coltro.

As preferência pessoais: ...*E O Vento Levou, Jurassic Park, ET – O Extraterrestre, Amadeus* e *Sedução*.

A Europa Vídeo é uma das principais distribuidoras independentes de porte médio (ascendente) do mercado. Após se consolidar, passou a lançar títulos importantes e suas continuações. Mais tarde, juntou-se à outra distribuidora, a Carat, e a partir desta sociedade passou a investir mais na diversificação de seu catálogo.

Entrada no mercado: novembro de 1990.

Orientação: em fevereiro de 1992, associou-se à Carat, formando assim a Europa/Carat. Em 1993, lança também o selo Cannes.

Quem escolhe: Wilson Feitosa, sócio e diretor-presidente.

As preferências pessoais: *Era Uma Vez na América, Amadeus, Tomates Verdes Fritos, Dança dos Vampiros, A Primeira Página* (Billy Wilder).

quando o mercado de vídeo mostrou o tamanho da sua cara para as locadoras de todo o país que vieram comprar títulos, e para a pirataria que percebeu que a coisa já não estava tão fácil como antigamente.

Nessa época a revista inglesa *Screen Digest* publicava que o Brasil ocupava o 10º lugar no ranking mundial do setor, superado apenas pelo México na América Latina. As videolocadoras estavam crescendo e formando jovens empresários. A Vídeo Trade foi reeditada mais duas vezes e provou a consolidação definitiva do mercado.

A partir de 1989 e 1990, o mercado de vídeo apresentou um forte crescimento, principalmente com a recente entrada de outras grandes distribuidoras como a Europa, Vídeo Arte e o selo Paris. Com a profissionalização das locadoras e, principalmente, a nova atitude dos locatários que passaram a exigir qualidade de cópias e títulos, a pirataria diminuiu consideravelmente.

A única coisa que atrapalhou o mercado desde então foi a crise econômica detonada a partir de 91. Segundo as principais distribuidoras, no ano de 92 acentuou-se a queda de vendas das fitas seladas. O motivo era simples: mais do que nunca, faltou dinheiro no bolso do cidadão.

Mas 1993 foi um ano de pequena recuperação. Pode ser considerado um ano de crescimento ligeiro que apenas permitiu que os negócios do vídeo não acompanhassem a queda vertiginosa de outros setores da economia brasileira. Ainda segundo os empresários do vídeo, espera-se que o ano de 94 seja um ano de crescimento, principalmente no segundo semestre.

O atual presidente da UBV, Omar Jundi, declara que as principais distribuidoras de vídeo atacarão institucionalmente o mercado com pesquisas e sistemas de informação. O objetivo é continuar enfrentando uma pirataria que, apesar de estar sob controle, tem se sofisticado nesses últimos anos. Os piratas de hoje fazem cópias das fitas seladas impossibilitando o locatário de descobrir o que é pirata do que é legal. A pirataria se sofisticou e se camuflou. Mas, embora a caixa e embalagem imitem as fitas seladas à perfeição, a qualidade da fita não alcança a mesma qualidade de uma legítima fita selada. Os pirateiros fazem a cópia da fita magnética e isso, obrigatoriamente, reduz o desempenho da imagem na tela do vídeo. Para as empresas isso representa uma dor de cabeça pois o locatário incauto chega até a acusar as distribuidoras pela má qualidade das imagens assistidas. Parte da campanha das distribuidoras atacará esse problema.

O que a história desse frenético mercado de vídeo interessa ao leitor é o fato de que existe hoje uma quantidade considerável de títulos representativos do que há de melhor na cinematografia mundial atual e de todos os tempos à disposição nas melhores locadoras do país.

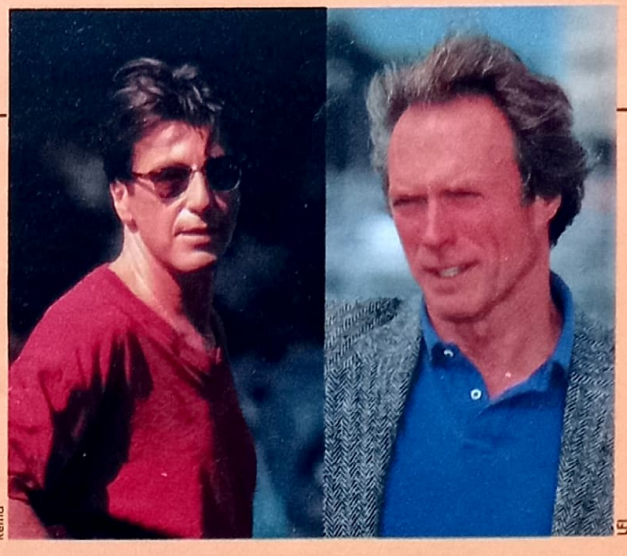
Walter de Silva

AS LOCADORAS DE MELHOR ACERVO

São Paulo (SP)
2001 – Uma Odisséia em Vídeo: (011) 251-1044
Vídeo Factory: (011) 814-3400
Hobby Vídeo: (011) 212-2933
Real Vídeo: (011) 914-7121
Campinas (SP)
Vídeo Show: (0192) 31-2355
Century: (0192) 52-1799
Vídeo Clube: (0192) 51-5394
Ribeirão Preto (SP)
Genius: (016) 623-3453
Classe A: (016) 635-7351
Conic Vídeo: (016) 625-0670
Rio de Janeiro (RJ)
Movie Market: (021) 493-0076
Vídeo Game Center: (021) 228-4040/204-0798
Estação Botafogo: (021) 537-1112
Belo Horizonte (MG)
Cia do Vídeo: (031) 225-2617
Estilos Vídeo: (031) 224-3769
BH Vídeo: (031) 222-3816
Vitória (ES)
Flash Vídeo: (027) 225-8261
Camburi Vídeo: (027) 325-5564
Show Vídeo: (027) 235-1143
Curitiba (PR)
Vídeo Show: (041) 223-2300
New Games Vídeo: (041) 225-7005
Video I: (041) 223-4333
Porto Alegre (RS)
TV 3: (051) 332-6500
Vivi Vídeo: (051) 332-5931
Espaço Vídeo: (051) 226-7980
Florianópolis (SC)
Vídeo Arte: (0482) 34-4210
Vídeo Cidade: (0482) 22-6146/22-6151
Vídeo Mania: (0482) 22-2329
Brasília (DF)
Oscarito: (061) 274-3090
Central Vídeo: (061) 248-0357
Eko: (061) 223-6386
Goiânia (GO)
Vídeo Clube do Brasil: (062) 252-1122
Star Vídeo: (062) 223-6010/229-0280
Cine Vídeo: (062) 225-9225/224-4122
Campo Grande (MS)
MB Vídeo: (067) 384-1891
Hélio's Vídeo: (067) 726-1166/721-3660
Vídeo Mix: (067) 624-9102/721-0239
Salvador (BA)
Vídeo Hobby: (071) 240-6511
Vídeo House: (071) 245-9255
Chaplin Vídeo: (071) 358-6823
Recife (PE)
Classic Locadora: (081) 222-5605
Vídeosom Locadora: (081) 465-2744
Cigna Vídeo: (081) 326-1071
Maceió (AL)
Miami Vídeo: (082) 241-3808
Quatro Estações Vídeo: (082) 221-4151
Vitória Vídeo: (082) 326-3
Fortaleza (CE)
Distrivídeo: (085) 244-7458
King Vídeo: (085) 224-9066
Color Tel: (085) 224-3094
São Luís (MA)
Vídeoclube Tropical: (098) 235-2863
BZ Vídeo: (098) 235-2412
Vídeo Tape: (098) 235-2420
Natal (RN)
Luck Vídeo:(084) 211-3244
Canal I: (084) 222-4372
Vitória Régia: (084) 217-4838
Aracaju (SE)
RS Locadora: (079) 211-3854
NB Vídeo: (079) 231-8519
Vídeo Clip: (079) 243-2967
João Pessoa (PB)
ChaplinVídeo: (083) 226-6690
Vip Vídeo: (083) 246-1570
Ribalta Vídeo: (083) 226-7344
Teresina (PI)
Televídeo: (086) 223-0777
Vídeo Cine: (086)232-4232
Vídeo Clube: (086) 223-53
Belém (PA)
Cinema Quatro: (091) 224-2835
Fox Vídeo:(091)223-4051/223-9724
Rocky Vídeo: (091) 241-1614
Macapá (AP)
TV Som: (096) 223-5051
Koc's Vídeo: (096) 223-3097
Estação do Vídeo: (096) 223-2904
Rio Branco (AC)
Flamour Vídeo: (068) 224-1575
Thenni Vídeo: (068) 224-7371
Vídeo Clube Aquiri: (068) 225-7730

Indicações: Redação SET(SP/SP); João Batista - Correio Popular (Campinas/SP);Antonio Figueiredo - O Diário (Ribeirão Preto/SP); Ivana Bentes - Jornal do Brasil,Eduardo Souza Lima - O Globo (RJ/RJ); Álvaro Fraga - Estado de Minas (BH/MG); Edvaldo Tinoco - A Gazeta (Vitória/ES); Stevão Von Harbach - Gazeta do Povo(Curitiba/PR); Luiz Zini Pires - Zero Hora (Porto Alegre/RS); Vera Fommer - Diário Catarinense (Florianópolis/SC); Paulo Pestana - Correio Braziliense (Brasília/DF); Antonio Teodoro - Diário da Manhã (Goiânia /GO); Cristina Medeiros - Correio do Estado (Campo Grande/MS); Adalberto Meireles - A Tarde (Salvador/BA); Fernando Spencer - Jornal de Pernambuco (Recife/PE); Antonio Reis - Gazeta de Alagoas (Maceió/AL); José Anderson - Diário do Nordeste (Fortaleza/CE); Gil Maranhão - O Imparcial (São Luís/MA); Ana Kelman - O Dia (Teresina/PI); Airton Bulhões - Tribuna do Norte (Natal/RN); Cássia Santana - Gazeta de Sergipe (Aracaju/SE); Chico Noronha - Correio da Paraíba (João Pessoa/PB); Clara Costa - O Liberal (Belém/PA); Aldemir Rodrigues - Jornal do Dia (Macapá/AP); Vânia Pinheiro - O Rio Branco (Rio Branco/AC).

1993
FESTIVAIS


Reina

LFI

oscar e cannes

As duas mais badaladas premiações do mundo cinematográfico, o Oscar da Academia e o Festival de Cannes, tiveram importância singular em 1993. Primeiro, em março o Oscar fez justiça em dobro: deu ao ator Al Pacino sua primeira estatueta de melhor ator em 24 anos de carreira, depois de cinco vezes indicado antes deste ano. Se a Academia não se rendesse à performance extraordinária de Pacino em *Perfume de Mulher*, quem o faria? Além disso, encheu de glórias Clint Eastwood, o eterno rejeitado, por seu excelente trabalho de recuperação de um dos gêneros que jaziam nas trevas, o western, com *Os Imperdoáveis*, o qual levou os prêmios de diretor, filme, ator coadjuvante (Gene Hackman) e montagem.

Talvez a vitória maior tenha sido da inglesa Emma Thompson, esposa de Kenneth Branagh, que levou o Oscar de melhor atriz por sua atuação em *Retorno a Howards End*. Emma tem se destacado por sua carreira prolífica, trabalhando tanto em textos de Shakespeare, ao lado do marido, como no último *Muito Barulho por Nada*, quanto encarnando personagens mais comuns, como em *Remains of the Days*, onde faz uma camareira apaixonada por Anthony Hopkins.

Do outro lado do Atlântico, mais exatamente na Riviera Francesa, a festa foi das mulheres. A neozelandesa Jane Campion com seu *O Piano* quebrou todos os tabus e se transformou na primeira mulher a ganhar o prêmio mais importante – a Palma de Ouro de direção, a qual dividiu com Chen Kaige por *Adeus Minha Concubina* – em toda a história do festival. E não é para menos que Holly Hunter recebeu a palma de melhor atriz. Sua interpretação como a pianista muda Ada é uma das mais brilhantes dos últimos tempos.

Stills

Sygma

Hunter e Campion, premiadas por *O Piano*, e à esquerda, Emma

Stills

longe de hollywood

Por um bom tempo, cinema foi sinônimo de Hollywood. Mas os festivais realizados nos quatro cantos do mundo revelaram a extraordinária qualidade cinematográfica de países como a China e a Espanha. Foi isso que se atestou em Veneza, Toronto e até mesmo em Cannes. E aqui no Brasil, em Gramado, na Mostra Banco Nacional de Cinema e na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo.

Veneza, por exemplo, deu chance ao diretor polonês Krizstof Kieslowski de se reabilitar do semifracasso de *A Dupla Vida de Véronique* ao premiá-lo com o Leão de Ouro por *A Liberdade É Azul* (o qual dividiu com o americano Robert Altman de *Short Cuts*). Toronto se rendeu ao inglês Mike Leigh com seu *Nu*, que também foi sensação em maio em Cannes.

Se os europeus tiveram oportunidade de apreciar este novo cinema, os brasileiros também. Com a internacionalização do festival de Gramado em 1992, que passou a abraçar produções íbero-americanas, a quantidade de filmes *out* Hollywood que entraram em cartaz no Brasil cresceu vertiginosamente. Os brasileiros puderam se deliciar com pelos menos dois grandes filmes exibidos em Gramado, o espanhol *Sedução* (de Fernando Trueba, laureado com os prêmios de melhor roteiro, ator coadjuvante e prêmio especial do júri) e o mexicano *Como Água para Chocolate* (de Alfonso Arau, que ficou com o Kikitos de atriz e atriz coadjuvante e do júri popular).

A Liberdade É Azul

Look

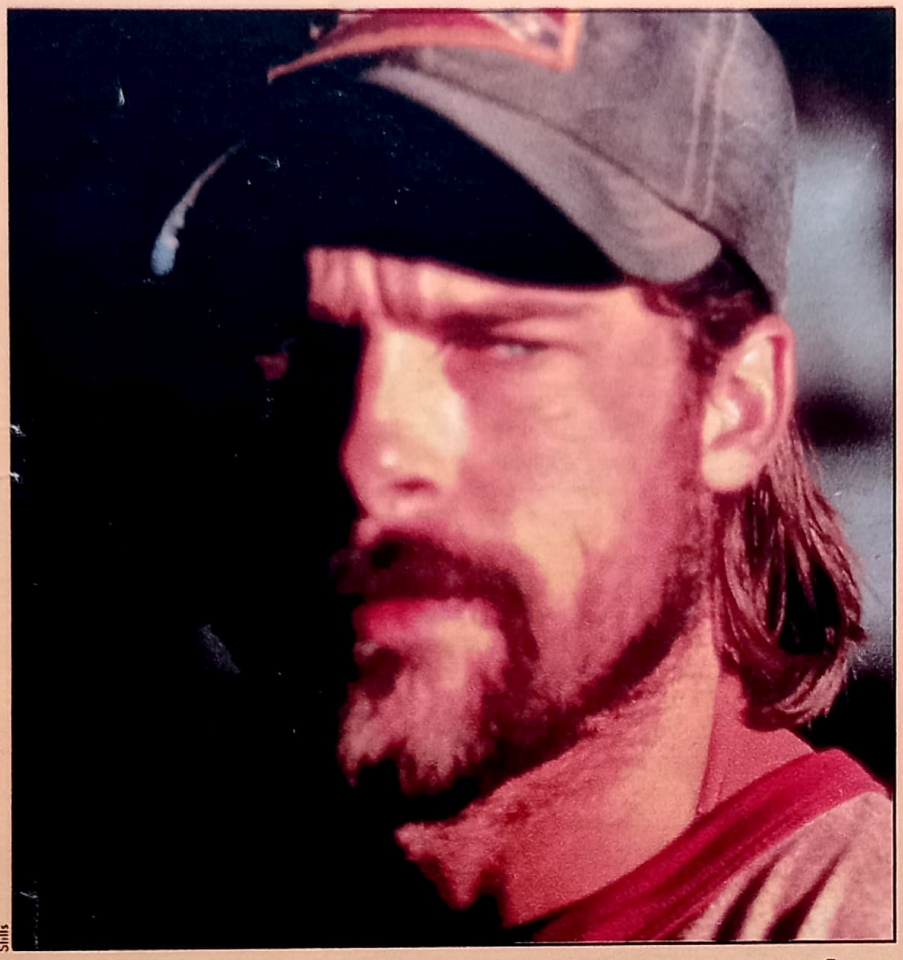
Sedução

PlayArte

Sediada no Rio de Janeiro, a Mostra Banco Nacional mostrou em setembro mais de duzentos filmes que dão um perfil do que aconteceu nos festivais de outros países. Os destaques ficaram para o vietnamita *O Cheiro de Papaia Verde*, de Than Anh Hung, o taiuanês *O Banquete de Casamento*, de Ang Lee (premiado com o Urso de Prata em Berlim 93), e o chinês *Lua de Outono*, da cineasta Clara Law (Leopardo de Ouro no Festival de Locarno em 1992).

A Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, que abriu sua 17ª edição com o badalado *Adeus Minha Concubina*, teve como maior atração a mostra da Quinta Geração Chinesa, cujos destaques foram *A Mulher do Lago das Almas Perfumadas* (vencedor do Urso de Ouro de Berlim, em 1992) e *O Rei das Crianças*, do mesmo diretor de *Adeus...*, Chen Kaige. Além dos chineses, a mostra mostrou uma retrospectiva do cinema escandinavo recente.

1993
DESTAQUES
eles merec

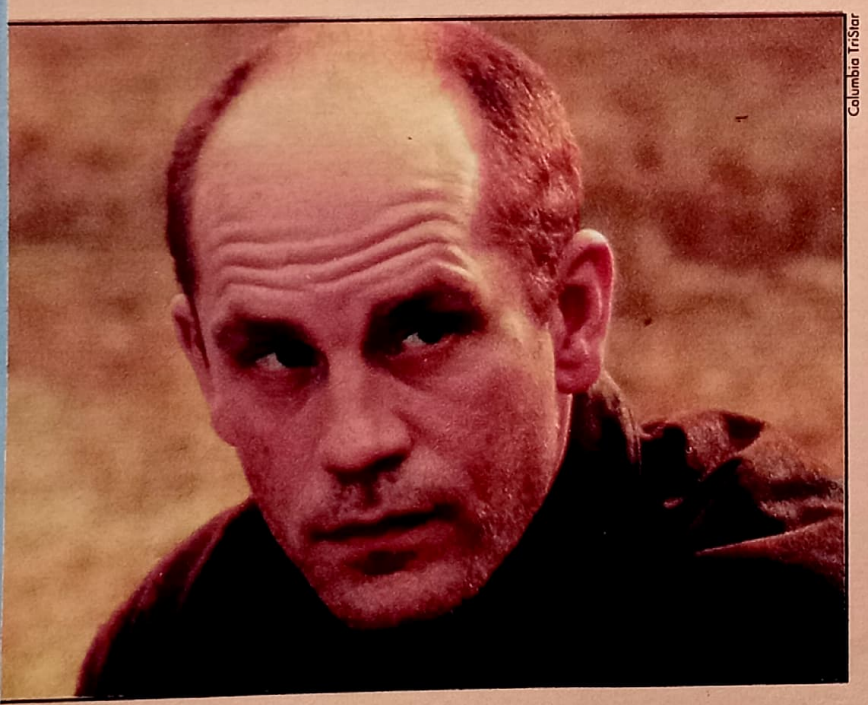


Stills

Sygma

JENNIFER LYNCH

Aqui cabe o ditado popular que diz que "filho de peixe, peixinho é". A filha de David Lynch debutou na direção com o que foi denominado a história de amor mais alucinante, *Boxing Helena*. Apresentando no Sundance Film Festival em momomo, o filme foi muito bem recebido pela crítica, que não deixou de perceber um pouco da "demência" paterna – o próprio David visitou o set de filmagem e ficou embasbacado com o que viu. Jennifer, hoje com 24 anos, escreveu esta história há cinco anos atrás, que mostra o relacionamento de uma bela mulher (Sherilyn Fenn, revelada por David na série *Twin Peaks*) que cai nas mãos de um cirurgião maluco que corta-lhe as pernas, depois os braços e mantém sua amada em uma caixa, sem deixar no entanto de utilizá-la sexualmente. Uau! É ou não é para pai nenhum botar defeito?!



Columbia TriStar

BRAD PITT

Ele já vinha fazendo sucesso desde sua estréia como o caroneiro que seduz Geena Davis em *Telma e Louise*, mas depois de *Nada É para Sempre*, em que atua ao lado do veterano Robert Redford, choveram convites de trabalho. Afinal de contas, Brad Pitt não é só beleza, aos 25 anos tem talento de sobra para uma carreira sem tempo para terminar. Brad, que este ano protagonizou além de *Nada...*, *Kalifornia*, *True Romance*, acabou de filmar *Legends of the Fall* (com Anthony Hopkins) e *The Favor* (com Elizabeth McGovern) e em novembro entrou nos sets de *Entrevista com o Vampiro*, o polêmico filme baseado no best seller de Anne Rice, com Tom Cruise no papel de Lestat. Ainda no mês de novembro, chegou às locadoras seu inédito *Johnny Suede*, uma produção de 1992.

JOHN MALKOVICH

Sem dúvida, John Malkovich merece destaque como o grande vilão do ano. Mitch Leary de *Na Linha de Fogo* certamente entrou para a galeria dos melhores vilões de todos os tempos. De humor variado e uma mentalidade insanamente inteligente, ele quase rouba a cena de Clint Eastwood. Certamente merece a indicação ao Oscar de Melhor Ator Coadjuvante. Malkovich deu vida ainda neste ano ao mal divulgado em nossos cinemas *Jennifer 8 – A Próxima Vítima*.

em

Stills

UMA THURMAN

Ela ilustra a capa de dezembro da revista *Details* com a seguinte chamada: "Uma Thurman, um presente de Deus". É isso exatamente o que ela é. Quem não se lembra de la saindo de uma concha como a Vênus de Botticelli em *As Aventuras do Barão de Munchausen*? E de John Malkovich escrevendo cartas em suas costas nuas em *Ligações Perigosas*? Este ano, Uma, aos 23 anos, encheu as telas com sua beleza selvagem em *Uma Mulher para Dois*, onde é disputadíssima por Robert De Niro e Bill Murray, em *Jennifer 8 – A Próxima Vítima*, como a cega testemunha de um assassinato, e em *Even Cowgirls Get the Blues*, do diretor Gus Van Sant, como a caronista que tem polegares de 15 cm. Seu próximo trabalho é no novo *Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino, ao lado de John Travolta e Harvey Keitel.

LFI

GONG LI

Com seu rosto de porcelana, que transpira dor e sensualidade, esta chinesa de 22 anos vem brilhando internacionalmente deste 1992, quando do lançamento de *Lanternas Vermelhas* (de 1991). Mas antes, em 1987, o diretor Zhang Yimou já se apaixonara, literalmente, pela bela Gong Li quando escalava o elenco feminino de *Sorgo Vermelho*. Obcecado, e contra a vontade da mulher, Yimou deu a Li o papel principal de *Amor e Sedução* (1990) e desde então não parou de focar sua lente no rosto eleito um dos mais bonitos do mundo pela revista *People*. O último trabalho dos dois é *A História de Qiu Ju*. Li ainda está em cartaz no Brasil com *Adeus Minha Concubina*, de Chen Kaige, que dividiu com *O Piano* a Palma de Ouro em Cannes 93.

1993
NOTAS

mercado do sexo

Adrian Lyne conseguiu novamente. Com *9 1/2 Semanas de Amor*, de 1986, e *Atração Fatal*, de 1987, o inglês mexeu com os pruridos da "tradicional família cristã". 93 foi a vez de *Proposta Indecente*, com o qual ele descadeirou até os mais moderninhos. Aí a polêmica apareceu, e até a imprensa brasileira foi às ruas perguntar para homens e mulheres se estes concordavam com a premissa básica do filme: você se venderia por um milhão de dólares?; você permitiria que sua esposa passasse uma noite com um estranho em troca de um milhão de dólares? No tipo "você decide", o final não deu nem sim nem não. Às portas do ano 2000, as pessoas se mostraram conservadoras, e o filme de Lyne rendeu uma boa bilheteria e muita promoção gratuita.

Também teve Louis Malle nesta discussão do que é certo e errado. O diretor que inventou a prostituta ninfeta Brooke Shields em *Pretty Baby* (1978) voltou à carga com *Perdas e Danos*, colocando Jeremy Irons e Juliette Binoche numa situação limite: o sexo em troca da vida.

Paris

LFI

LFI

Acima, Jeremy Irons e Juliette Binoche em *Perdas e Danos* e Woody Harrelson e Demi Moore em *Proposta Indecente*. À direita, Heidi Fleiss com seu advogado

madame hollywood

Não é novidade que muitas aspirantes a estrela em Hollywood se renderam aos prazeres do corpo pela promessa de um dia chegar lá. O que explodiu no dia 9 de junho, no entanto, e pegou de sopetão atores, produtores e executivos da meca do cinema, foi uma história muito mais cabeluda do que se falar que tal atriz um dia trabalhou na profissão mais antiga do mundo. Ao ser presa com cocaína (e pagar uma fiança de 100 mil dólares), Heidi Fleiss, de 27 anos, ameaçou botar a boca no trombone e divulgar uma lista com os nomes dos figurões que se utilizaram de seus serviços de agenciadora de prostitutas. Madame Hollywood, como foi apelidada, acertava uma noite de prazer ao preço de mil e 500 dólares e um encontro mais rápido por 200. Os pontos de encontro normalmente eram bares badalados e os hotéis mais luxuosos. E as "meninas de Heidi" eram cuidadosamente selecionadas no exército de candidatas a atrizes de Los Angeles. Heidi não fazia isso por bondade, sua parte no negócio era de 40% do valor cobrado. O resultado deste trabalho de anos: uma mansão em Hollywood avaliada em 1,6 milhão de dólares, que já pertenceu a Michael Douglas.

Rui Mendes/Azul

para americano ver

O brasileiro José Mojica Marins, ou Zé do Caixão, virou diretor *cult* na terra de Tio Sam. Zé do Caixão desde junho é Coffin Joe, e seus filmes, lançados pela empresa independente Something Weird, não param de vender. Se quase ninguém no Brasil lhe deu o devido valor, pelo menos nos EUA virou celebridade. Além disso, a revista especializada em terror e ficção *Fangoria*, concedeu-lhe uma matéria especial na edição deste mês, com direito à chamada de capa e tudo!

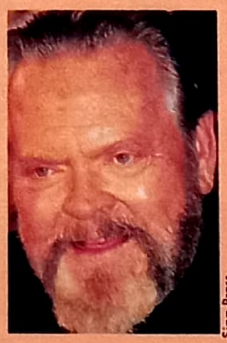
clássicos preservados

Stills

Numa demonstração de paixão pela sétima arte, Martin Scorsese está liderando, através do Film Foundation and America Movie Classics, um movimento de recuperação e restauração de obras clássicas do cinema anterior à década de 50. O grupo, formado pelos cineastas Woody Allen, Francis Ford Coppola, Stanley Kubrick, George Lucas, Sydney Pollack, Robert Redford e Steven Spielberg, já conseguiu resgatar inúmeros longas, como *Rio Grande* e *Spartacus*, e recuperar quase cinco minutos cortados de *Uma Rua Chamada Desejo*, de Elia Kazan. Por outro lado, o próprio estúdio Disney tem realizado uma minuciosa restauração digital de seus clássicos, como aconteceu com *Branca de Neve e os Sete Anões*, relançado nos cinemas americanos neste segundo semestre.

Warner

é tudo verdade


Sipa Press

Cinqüenta e um anos depois do *enfant terrible* Orson Welles ter desembarcado no Brasil (aos 26 anos) e se encantado com a costa brasileira, entrou em cartaz no final de outubro nos EUA o documentário *It's All True*. Welles começou a filmar no carnaval de 1942 e em julho abruptamente interrompeu o trabalho. Sem financiamento e sem equipamento, a extinta companhia Cinédia cedeu seus estúdios para que Welles finalizasse o episódio "Story of the Samba", com imagens de sambistas de favelas. Este espisódio marca também as primeiras imagens coloridas realizadas no Brasil. Inacabado, as 300 latas de filme foram descobertas em 1985, montadas e exibidas em dois cinemas nova-iorquinos.

quentin tarantino e robert rodriguez

Look

Columbia

O que estes dois caras têm em comum? Apenas o talento para realizar duas das obras mais aplaudidas do ano, *Cães de Aluguel* e *El Mariachi*, realizadas com baixo orçamento.

Quentin Tarantino, 30 anos, recém-saído de trás do balcão de uma videolocadora, chegou às graças da crítica que o denominou como o "novo Martin Scorsese". Seu ultraviolento *Cães de Aluguel* foi realizado com 1,5 milhão de dólares e teve o apoio incondicional de Harvey Keitel, que não só ajudou na produção executiva como também fez questão de atuar. Depois de assinar o roteiro de *True Romance* do diretor Tony Scott, Quentin prepara seu novo longa, *Pulp Fiction*.

Robert Rodriguez, 24 anos, fez tanto sucesso que assinou um contrato com a Columbia TriStar para fazer uma versão mais cara e americana, lógico, de *El Mariachi*. Os 7 mil dólares utilizados, foram recolhidos entre parentes e amigos e somados ao dinheiro que Rodriguez poupou como cobaia de testes de uma droga anticolesterol num hospital.

Compilada por Deborah Peleias

tributos

AUDREY HEPBURN (1907)
Atriz de *Bonequinha de Luxo*

LILIAN GISH (1896)
Seu último trabalho foi em *As Baleias de Agosto*

RUBY KEELER (1909)
Atriz de musicais da época da depressão

EDDIE CONSTANTINE (1918)
Ator americano que fez sucesso na Europa e trabalhou com Jean-Luc Godard em *Alphaville*

FRANCO BRUSATI (1927)
Diretor italiano autor de *Bread and Chocolate*, vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim em 1978

JOSEPH MANKIEWICZ (1909)
Diretor de vários clássicos como *A Malvada*

CYRIL COLLARD (1958)
Escritor, ator e diretor francês, realizou um único trabalho, *Noites Felinas*, que recebeu o Cesar de melhor direção

BRANDON LEE (1965)
Ator de *Rajada de Fogo*

MARIO MORENO REYES/CANTINFLAS (1911)
Ator mexicano, conhecido como o Chaplin do México

ANN TODD (1911)
Atriz inglesa que co-estrelou com James Mason o thriller psicológico *O Sétimo Véu*, de 1945

JAMES BRIDGES (1936)
Diretor de *Síndrome da China*

FRED GWYNNE (1937)
Mais conhecido como Herman Monstro da série de TV

CURLY JOE DeRITA (1910)
Último ator a integrar o grupo Os Três Patetas

JEAN NEGULESCO (1900)
Diretor de *Como Agarrar um Milionário*, com Marilyn Monroe e Lauren Bacall

STEWART GRANGER (1913)
Ator britânico de *As Minas do Rei Salomão*

JAMES DONALD (1917)
Ator britânico de *A Ponte do Rio Kwai*

LUCIANO CHARLES SCORSESE (1913)
Pai do diretor Martin Scorsese, ator de *Os Bons Companheiros*

RAYMOND BURR (1917)
Ator da série *Perry Mason*

CLAUDE RENOIR (1914)
Sobrinho de Jean Renoir e diretor de fotografia, fotografou *Barella*

WILSON GREY (1924)
Ator brasileiro de *A Dança dos Bonecos*

BEN MADDOW (1910)
Roteirista de *Selva de Asfalto*

CLEAVON LITTLE (1940)
Ator de *Banzé no Oeste*

VINCENT PRICE (1911)
Ator de *Museu de Cera*

FEDERICO FELLINI (1920)
Diretor de *Amarcord*

RIVER PHOENIX (1970)
Ator de *Garotos de Programa*

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
• Um Dia de Fúria
• A Assassina
• Os Últimos Rebeldes
• Rajada de Fogo
E Outros

ABRA UMA VÍDEO LOCADORA

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Aceitamos automóveis, telefones e imóveis como forma de pagamento

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

7ª. ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

PROMOÇÃO DE INAUGURAÇÃO
VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.
• Um Dia de Fúria
• Uma Rajada de Fogo
• A Assassina
• Os últimos Rebeldes
• E Outros

Catálogos a partir de CR$ 450,00
Cheques pré-datados sem juros.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs
sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.

Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - Tel.: (011) 267-5567

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

• Toda linha de acessórios
• Financiamento a partir de 30 a 120 dias
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento.

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS
OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

• Um Dia de Fúria
• Uma Rajada de Fogo
• A Assassina
• Os Últimos Rebeldes
• E Outros

• Catálogos a partir de CR$ 450,00
• Garantia total das fitas
• Melhor qualidade
• Ganhe estojos novos e usados

• Cheques pré-datados sem juros
• Remetemos para todo o Brasil

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

PROMOÇÃO FIM DE ANO
PORNÔ NOVOS A PARTIR DE CR$ 3.500,00
QUANTIDADE LIMITADA

CONFIRA NOSSOS INFANTIS

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

PATY'S
HOME VÍDEO

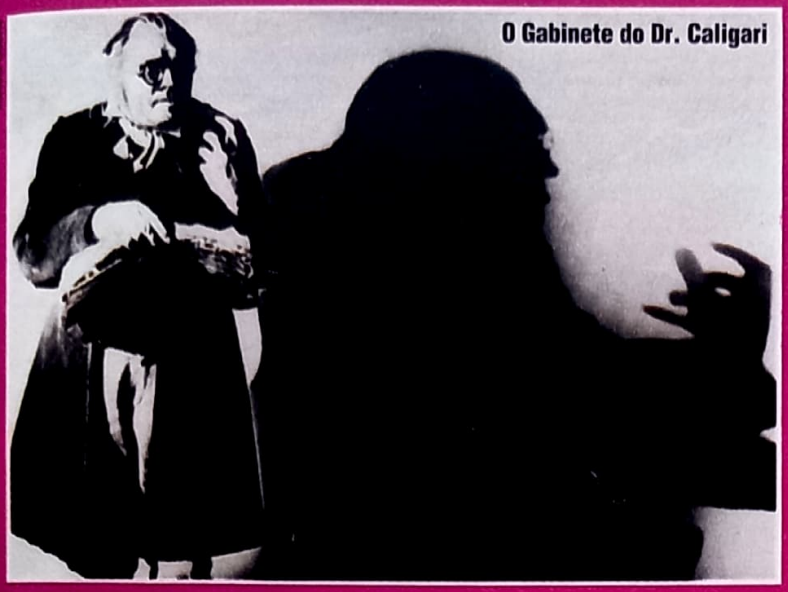
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• A Assassina
• Um Dia de Fúria
• Uma Rajada de Fogo
• Os Últimos Rebeldes
• E Outros

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL


O Gabinete do Dr. Caligari

Ludwig

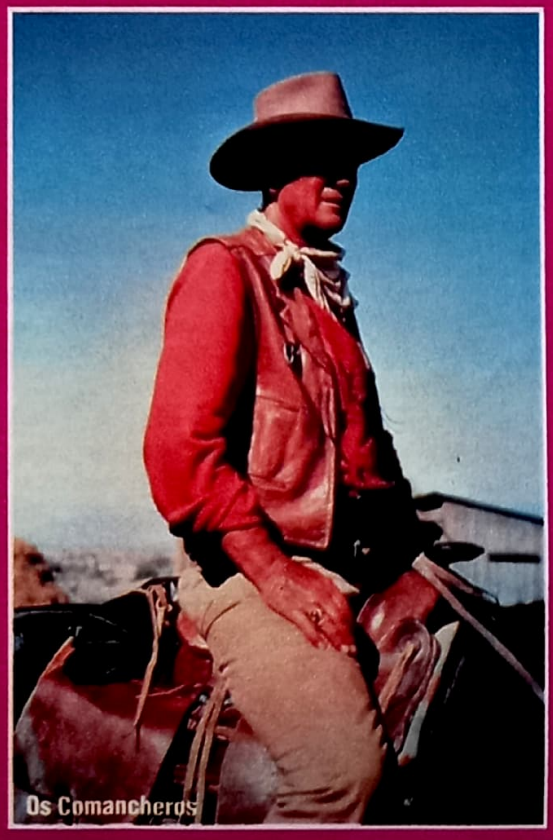
Em dezembro, chegam às locadoras clássicos como *O Gabinete do Dr. Caligari* e *Gunga Din*. Há ainda a cópia restaurada de *Ludwig*, de Visconti, além de um dos melhores filmes românticos dos últimos tempos, *O Marido da Cabeleireira*.

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

Johnny Suede

Gunga Din


Os Comancheros

Concorde

Romy Schneider prova mais uma vez todo o seu talento e dá as mãos ao protegido de Visconti, Helmut Berger

LUDWIG, O ÚLTIMO REI DA BAVÁRIA ★★★★★

(Ludwig, Itália/França/Alemanha, 1972) Direção: Luchino Visconti. Com Helmut Berger, Romy Schneider, Trevor Howard, Silvana Mangano. Concorde/F.J. Lucas.

Um dos grandes acontecimentos do ano no mercado brasileiro de vídeo, este lançamento da versão original de *Ludwig* – com pouco mais de quatro horas de duração – vem preencher uma lacuna e tanto.

Junto a duas outras obras-primas, *Os Deuses Malditos* (69) e *Morte em Veneza* (73), *Ludwig* compõe o que o diretor chamava sua "trilogia alemã". Conhecido nos livros de história como "o rei louco da Baviera", o personagem-título é apresentado na pele de Berger como um frágil e idealista esteta, perturbado por seu homossexualismo latente e sua alienação incurável frente às funções políticas de seu cargo. Cada vez mais anacrônico na Europa do final do século 19, seu reinado detonava os cofres públicos patrocinando as óperas de Wagner, a grande paixão de sua vida, e construindo os palácios e castelos que se tornariam a principal atração turística de sua terra.

A entrada em cena de Romy Schneider, belíssima, provoca os primeiros momentos intensos do filme, no papel da rainha Elisabeth da Áustria, prima de Ludwig e sua incômoda paixão platônica. Trevor Howard está ótimo como um Wagner fanfarrão e inescrupuloso em seu egocentrismo, enquanto Silvana Mangano empresta toda a força de sua presença à filha de Liszt, Cosima von Bülow – amante e depois esposa do compositor.

Recuperando a visão integral de Visconti e jogando ao esquecimento a versão mutilada pelos produtores, exibida inicialmente nos cinemas (como *Ludwig, A Paixão de Um Rei*), esta fita torna-se obrigatória. Obviamente não é um filme para qualquer platéia. O tempo de Visconti é outro, um tempo lento e contemplativo, em que o esteticismo não exclui a compaixão. Olhar privilegiado de um nobre – Duque de Modrone – tornado socialista, constrói o mais belo réquiem que a realeza européia poderia ter desejado em sua agonia. Ao som do exacerbado romantismo melancólico de *Tristão e Isolda*, passeamos pelas locações suntuosas – os jardins e interiores dos castelos – em um ritmo que pertence mais à pintura, à ópera e à literatura do que ao cinema e sua corrente frenética de 24 quadros por segundo. Alguma coisa preciosa se perdia no salto quântico dado pela civilização nesta virada de século, algo que só o mestre Luchino Visconti poderia nos ensinar.

José Augusto Lemos

O RETRATO ★★
(The Portrait, EUA, 1992) Direção: Arthur Penn. Com Gregory Peck, Lauren Bacall, Cecilia Peck. Europa/Carat.
Telefilme apenas razoável, com um diretor conhecido (Penn, o mestre fora de forma que dirigiu, entre outros, *Bonnie & Clyde – Uma Rajada de Balas*) e dois atores veteranos. A combinação parecia boa, mas o resultado é quase constrangedor. A culpa é do roteiro de Lynn Roth, que elaborou um drama morno que homenageia Bacall e Peck, inclusive com a presença da filha deste, Cecilia, que faz algumas caretas na história. Tudo gira em torno da mudança do casal (ele é um poeta à beira da senilidade) e de um retrato que a jovem, pintora, está fazendo deles. Curiosidades: os quadros que aparecem no filme e a postura de Cecilia são da autoria de Gretta Sarfaty, grega nacionalizada brasileira e radicada nos EUA há nove anos; a produção-executiva foi dividida entre o astro Peck e o diretor Robert Greenwald (*Xanadu*).
César Garcia Lima

A GUERRA DE UM HOMEM ★★
(One Man's War, EUA/Inglaterra, 1990) Direção: Sérgio Toledo. Com Anthony Hopkins, Fernanda Torres, Norma Aleandro, Rubén Blades. Mundial.
O paulistano Sérgio Toledo, filho da atriz Beatriz Segall, exibiu *Vera* (86), seu primeiro longa de ficção, no circuito internacional. A repercussão o levou a ser convidado pela TV a cabo norte-americana HBO e pela Film Four inglesa a realizar este telefilme no México. Além de dirigir, co-escreveu o roteiro, que parte da história verídica do médico e artista paraguaio Joel Filartiga (Hopkins), que enfrentou represálias do governo militar de Alfredo Stroessner no Paraguai dos anos 70. O filme acompanha a luta de Filartiga em desvendar o mistério do assassinato de seu filho. Com elenco multinacional, todos falando inglês, o filme tem boas intenções, mas seus méritos não fogem muito desta praia. As complicadas condições de filmagem refletiram-se em um filme sem emoção, acadêmico e previsível em suas denúncias políticas. Merece ser conhecido, inclusive por envolver dois grandes profissionais brasileiros (Toledo e a atriz Fernanda Torres), mas carece de personalidade e relevância.
Christian Petermann

UNIDOS PELO SANGUE ★★★
(The Indian Runner, EUA, 1991) Direção: Sean Penn. Com David Morse, Viggo Mortensen, Valeria Golino, Patricia Arquette, Charles Bronson, Sandy Dennis. LK-Tel/Columbia.

Sean Penn realizou este filme inspirado na canção "Highway Patrolman", de Bruce Springsteen, do magnífico álbum acústico *Nebraska* – os dois trabalhos, um misto de elogio e elegia do empoeirado, másculo e tenso country americano. O diretor, conhecido como um *bad boy*, soube mostrar os tormentos internos de um cara rude, Frank (Mortensen), que se esforça para endireitar a vida ao retornar à sua cidadezinha do interior depois de uma temporada no Vietnã e outra na cadeia – trazendo consigo a namorada grávida, Dorothy (Arquette). Frank é ajudado por seu bom irmão Joe (Morse), que o adora e que leva sua vidinha familiar e feliz como policial, ao lado da esposa, Maria (a bela Golino, de *Top Gang*). O sangue, porém, não ajuda. Em dois pequenos e bons papéis, os veteranos Sandy Dennis (na última atuação de sua carreira) e Charles Bronson – uma desequilibrada e um frustrado suicida – interpretam os pais da dupla e reforçam a idéia de que o inferno na alma de Frank é indissociável.

Penn, que aqui estréia como diretor, talvez tenha sido ajudado por sua inexperência – as imagens são diretas, sem maneirismos, e o clima psicológico não mostra sutilezas inadequadas. E, apesar da fama de menino mau, conclui seu filme com Frank fugindo para o desconhecido, acobertado pelo irmão tira, sugerindo que Joe, com a mulher, o filho e a estabilidade, fica com a melhor opção.
José Eduardo Mendonça

SOMENTE DEUS POR TESTEMUNHA ★★★★

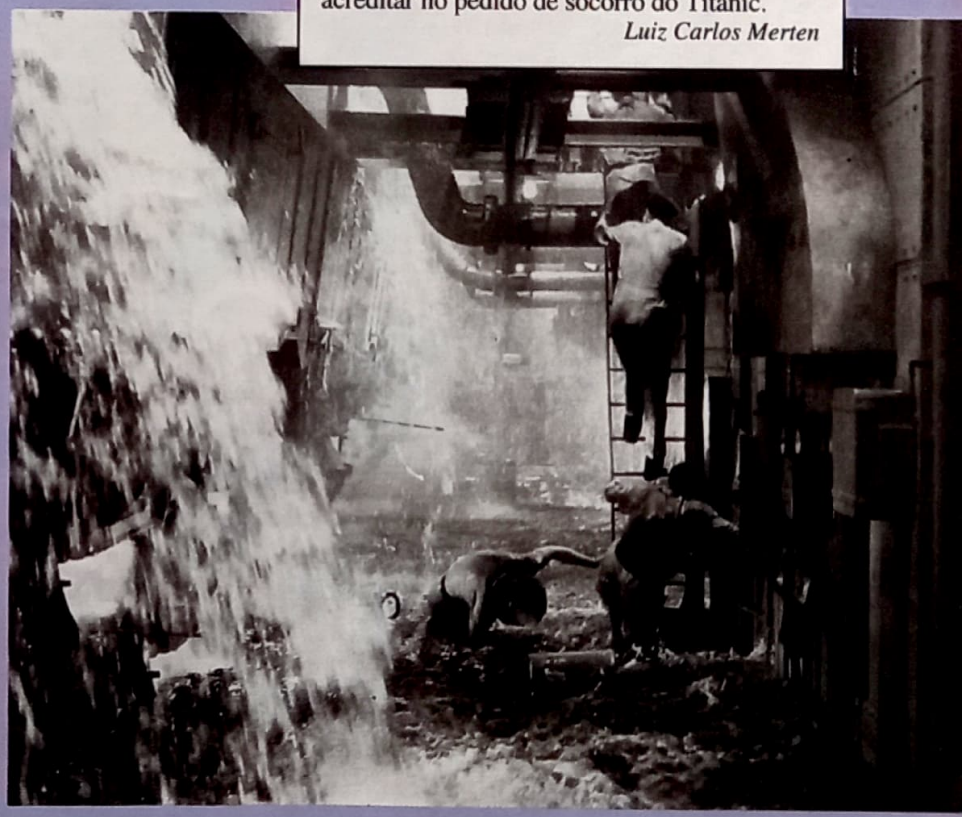
(A Night to Remember, Inglaterra, 1958) Direção: Roy Ward Baker. Com Kenneth More, David McCallum, Jill Dixon, Laurence Naismith. VTI.

Há mais de 80 anos que os especialistas buscam explicações para a tragédia do Titanic (12 de abril de 1912). O transatlântico construído para ser o orgulho dos mares naufragou em sua viagem inaugural. Chocou-se com um iceberg e afundou rapidamente. Em setembro passado, um grupo de especialistas em construção naval divulgou um relatório dizendo que o Titanic foi a pique rapidamente porque seu casco foi construído com material de pouca resistência. Ninguém sabia disso quando Baker fez *Somente Deus por Testemunha*.

O filme é um precursor dos *disaster movies* tipo *O Destino do Poseidon*, tão popularizado no começo dos anos 70. A diferença é que a história real é apresentada em um estilo semidocumental.

Os personagens são arquétipos. Uma das figuras mais curiosas é a da americana brega que passa a comandar um dos botes de salvamento. É a mesma figura interpretada por Debbie Reynolds em *A Inconquistável Molly*, de Charles Walters, no começo dos anos 60. Os efeitos são bons. O curioso, porém, é ver como Baker explica o acidente. Há um conjunto de fatalidades que incluem o choque com o iceberg, a dificuldade de comunicação com outros navios e até a negligência de um capitão, que não quis acreditar no pedido de socorro do Titanic.
Luiz Carlos Merten

Bons efeitos especiais no clímax da catástrofe do transatlântico Titanic



DRAMA • ROMANCE

O MARIDO DA CABELEIREIRA ★★★★★

(Le Mari de la Coiffeuse, França, 1990) Direção: Patrice Leconte. Com Jean Rochefort, Anna Galiena, Roland Bertin. Belas Artes.

O diretor Leconte é mesmo a mais luminosa revelação do cinema francês dos últimos anos. Pouco antes desta obra-prima ser exibida por aqui, ele já havia marcado presença com um policial delicado e original, *Um Homem Meio Esquisito (Monsieur Hire)*. Ainda assim, toda a maestria narrativa do filme anterior não nos bastaria para prever a chegada deste *Marido da Cabeleireira*, hit instantâneo que durante quase todo o ano de 1991 provocou filas em São Paulo.

Não seria exagero dizer que – mais uma vez com, acima de tudo, delicadeza e originalidade – Leconte realizou um dos mais belos filmes românticos da história do cinema, lembrando com a potência e os arrepios de um choque elétrico como ainda é possível filmar histórias de amor nesta era de fatais instintos selvagens e propostas indecentes.

Até as pessoas mais alérgicas ao cinema francês podem se aproximar sem medo. Não existe aqui pseudo-intelectualismo tentando encobrir a falta de trama ou argumento, muito menos verborragia em detrimento do olhar. O ator Jean Rochefort entrega carne, osso, mente e espírito ao personagem sábio o suficiente para realizar sua primeira fantasia amorosa e dedicar toda a sua vida a ela. No êxtase tranqüilo e silencioso de sua felicidade, aceita até a imperfeição humana fragilizando eternamente o ideal de amor perfeito. Por mais elusivo e fantasioso, é este ideal que adquire vida na tela, desde a abertura: a primeira visita do garoto à cabeleireira é de uma alquimia poética e erótica que só encontra paralelo nos melhores filmes de Truffaut.

Reforçando o feliz fatalismo e a alegria de viver e amar que transbordam da tela, a música sempre sublime de Michael Nyman é acrescida de canções árabes desvairadas, de ferver o sangue e amolecer os músculos. Uma trilha sensacional para um filme inesquecível.

José Augusto Lemos

Jean Rochefort vai fundo na paixão pela sua cabeleireira mais que particular, a belíssima Anna Galiena

Belas Artes

POLICIAL • SUSPENSE

UM DIA DE FÚRIA ★★★

(Falling Down, EUA, 1993) Direção: Joel Schumacher. Com Michael Douglas, Robert Duvall, Barbara Hershey, Rachel Ticotin, Tuesday Weld. Warner.

Michael Douglas tem um talento todo particular para a polêmica. Sabe os assuntos que vão render. Foi assim em *Um Estranho no Ninho* (que só produziu), *A Síndrome da China*, *Atração Fatal* e *Instinto Selvagem*. Douglas acertou de novo com *Um Dia de Fúria*. O filme provocou discussões nos Estados Unidos e no Festival de Cannes, onde representou oficialmente o país. Mergulha no pesadelo urbano para mostrar o horror que pode ser a vida moderna. Legitima a violência de seu herói, buscando motivos que ajudem a entender a sua revolta. Não estende o recurso às vítimas. Tudo pelo individual, pouco ou nada pelo social.

Douglas começa *Um Dia de Fúria* acuado. Sua vida afetiva, familiar e profissional virou um lixo. Ele empunha a clava de um brucutu enfurecido na defesa de sua individualidade aviltada. O personagem de Douglas é só meio filme. A outra metade é Robert Duvall, como o policial que, sem sair da delegacia, monta o quebra-cabeça que decifra a revolta de um cidadão comum. Douglas é este homem comum levado ao limite. Pressionado por Duvall, ele cai na real. "Sou eu o vilão da história?" O espectador que pensa sabe que sim. Resta verificar se o público em geral é capaz de receber *Um Dia de Fúria* desta maneira, vendo o que o filme tem de perigoso, por mais eficiente que sejam o seu relato e as interpretações dos dois atores.

Luiz Carlos Merten

A ASSASSINA ★★★

(Point of No Return/The Assassin, EUA, 1993) Direção: John Badham. Com Bridget Fonda, Gabriel Byrne, Dermot Mulroney, Harvey Keitel, Anne Bancroft. Warner.

Quem viu *Nikita*, do francês Luc Besson, praticamente já viu este *A Assassina*. Bridget Fonda assumiu o papel da garota marginal que é reprogramada por um departamento secreto do governo para ser uma matadora por controle remoto (antes interpretada por Anne Parillaud). O diretor John Badham, confessadamente apaixonado pela história, copiou até as coreografias das cenas de ação do filme de Besson. Mudaram os lugares, o final ganhou um toque de

sentimentalismo e a garota virou fã de Nina Simone. O roteiro, que tem dinâmica de história em quadrinhos, tinha mais charme na versão anterior, que lembrava a ambientação de HQ européia chique, do tipo *Valentina*. Badham, porém, teve a sorte de contar com o truculento Harvey Keitel numa das seqüências mais violentas e importantes da fita.
Marcos Smirkoff

O DIÁRIO DE UM CRIME ★★
(Where the Sleeping Dogs Lie, EUA, 1992) Direção: Charles Finch. Com Dylan McDermott, Tom Sizemore, Sharon Stone. Europa/Carat.
Aviso aos voyeurs: quem alugar esta fita para ver a exuberante Sharon Stone, *beware*! Ela está linda, sensual e canastrona, mas tem apenas três cenas no filme que, somadas, não chegam a cinco minutos. Ela interpreta uma editora de livros que pressiona um de seus protegidos (McDermott, de *Na Linha de Fogo*) a criar um best-seller. Em crise criativa, ele decide morar numa mansão que está à venda e na qual uma família inteira foi chacinada. É a tal busca de inspiração. O filme se concentra em seus pensamentos interiores e na estranha relação que nasce entre o escritor e um desconhecido que também se aloja na casa. Para um bom conhecedor de thrillers, este segundo personagem masculino (Sizemore) tem uma função óbvia. Para os loucos por Stone, o filme caminha para um inesperado (e para muitos incômodo) subtexto homoerótico. Arrisca-se muita psicologia, obtém-se algum suspense e o que se salva é o bom embate interpretativo entre os dois atores, ambos em ascensão.
Ch. P.

Joan Fontaine conversa com Laurence Olivier, preocupada com o fantasma de sua esposa morta, a inesquecível Rebecca

REBECCA, A MULHER INESQUECÍVEL ★★★★★

(Rebecca, EUA, 1940) Direção: Alfred Hitchcock. Com Laurence Olivier, Joan Fontaine, George Sanders, Judith Anderson. Continental.

Hitchcock e David O. Selznick, diretor e produtor de *Rebecca*, começaram a negociar ao mesmo tempo a compra dos direitos para o cinema do livro homônimo de Daphne Du Maurier. Hitch, porque havia lido o livro ainda na Inglaterra, enquanto filmava uma outra história da escritora, *Estalagem Maldita* (*Jamaica Inn*, 1939); Selznick, por causa de um memorando de sua caçadora de histórias, Kay Brown, a mesma que havia lhe recomendado comprar os direitos para o cinema do livro *...E o Vento Levou*, de Margaret Mitchell. Selznick ganhou a disputa e pagou a Daphne US$ 50 mil, a mesma importância, por sinal, que havia pago a Mitchell.

Selznick, no entanto, conhecia Hitchcock e gostava de seus filmes ingleses. Quando soube que o mestre queria adaptar o livro, propôs-lhe a direção. Rebecca foi o primeiro filme americano de Hitch e estreou, com pompa e circunstância, no Radio City Music Hall, de Nova York, que era o cinema mais importante do mundo.

Transformou-se em um enorme sucesso, talvez porque Selznick, acostumado a interferir em todos os filmes que produzia, deixou Hitchcock trabalhar com liberdade na maior parte do tempo. Motivo: *Rebecca* foi produzido enquanto Selznick estava finalizando *...E o Vento Levou* (1939).

É a história de uma jovem humilde (Fontaine), que se casa com um inglês muito rico (Olivier) e vai morar na mansão na qual o marido vivera por muitos anos com a sua primeira mulher, Rebecca. Livro e filme, na verdade, especulam sobre medo, angústia, paranóia e o sobrenatural, escondidos atrás de fatos aparentemente normais. É o tipo de material de que Hitch precisava para impor seu estilo, amparado pela fotografia de George Barnes e pela cenografia expressionista de Lyle R. Wheeler.

Não por acaso, *Rebecca* ganhou os Oscar de filme e de fotografia. Virou um clássico e deu muito dinheiro a Selznick. Hitchcock faz a sua costumeira aparição, do lado de fora de uma cabine telefônica, dentro da qual está George Sanders. Ele ainda filmaria uma outra história de Daphne Du Maurier, *Os Pássaros* (*The Birds*, 1963), o segundo melhor filme que ele fez em sua carreira (o melhor foi *Intriga Internacional/North by Northwest*, 1959).

Adilson Laranjeira

DR. GIGGLES – ESPECIALISTA EM ÓBITOS ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Dr. Giggles, EUA, 1992) Direção: Manny Coto. Com Larry Drake, Cliff De Young, Richard Bradford, Michelle Johnson. CIC Vídeo.

Sei que já virou clichê dizer que o moderno cinema de horror é cheio de clichês, mas este *Dr. Giggles* bate todos os recordes. Preste atenção: o personagem principal é um médico louco cujo pai, mais louco ainda, foi assassinado pela população de uma pequena cidade há 35 anos. O que você acha que vai acontecer:

a) O médico vai voltar à cidade para se vingar de todos os que mataram seu paizinho.

b) O médico vai matar um monte de adolescentes estúpidos, que insistem em visitar casas supostamente mal-assombradas e adoram "dar uma olhada" no lugar em que ocorreu o esquartejamento de 48 pessoas.

c) O médico vai ser ajudado pela cretinice da polícia local, que não vê nada de estranho no fato de 175 pessoas terem desaparecido nos últimos dois dias.

d) Em alguma parte da trama, um personagem mais velho vai contar a história do pai do dr. Giggles, e o filme vai mostrar um flashback.

e) Uma menininha frágil e doce revela-se peça-chave na história.

f) Todas as respostas acima.

Mesmo sendo obrigado a optar pela alternativa f, o aficcionado pelo gênero irá curtir a claustrofobia mórbida deste filme que levou o prêmio especial do júri no último Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz.

André Barcinski

Dr. Giggles prepara-se para um de seus famosos sorrisos, muito bem munido com uma de suas armas prediletas

SUBTERRÂNEOS – A REVOLTA DOS MUTANTES ★★

(Underworld, Inglaterra, 1985). Direção: George Pavlou. Com Denholm Elliott, Steven Berkoff, Miranda Richardson, Art Malik, Ingrid Pitt. VTI.

INÉDITO NO CINEMA

Clive Barker, o diretor de *Hellraiser*, é conhecido por suas histórias fantásticas de sangue e terror, sendo considerado, até hoje, o Stephen King inglês. Ele co-assina o roteiro deste filme, a partir de um argumento próprio. A confusão, porém, é geral: começa mostrando uma mulher sendo seqüestrada por pessoas de rosto deformado. A mutação acontece devido a uma droga fabricada pelo cientista Savary (Elliott). A trama, no entanto, é frágil, carecendo de suspense. Vale apenas pela curiosidade de se ver Miranda Richardson, indicada ao Oscar de atriz coadjuvante por *Perdas e Danos*, quase irreconhecível num pequeno papel de mutante.

C.G.L.

O DUENDE ★

(Leprechaun, EUA, 1992) Direção: Mark Jones. Com Warwick Davis, Jennifer Aniston, Mark Holton. Vídeo Arte.

A revista americana *Fangoria*, especializada em filmes de terror, dedicou várias de suas páginas a esta obra, criando uma enorme expectativa. O resultado, porém, é frustrante. Existe algo de patético, que cria uma indefinição entre a comédia de espanto e o terror propriamente dito. O suspense da abertura é interessante. Um homem avarento, com ares de insano, rouba um pote de ouro de um duende. O pequeno vai atrás do que é seu, mas é preso numa caixa pelo ladrão. Anos depois, uma família vai morar nesta mesma casa, encontrando o duende no porão. Sucede-se assim um corre-corre cheio de clichês já vistos. A maldade desajeitada do vilão apenas constata a completa estupidez dos personagens. Adicione-se a isto um elenco sofrível, e o resultado é igual a um teatro mambembe filmado.

Walter de Silva

CUJO★★★

(EUA, 1983) Direção: Lewis Teague. Com Dee Wallace, Danny Pintauro, Daniel Hugh-Kelly, Christopher Stone, Ed Lauter, Mills Watson. Mundial.

INÉDITO NO CINEMA

Cachorro são-bernardo enfia o focinho onde não deve, é mordido por um morcego com raiva e vira "monstro". Sério! Nos textos de Stephen King, até hidrofobia gera monstros. O dito cujo é uma metáfora para os pesadelos de uma criança e o medo de sua mãe em perder a estabilidade do casamento. A relação familiar em cena é quase telenovela, com uma moral chauvinista – mulheres que pulam a cerca podem encontrar cachorrões malvados. O terror, por sua vez, segue a fórmula dos monstros de King. Mesmo assim, Teague (*Alligator – O Crocodilo Assassino*), bom diretor de ação, consegue verter suspense absoluto no cerco do são-bernardo ao carro quebrado em que se encontram mãe e filho (com o agravante de que este, ainda por cima, é asmático). O filme começa de forma lenta, mas vai consolidando seus passos até o clímax, tenso e nada apelativo.

Marcel Plasse

O POÇO E O PÊNDULO★★

(The Pit and the Pendulum, EUA, 1991) Direção: Stuart Gordon. Com Rona De Ricci, Lance Henriksen, Jeffrey Combs. VTI.

INÉDITO NO CINEMA

Segunda adaptação do conto homônimo de Edgar Allan Poe, em produção barata da Full Moon (produtora de Charles Band), rodada na Itália. A primeira versão, igualmente infiel ao texto original, foi dirigida por Roger Corman em 1961, com melhores resultados. Gordon abdica da

podreira escancarada de *Re-Animator* e *Do Além* em favor de um enfoque mais romântico, e até edificante. O resultado está mais para a aventura fantástica medieval do que para o terror puro, apoiado principalmente na competência dos dois protagonistas. Henriksen (o andróide de *Aliens*) é o inquisidor espanhol Torquemada, um dignitário sado-masoquista com delírios de grandeza. De Ricci é a bela padeira por quem ele se apaixona e que é encarcerada e torturada como suspeita de bruxaria.
Alex Antunes

O GABINETE DO DR. CALIGARI ★★★★★

(Das Kabinett des Dr. Caligari, Alemanha, 1919) Direção: Robert Wiene. Com Werner Krauss, Conrad Veidt, Lil Dagover. Continental.

Primeiro verdadeiro filme de horror da história do cinema. Primeiro *cult*. *O Gabinete do Dr. Caligari* é uma experiência até hoje rara: com exceção do princípio e do fim, o filme é visto pelos olhos de um louco. Para tornar viável a visão do alienado, o diretor Robert Wiene recorreu a deformações plásticas, ruas e casas tortuosas, portas e janelas fora de esquadro. Era novidade em 1919. Continua impressionante até hoje.

O Gabinete é um marco da escola expressionista. Derrotada na Primeira Guerra, a Alemanha olhou para dentro de si mesma. Transformou o flagelo da derrota em inspiração para uma estética feita de deformações visuais e rigorosos constrastes de luz. O filme ficou tão famoso que criou uma palavra: caligarismo. Ajuda a entender o que se passou na Alemanha no período anterior a Hitler. O Dr. Caligari recorre à hipnose. Desta maneira, induz o sonâmbulo César a cometer assassinatos. César se comporta como um autômato. É como se todo o povo alemão estivesse se preparando para servir a Hitler. Mesmo mudo, é um filme que ainda tem coisas importantes a dizer ao espectador no fim do milênio.

Luiz Carlos Merten

FOGO NO CÉU★★★

(Fire in the Sky, EUA, 1993) Direção: Robert Lieberman. Com D.B. Sweeney, Robert Patrick, Craig Sheffer, Peter Berg, James Garner, Henry Thomas, Kathleen Wilhoite. CIC Vídeo.

Não é correto classificar este filme como uma ficção científica. Afinal de contas, ele se inspira em um fato verídico ocorrido no Arizona na noite de 5 de novembro de 1975. Respeitemos, porém, a incredulidade de vários seres humanos, inclusive de muitos leitores de SET, que insistem em negar a existência de vida inteligente fora de nosso planeta. O filme leva às telas as (des)venturas de Travis Walton, que foi seqüestrado por um disco voador e retornou após cinco dias, durante os quais foi submetido a diversas experiências bastante dolorosas.

O roteiro de Tracy Tormé é fiel aos fatos, salientando o aspecto humano e aterrador de todos os envolvidos. Sua primeira metade desenvolve-se na forma de drama de suspense, bem armado. O filme se conclui como uma ode à amizade. Várias histórias secundárias ficam de escanteio. Estas indefinições da trama não abalam o interesse pela fita, que teve um péssimo lançamento nas telas brasileiras. Não são apenas ufólogos e demais interessados que se ligarão neste mistério – aficcionados do suspense terão cerca de vinte minutos, perto do final, que tentam revelar a verdadeira dimensão do terror vivido por Travis dentro da nave. A seqüência é impressionante, com uma curiosa reconstituição do interior do OVNI, semelhante a uma colméia. Apenas por esta passagem de puro pesadelo, o filme merece uma espiada.

Quanto a uma discussão séria sobre a questão (o Instituto Gallup americano descobriu que, em 1990, 14% da população dos EUA afirma ter visto pessoalmente um objeto voador não identificado), fica para uma próxima. *Fogo no Céu* é apenas o primeiro passo dado por Hollywood para mais esta queda de tabu.

Christian Petermann

Instituto Goethe

O sonâmbulo César é flagrado durante um dos atos de maldade arquitetados pelo dr. Caligari

COMÉDIA

ED E SUA MÃE MORTA ★★★

(Ed and his Dead Mother, EUA, 1992). Direção: Jonathan Wacks. Com Steve Buscemi, Ned Beatty, John Glover, Miriam Margolyes, Sam Jenkins. Look. Comédia de humor negríssimo que, a despeito de ter uma única piada, rende bons momentos. Ed (Buscemi, de *Cães de Aluguel*) não se consola com a morte de sua mãe. Vive com o tio (Beatty). Este, por sua vez, sente alívio em não mais precisar olhar para a cara da irmã. Um certo dia, um estranho vendedor bate à porta de Ed, oferecendo-lhe a mãe de volta, mediante uma grande quantia de dinheiro. Ed, claro, topa. E a mãe volta, apenas para dar início a uma série de qüiproquós alternadamente engraçados e sanguinolentos. O filme é exagerado e nem sempre rende a contento, mas imprime de forma convincente a sua moral: "cuidado com o que você deseja; o pedido pode se concretizar..."
Ch.P.

JOHNNY STECCHINO ★★★
(Itália, 1991) Direção: Roberto Benigni. Com Roberto Benigni, Nicoletta Braschi, Paolo Bonacelli, Ignazio Pappalardo. Vídeo Arte. Com esta comédia de equívocos, Benigni afirma-se como um dos mais importantes cômicos do momento. Ele interpreta Dante, um simplório motorista escolar que acidentalmente conhece Maria (Braschi, esposa do diretor/roteirista/ astro na vida real)

NOSSA HOSPITALIDADE ★★★★
(Our Hospitality, EUA, 1923) Direção: Buster Keaton e Jack Blystone. Com Buster Keaton, Natalie Talmadge, Joe Keaton, Buster Keaton Jr., Kitty Bradbury. Continental.

Buster Keaton entrou para a história do cinema como o cômico que nunca ria. Não é verdade. É visto às gargalhadas numa cena de *A Garagem*, filme de 1920. Talvez seja a exceção que confirma a regra. Buster Keaton – pseudônimo de Joseph Francis Keaton – , no geral, foi o mesmo homem de uma só expressão. Sério, os olhos e a boca levemente caídos. É assim que faz rir em *Nossa Hospitalidade*. Neste filme, ele se apaixona por uma garota que pertence a uma família rival da sua. Vai conhecer o pai e os irmãos da moça. É ameaçado de morte. Resolve ficar na casa, protegido pelas leis da hospitalidade, mesmo que forçada.

Keaton não foi apenas ator. Foi também diretor. Tinha o domínio da gague, sabendo quanto uma piada pode durar na tela sem perder a eficiência. Cria momentos antológicos em *Nossa Hospitalidade*. O herói volta à sua cidade numa carruagem puxada por um trem. Keaton sempre foi louco por locomotivas. Não por acaso, sua obra-prima é *A General* (1927). O resgate nas cataratas não é menos hilário. Keaton fica preso por uma corda ao inimigo que quer matá-lo. O filme tem exatos 70 anos de idade. É mudo. O espectador quase não percebe, de tanto que ri.

Luiz Carlos Merten

Capitol

Brad Pitt arrasa corações com o seu impressionante topete e com uma interpretação memorável

JOHNNY SUEDE ★★★

(EUA, 1992) Direção: Tom DiCillo. Com Brad Pitt, Catherine Keener, Calvin Levels, Alison Moir, Nick Cave, Tina Louise. Capital.

Esta comédia meio esquizóide marca a estréia como diretor e roteirista do fotógrafo de Jim Jarmusch, DiCillo. Carrega pouco do visual frio e econômico do *darling* nova-iorquino, mas transmite todo o universo de personagens marginais e solitários da cartilha jarmuschiana. Ele criou a saga de um anti-herói moderno, Johnny Suede, um jovem bundão, cuja única certeza na vida é a vontade de acontecer como um astro do rock.

Magnificamente personificado por Brad Pitt, que usa um topete impressionante e fica boa parte do filme de cuecas, Johnny Suede é um tipo sem caráter. Não faz maldades deliberadas, mas a sua ingenuidade o leva a arrasar o coração das mulheres que cruzam seu caminho. Parado no tempo, quer porque quer fazer um som retrô que parece um cruzamento de Chris Isaak e Nick Cave (que, aliás, tem uma ponta divertidíssima, com um topete descolorido). Sua maior obsessão é com o muito peculiar par de sapatos que um dia caiu na cabine telefônica em que se encontrava (os sapatos são de veludo, "suede", daí seu nome artístico).

DiCillo narra a história como se fosse um conto-de-fadas moderno (cínico, individualista, romântico), com direito a narração em off e a um final feliz. O conjunto resulta numa pequena e divertida obra sobre o imaginário iconográfico atual (e modernoso). Não à toa, venceu o Leopardo de Ouro no Festival de Cinema de Locarno (Itália) do ano passado.

Christian Petermann

quando esta quase o atropela com seu carro. Ela fica muda ao olhá-lo, e ele apaixona-se à primeira vista. Eles voltam a se encontrar quando ela o convida para visitá-la na Sicília. Dante pensa estar sendo correspondido, mas na verdade é usado como dublê de corpo do mafioso Johnny Stecchino (o próprio Benigni). Cara-de-pau e ingenuidade são suas armas naturais, capazes de enfrentar qualquer perigo. Com sua voz gritante e gestos largos, Benigni faz rir do começo ao fim, numa mistura de Groucho Marx, Os Três Patetas e Jerry Lewis. Boa pedida é uma dobradinha com o excelente *O Pequeno Diabo*, com ele, Nicoletta e Walter Matthau.
W.S.

QUEIJO SUÍÇO ★★
(Swiss Miss, EUA, 1938) Direção: John Blystone. Com Stan Laurel, Oliver Hardy, Della Lind, Walter Woolf King, Eric Blore, Adia Kuznetzoff. VTI
Opereta leve na qual a dupla cômica funciona como suporte. O humor, por isso, não é nem constante, nem de primeira qualidade, embora Blystone tenha dirigido no mesmo ano o que se considera uma das obras mais bem acabadas dos dois, *Blockheads*. Em *Queijo Suíço*, Laurel e Hardy vão até a Suíça, partindo do sólido princípio de que o melhor lugar do mundo para se vender ratoeiras é a terra dos queijos. Lá aproximam-se da cantora lírica Anna Albert (a belíssima Lind) e de seu marido, o compositor Victor (Walter W. King). A história é de Jean Negulesco; um dos roteiristas é o também diretor da dupla James Parrot. Repare, neste filme, como Ollie está melhor que Stan.
F. C.

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA ★★★
(Aladdin and the Wonderful Lamp, Japão, 1992) Direção de animação: Shinya Takahashi. América.
Depois do magnífico trabalho dos estúdios Disney em *Aladdin*, nada melhor do que aproveitar esta produção nipônica para ampliar o imaginário arábico. Apesar da versão Disney continuar imbatível em arte e roteiro, este desenho tem seus atributos. Há algumas variáveis em relação à narrativa tradicional. Além do gênio da lâmpada (que parece um gigante lutador de sumô), existe o gênio do anel encantado. Isto simplifica a vida de Aladim, pois no momento em que este perde a lâmpada, ele invoca o gênio de seu anel, que tem menos poderes, mas que quebra um bom galho. É uma produção curiosa, com desenhos bem cuidados em seus detalhes, movimentos e cores.
W.S.

SPIFF & HÉRCULES ★★★
(França, 1993) Direção: Bruno Desraisses. CIC Vídeo.
Os franceses têm tradição na indústria de animação e são bem espertos. Já produzem de olho no mercado internacional, especialmente o dos EUA. *Spiff & Hércules* mira nesta direção com uma releitura da violência patusca e do surrealismo dos desenhos de antigamente. É uma sucessão de troca de tapas, bombas, tiros e explosões – típica de *Pica-Pau*, *Tom & Jerry*, *Pernalonga*... – misturada com hidrantes que falam, um sol vestido de pirata, automóveis vivos e todos aqueles absurdos que Max Fleischer imortalizou na série de desenhos da Betty Boop. O problema é que o ritmo não tem o preciosismo dos clássicos, e os personagens nem sempre criam empatia com o público. São três fitas com quatro episódios cada, todos já exibidos com muito sucesso pela TV Colosso.
Carlos Eduardo Miranda.

O GATO FÉLIX – O TESOURO DO EGITO ★★★
(EUA, 1960) Produção: Joe Oriolo. Opção.
Estudando os movimentos de Carlitos, o desenhista e animador *extraordinaire* Otto Messmer, mais o produtor Pat Sullivan (que levou todo o crédito e a grana) criaram, em 1919, este simpático e expressivo gato preto. Não deu outra: durante toda a década de 20, Félix reinou como o mais popular personagem de animação da era do cinema mudo.
Infelizmente, esta fita não traz nada desta fase clássica de Félix, nem de seu breve retorno sonorizado em 1936 (espécimes destas duas safras foram, porém, lançados pela D.I.V. na coletânea *Gato Félix e Seus Companheiros*).
A fita reúne vários episódios da telessérie realizada entre 1959 e 60, na qual Félix ganha cor e coadjuvantes como o bigodudo vilão Professor, seu buldogue ajudante Rock Bottom e o sobrinho Poindexter – moleque aprendiz de cientista, uma figura e tanto. A animação simples, quase simplória, não é de todo má: aproveita bem seu grafismo econômico e traz algumas gagues divertidas, fiéis ao espírito surreal do Félix original.
J.A.L.

A ESPADA ERA A LEI ★★★

(The Sword in the Stone, EUA, 1963) Direção: Wolfgang Reitherman. Abril Vídeo.

Este é um dos últimos longas dos estúdios Disney supervisionado pelo próprio Walt, que encerraria sua carreira com o excelente *Mogli, o Menino Lobo*, em 1967. Trata-se de uma versão divertida da infância do rei Arthur, adaptada do livro de T.H. White. A história é muito simples: o mago Merlin torna-se mentor do jovem Arthur, sem saber que este se tornará o rei da Inglaterra. Talvez, por causa da simplicidade, esta seja uma das realizações mais fracas entre as obras realizadas enquanto Disney estava vivo. O roteirista Bill Peet não escolheu o melhor método para enriquecer o argumento: optou por carregar nos diálogos e acabou por obter pouca fluência na ação. A partir de certo momento, as "aulas" de Merlin ao garoto se tornam muito previsíveis.

Já se nota também a simplificação no desenho que marcaria as produções dos anos 70, a pior época da Disney. Há até mesmo repetição de movimentos de personagens, o que surpreende a quem conhece o virtuosismo de animação exibido em obras anteriores. Mesmo assim, vale a pena ver, pois sempre sobram seqüências clássicas nas quais animadores como Milt Kahl ou Ollie Johnson esbanjavam seu talento. O duelo de transformações entre Merlin e a bruxa Madame Min (chamada de "Kim" pela dublagem antiga) não só é hilariante como também é uma aula de caricatura. Duvida? Tente desenhar a mesma expressão facial num bode e num caranguejo. Se não conseguiu, assista: Merlin demonstra essa mágica e outras ainda mais prodigiosas.

Marcos Smirkoff

Abril Vídeo

O jovem rei Arthur ensaia o seu olhar arguto para, no futuro, governar o Reino Unido

RKO Radio Pictures

O veterano George Stevens elabora brilhantes cenas de conflito em mais esta fita sobre conflitos culturais e étnicos

GUNGA DIN ★★★★

(EUA, 1939) Direção: George Stevens. Com Cary Grant, Victor McLaglen, Douglas Fairbanks Jr., Sam Jaffe, Joan Fontaine. Continental.

O ano de 1939 foi esplêndido para o cinema. Estrearam, entre outros, *...E o Vento Levou*, *No Tempo das Diligências*, *Beau Geste* e, também, *Gunga Din*. Segundo se disse na ocasião, o filme seria a versão de um poema de Rudyard Kipling. Na verdade, é uma história escrita pela famosa dupla Ben Hecht e Charles MacArthur – usando a idéia central do poema –, que explora situações semelhantes às de uma famosa peça escrita por eles, *A Primeira Página* (*The Front Page*), quatro vezes adaptada para o cinema.

Nesta história colonialista, Gunga Din (Jaffe) é o agueiro do regimento, no qual há três oficiais – Grant, McLaglen e Fairbanks Jr. –, dois deles fazendo de tudo para impedir o casamento do terceiro (com Joan Fontaine). Ainda no elenco, Eduardo Cianelli, o líder dos tugheés, que faz um dos vilões mais impressionantes do cinema.

Stevens realizou um épico impecável, e pouco importa se, na verdade, ele é uma cópia quase fiel de um outro clássico do cinema americano, *Lanceiros da Índia* (*Lives of a Bengal Lancer*, 1935), de Henry Hathaway, em que três outros colonialistas ingleses – Gary Cooper, Franchot Tone e Richard Cromwell – vivem aventuras parecidas. Não por coincidência, os exteriores dos dois filmes foram feitos no mesmo lugar, em Lone Pine, na Califórnia. Os diretores de arte daquele tempo conseguiam fazer da Califórnia um lugar mais parecido com a Índia do que a própria Índia.

Stevens, perfeccionista e meticuloso, levou um ano montando e remontando *Gunga Din*. Mas valeu. O filme é o perfeito exemplo do cinema de aventura (com bom humor, ritmo e batalhas), feito para agradar as platéias de todos os tempos. Curiosidade: é deste filme a seqüência em que Gunga Din toca o clarim para alertar os ingleses de uma emboscada, seqüência que Blake Edwards e Peter Sellers parodiaram com perfeição no prólogo de *Um Convidado Bem Trapalhão* (*The Party*, 1968).

Adilson Laranjeira

OS QUATRO HERÓIS DO TEXAS ★★

(Four for Texas, EUA, 1963). Direção: Robert Aldrich. Com Frank Sinatra, Dean Martin, Anita Ekberg, Ursula Andress, Charles Bronson, Yaphet Kotto, Os Três Patetas. Tocantins/Concorde.

Diversão garantida com bons atores e um diretor de primeira. Faroeste puramente comercial, cujo lado cômico foi elaborado para competir com os *western spaghetti* – há até uma participação especial dos Três Patetas, em final de carreira. O humor é típico dos anos 60, e Ekberg está naquela forma exuberante que Fellini mostrou em *A Doce Vida* (60), enquanto Ursula Andress acabara de causar frisson com o seu primeiro filme, *007 Contra o Satânico Dr. No* (62). O filme de Aldrich (*Os Doze Condenados*) traz ainda um Sinatra com pinta de playboy, fazendo dupla com um Dean Martin com jeitão de bêbado, e Bronson no seu habitual, como o bandido. O humor "de época" o torna quase uma curiosidade histórica.

Francisco Costa

AMERICAN SHAOLIN ★★★

(EUA/Hong Kong, 1992) Direção: Lucas Lowe. Com Reese Madigan, Daniel Dae Kim. Top Tape.

Fãs de artes marciais vão se surpreender: há momentos de *American Shaolin* que parecem um videoclip. O herói Reese Madigan chega a ensaiar um rock com seus colegas lutadores num mosteiro da China! O filme de Lowe mostra como um *teenager* americano, bobo e inexperiente, vira um mestre kickboxer. O longo caminho da iniciação inclui muita renúncia e pancadaria. O filme segue a linha de *Karatê Kid*: exalta as artes marciais como forma suprema de elevação espiritual, mas espera que o espectador satisfaça seus baixos instintos sempre que o mocinho aplica um corretivo nos seus inimigos. O filme é competente, e o espectador vibra na eletrizante luta final.

Luiz Carlos Merten

RAJADA DE FOGO ★★★

(Rapid Fire, EUA, 1992). Direção: Dwight H. Little. Com Brandon Lee, Powers Boothe, Nick Mancuso, Kate Hodge. Abril Vídeo.

Este é o único filme completado pelo filho de Bruce Lee em um grande estúdio (a Fox), que, como o pai, morreu durante uma filmagem – com uma bala no peito, enquanto filmava *The Crow*. Acaba conferindo à fita um certo ar sentimental. Brandon faz Jake Lo, estudante que testemunha o assassinato do intermediário de um coreano traficante de heroína. Quem o matou foi ninguém menos que o "capo" da Máfia de Chicago, Nick Mancuso. Corrupção na polícia e crise de identidade do herói dão o tom. Brandon faz o mocinho que usa armas a contragosto (nada contra matar com as próprias mãos), sendo também co-autor das coreografias. Há uma boa seqüência, na qual o herói transa com Kate Hodge e rolam cenas intercaladas de selvageria explícita, o belo e o horrendo se contrapondo. O amante do gênero não se frustrará.

F.C.

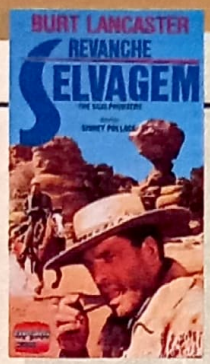
UMA CIDADE EM PERIGO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Hang Fire, EUA, 1990). Direção: Peter Maris. Com Brad Davis, Kim Delaney, Ken Foree, Jan-Michael Vincent, Lee de Broux, Lou Ferrigno. LK-Tel/Columbia.

Não se sabe muito bem a que vem este filme. Brad Davis (*O Expresso da Meia Noite*) faz um herói

que pouco aparece. Os gêneros se confundem – é policial, drama ou guerra (interna)? Vejamos: um psicopata, Kutner (de Broux), toma como refém uma psiquiatra (Delaney) e a usa para sair do presídio em que está. Fogem para uma cidadezinha qualquer. Davis é Ike Slayton, xerife do local, que se casou no dia anterior com a psiquiatra. Nem saíram em lua-de-mel, e o bando de Kutner toma a cidade. Diversão para insones. Note que Davis está bem apagado, enquanto seu amigo Billy (Foree) é um personagem muito mais interessante. *F.C.*



REVANCHE SELVAGEM ★★★

(The Scalphunters, EUA, 1968). Direção: Sydney Pollack. Com Burt Lancaster, Shelley Winters, Telly Savalas, Ossie Davis, Dabney Coleman. Opção.

Um dos primeiros faroestes (cômico, no caso) a redimensionar o papel do índio e do negro em Hollywood. Pollack (*A Firma*), em seu terceiro filme, conduz um bom elenco. Lancaster é Joe Bass, caçador que faz uma troca involuntária com os índios kiowas: é "forçado" a ceder suas peles e passa a ser proprietário de Joseph Lee, um negro escravo que sabe ler e escrever (fantástica atuação de Davis). Bass é duro na queda e vai atrás das peles. Dá de cara com Savalas e seus asquerosos caçadores de escalpos (os "scalphunters" do título). O filme é um grande tapa na cara da América dos anos 60, quando os negros emergiam da condição de seres "semicivilizados" para gritar a igualdade de direitos com Martin Luther King, Malcolm X e James Baldwin. "Você não passa de um animal, Joseph Lee", diz Bass no começo. *Revanche Selvagem* mostra como Lee explica sua humanidade.

Francisco Costa

Abril Vídeo

O último filme dirigido por Michael Curtiz diverte-se com um clima que lembra filmes de espionagem

OS COMANCHEROS

★★★

(The Comancheros, EUA, 1961) Direção: Michael Curtiz. Com John Wayne, Stuart Whitman, Lee Marvin, Ina Balin. Abril Vídeo.

Este é o último filme realizado por Curtiz, húngaro radicado na América que dirigiu o clássico *Casablanca* (42). Wayne é o policial texano que se infiltra numa gangue que fornece armas para perigosos índios comanches. Antes disto, porém, ele tem a missão de prender um duelista, papel de Stuart Whitman. É um western divertido, com clima de filme de espionagem *à la* 007, e que conta com uma personagem feminina de caráter surpreendente para o gênero (a filha do chefe dos bandidos, interpretada pela bela Ina Balin). Curtiz, um daqueles diretores polivalentes que marcaram o período áureo de Hollywood, despede-se do cinema com belíssimas cenas de combate, confirmando o bom gosto para filmar coreografias de cavalaria que marcou outra de suas grandes obras, *A Carga da Brigada Ligeira*, de 1936.

Marcos Smirkoff

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP 05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP 04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP 14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA

VÍDEOS
FAX
CÂMERAS

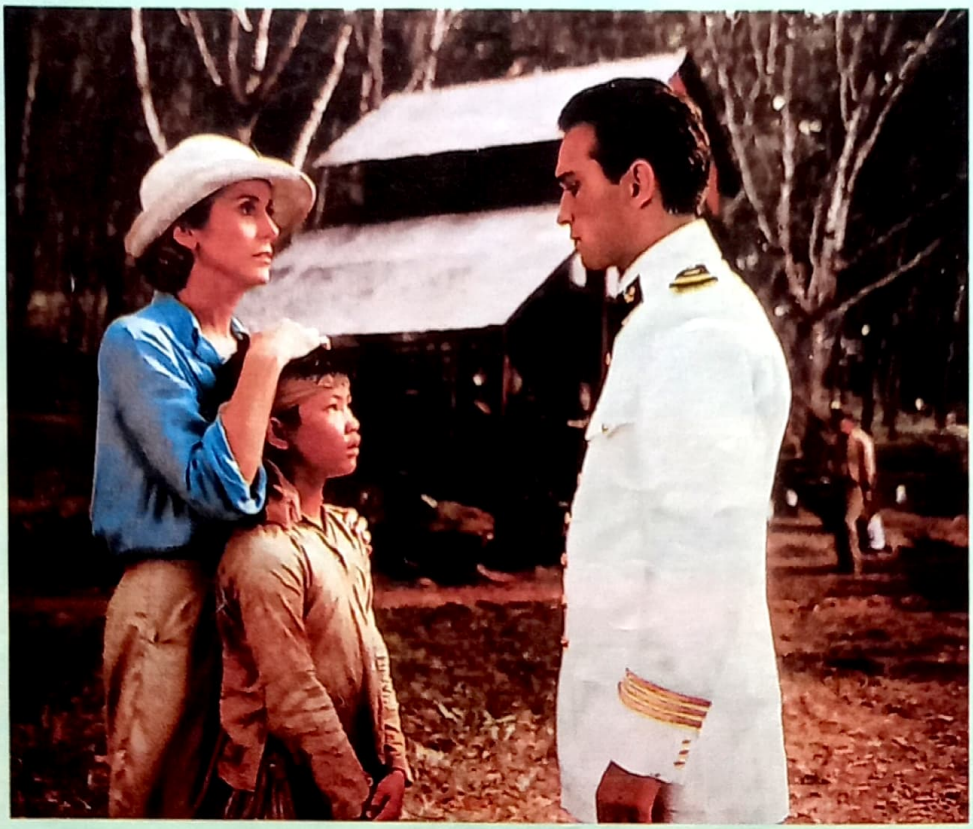
1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU
TRANSFORMAMOS FITAS PARA NOSSO SISTEMA E VICE-VERSA TAMBÉM U-MATIC
SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

PREVIEW



O ano de 1994 começa com boas opções chegando às locadoras. Um dos destaques é o muito aguardado lançamento da versão musical de *Horizonte Perdido*, que fez sucesso no Brasil em 1973/74. Merece ainda atenção um dos fenômenos cinematográficos deste ano, o francês *Indochina* (foto), Oscar de filme estrangeiro, que ficou em cartaz desde sua estréia, em março, até a metade de novembro. Pode-se também assistir a duas belas atrizes, a americana Michelle Pfeiffer, que foi indicada ao Oscar este ano por *As Barreiras do Amor* (nos cinemas como *Conflitos de Amor*), e a inglesa Tilda Swinton, que interpreta o papel-título de *Orlando, a Mulher Imortal*. Para os fãs do terror, a melhor pedida é *Hellraiser 3 – Inferno na Terra*.

BOLSA DE VÍDEO

Pelo segundo mês consecutivo, vence um filme alemão da fase muda. O importante lançamento de *Ludwig* também foi prestigiado.

	Deborah Peleias SET	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Ana Claudia Fonseca Veja São Paulo	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Roberto Rios TVA	Luiz Zini Pires Zero Hora	Christian Petermann SET	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Média
O Gabinete do Dr. Caligari (Continental)	9	9	9	8	9	10	8	9	9	10	9.0
Ludwig – O Último Rei da Bavária (Concorde)	–	9	–	–	–	10	9	–	7	9	8.8
Gunga Din (Continental)	–	8	–	9	6	10	9	–	8	–	8.3
Rebecca, a Mulher Inesquecível (Continental)	8	8	7	10	8	9	8	8	–	–	8.2
A Espada Era a Lei (Abril Vídeo)	8	7	8	–	7	9	–	7	7	9	7.7
O Marido da Cabeleireira (Abril Vídeo/Belas Artes)	8	7	9	–	7	–	6	8	6	9	7.5
Os Comancheros (Abril Vídeo)	–	7	–	7	6	–	7	–	6	–	6.6
Unidos pelo Sangue (LK-Tel/Vídeo)	7	5	–	8	4	7	8	7	6	6	6.4
Um Dia de Fúria (Warner)	7	6	–	7	4	3	6	6	8	8	6.1
A Assassina (Warner)	6	5	5	6	5	–	5	5	8	6	5.6

PARADA

OUTUBRO

AS MAIS ALUGADAS:

BRASIL

1 *O Último dos Moicanos (The Last of the Mohicans)* (Warner)
2 *Herói por Acidente (Hero)* (LK/Vídeo)
3 *Drácula de Bram Stoker (Bram Stoker's Dracula)* (LK/Vídeo)
4 *Sommersby, o Retorno de um Estranho (Sommersby)* (Warner)
5 *Eternamente Jovem (Forever Young)* (Warner)
6 *Perfume de Mulher (Scent of a Woman)* (CIC)
7 *Esqueceram de Mim 2: Perdido em Nova York (Home Alone 2: Lost in New York)* (Abril Vídeo)
8 *Sarafina* (Abril Vídeo)
9 *O Guarda-Costa (The Bodyguard)* (Warner)
10 *Passageiro 57 (Passenger 57)* (Warner)

Fontes: Vídeo Factory (SP), Hobby Vídeo (SP), Real Vídeo (SP), Vídeo Shack (RJ), Copa 6 (RJ), Cine Vídeo (GO), Star Vídeo (GO), Scorpius (GO), Back I (RS), Vídeo Gama (RS), Canal Vídeo (MG), Cia. Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG)

E.U.A.

1 *Indecent Proposal (Proposta Indecente)* (Paramount)
2 *Cop and a Half (Um Tira e 1/2)* (MCA/Universal)
3 *Aladdin* (Disney)
4 *The Sandlot (Se Brincar o Bicho Morde)* (FoxVideo)
5 *Groundhog Day (Feitiço do Tempo)* (Columbia TriStar)
6 *National Lampoon's Loaded Weapon I (Máquina "quase" Mortífera I)* (New Line)
7 *Sidekicks (Unidos para Vencer)* (Columbia TriStar)
8 *Point of No Return (A Assassina)* (Warner)
9 *Scent of a Woman (Perfume de Mulher)* (MCA/Universal)
10 *Three of Hearts (As Amantes)* (Columbia TriStar)

Fonte: *Video Business* (31/10/93)

W/Brasil

Adolescente é o Eu sou Teen!

FOLHATEEN CRESCEU. MAS NÃO CRIOU JUÍZO NÃO.
AGORA SÃO 8 PÁGINAS TODA 2ª-FEIRA. COM PILHAS DE NOVIDADES. MODA TEEN. MÚSICA TEEN. ECONOMIA TEEN. DEFESA DO CONSUMIDOR TEEN. + ZECA CAMARGO, TODA TERÇA. + TEEN, UMA PÁGINA INTEIRINHA, TODA QUINTA, SEXTA E SÁBADO, NA ILUSTRADA. FOLHATEEN. NÃO É PRA ADOLESCENTE. É PRA TEEN.

FOLHATEEN. 2ª, NA FOLHA.
+TEEN. 5ª, 6ª E SÁBADO, NA ILUSTRADA.

FOLHA
Não dá pra não ler.

FOLHATEEN

Look Filmes

Leslie Cheung, cantor que disputa o coração de seu parceiro de palco com a bela prostituta Gong Li

ADEUS MINHA CONCUBINA

Cinco décadas na história da China deste século, através da política, das artes e do sexo

A Palma de Ouro que Chen Kaige dividiu com Jane Campion (*O Piano*) no Festival de Cannes deste ano vem consolidar uma das mais interessantes carreiras cinematográficas da atualidade. Um dos dois maiores diretores da chamada Quinta Geração – ao lado de Zhang Yimou, de *Lanternas Vermelhas* –, que injetou sangue novo à Sétima Arte chinesa e a colocou na mira de crítica e público mundiais, Kaige expõe em *Adeus Minha Concubina* todo o universo dramático (e crítico) visível desde sua estréia, em 1984, com *Terra Amarela*, o filme que abriu as portas para a produção local.

É, sem dúvida, seu filme mais ambicioso. A adaptação do best-seller homônimo de Lilian Lee, co-responsável também pelo roteiro, oferece um panorama rico e denso da realidade político-cultural do país no espaço de cinco décadas. A história começa em 1925, quando dois jovens abandonados se conhecem em uma escola que prepara, com rigor militar, atores para a tradicional Ópera de Pequim. Estende-se até 1977, evidenciando os vários momentos históricos (unificação da China e ascensão do comunismo na década de 20; invasão japonesa entre 1931/45; a República Popular de Mao Tsé-Tung; e a Revolução Cultural pós-66). O filme segue duas linhas narrativas. Uma delas é a da própria Ópera, fazendo um paralelo com os fatos ao questionar a decrescente importância da companhia músico-teatral, um dos sustentáculos da tradição chinesa e que serviu de símbolo inimigo, sinônimo das elites, quando da tomada "popular" do poder.

A outra frente dramática criou problemas na China, que reagiu não somente às leituras políticas da obra (proibida no país em maio e só liberada para exibição em setembro). O filme também apresenta, de forma um tanto mais superficial, a questão do homossexualismo (o ator que interpreta os papéis femininos da Ópera também revela sua opção sexual em relação ao companheiro). Não há panfleto, nem intenção de escandalizar. O personagem interpretado pelo astro do rock chinês Leslie Cheung (também ator de John Woo nos filmes *A Better Tomorrow I e II*) discute os reflexos de um sistema artístico conservador (o fato, por exemplo, de levar um artista a ser treinado para um único tipo de papel) e também faz contraponto à entrada do terceiro vértice do triângulo, a prostituta Juxian (a sempre bela Gong Li, esposa do diretor Yimou), que se casará com o parceiro de palco do homossexual. O desequilíbrio provocado pela chegada de Juxian também aponta para a questão da mulher no contexto social chinês, que é um dos temas favoritos da Quinta Geração.

Kaige constrói um vasto painel da identidade de seu povo, elaborando uma visão pessimista quanto à integridade do ser humano frente a dogmas político-culturais que se modificam segundo os ventos. Para além do elemento humano, porém, realiza também uma obra de impacto estético indelével. Um dos filmes fundamentais do ano.

Christian Petermann

Bawang Bie Ji, China/Hong Kong, 1993 ■ DIREÇÃO: Chen Kaige ■ ROTEIRO: Lilian Lee e Lu Wei ■ FOTOGRAFIA: Gu Changwei ■ DIREÇÃO ARTÍSTICA: Chen Huaikai (pai de Chen Kaige) ■ MÚSICA: Zhao Jiping ■ Com Leslie Cheung, Zhang Fengyi, Gong Li ■ Look Filmes

O DEMOLIDOR

Último filme de Stallone tem poucas cenas de ação, que se salvam pela ótima qualidade de som

O Demolidor é uma comédia! O que não quer dizer que seja de todo ruim. Decepcionante, um pouco, porque depois do ótimo *Risco Total* a moçada esperava mais violência da parte de Sylvester Stallone. Com um bandido legal como Wesley Snipes, um orçamento de 50 milhões de dólares e a produção do peso-pesado Joel Silver, o mesmo das séries *Máquina Mortífera*, *Duro de Matar* e *Predador*, *O Demolidor* tinha tudo para ser "o" thriller.

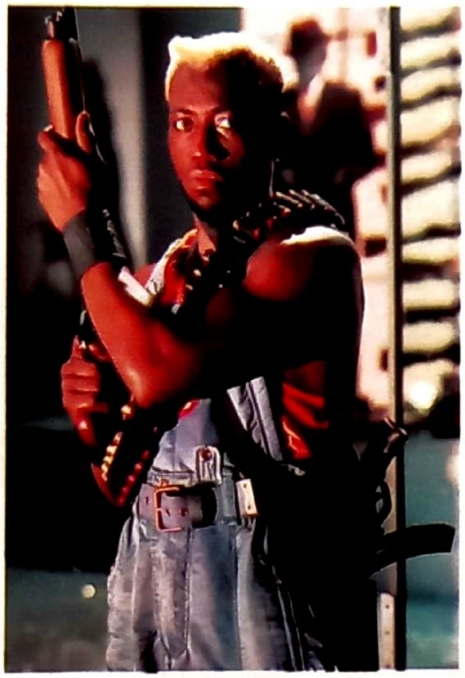
A história até que é interessante: em 1996, o superpolicial John Spartan (Stallone) captura o psicopata assassino Simon Phoenix (Snipes), mas um acidente durante a luta causa a morte de 40 inocentes. Os dois são condenados à "reabilitação subzero", um processo punitivo que consiste em congelar o preso numa câmara especial e através de hipnose extinguir seus instintos violentos.

É lógico que alguma coisa dá errado e Phoenix escapa da prisão no ano de 2032. Los Angeles foi destruída em um terremoto, reconstruída e batizada de San Angeles. Os policiais do futuro, acostumados a uma vida pacífica, viram saco de pancada de Phoenix e a solução é descongelar Spartan.

A maior qualidade do filme é a sátira ao futuro "politicamente correto" do planeta, onde quase tudo é proibido: fumar, beber álcool e até falar palavrões. Sexo, só com permissão escrita do governo. As piadas são legais mas repetitivas. E as cenas de ação são poucas – contam-se quatro ou cinco bons momentos –, o que para um filme de Joel Silver é muito pouco. Vale destacar a qualidade de som, que torna as cenas de luta um pouco mais emocionantes.

André Barcinski

Demolition Man, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Marco Banbrilla ■ Com Sylvester Stallone, Wesley Snipes ■ Warner



Acima, o supervilão Wesley Snipes desafia Stallone no filme que poderia ser o thriller do ano, mas que deixa a desejar

Fotos Warner

História água com açúcar mostra como ser um verdadeiro defensor da natureza

FREE WILLY

Amizade de um garoto com uma baleia assassina ensina o que é "ecologicamente correto"

Para uma criança "a-do-rar um filme", só precisa de um herói bonitinho e de um final feliz. Se o herói for um animalzinho, então, a felicidade é completa. Se o herói for um animalzinho fora do normal, digamos, uma baleia, o filme tem tudo para ser um momento inesquecível na vida do petiz.

Free Willy é um desses filmes que não podem dar errado. A história é, como diria Fernando Vannucci, "simplezinha mas bonitinha", mas que faturou horrores no último verão americano: arrecadou mais de 70 milhões de dólares. Um menininho simpático se apaixona por uma baleia assassina. O gigantesco mamífero está triste porque um homem malvado o deixou preso numa piscina. O garoto vai lá e solta a baleia, que fica feliz da vida. Moral da história: aprendemos que preservar a Natureza é muito importante.

André Barcinski

Free Willy, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Simon Wincer ■ ROTEIRO: Keith A. Walker, Corey Blechman ■ FOTOGRAFIA: Robbie Greenberg ■ MÚSICA: Basil Poledouris ■ Com Jason James Richter, Lori Petty, Jayne Atkinson, August Schellenberg ■ Warner

Paris Filmes

Lua de Fel

LUA DE FEL

(Bitter Moon/ Lunes de Fiel, Inglaterra/ França, 1991) Direção: Roman Polanski. Com Emmanuelle Seigner, Hugh Grant, Peter Coyote, Kristin Scott-Thommas. Paris Filmes.

Polanski retoma antigas preocupações, como a violência e a vitimização, em doses açucaradas mas recheadas de morbidez, ao contar esta história de amor, em que apenas o sexo consegue unir um casal. Para os fãs de um Polanski em início de carreira o filme pode decepcionar. Mas aos 60 anos, o cineasta mostra que aprendeu muita coisa, principalmente que a vida engana aos mais desavisados. *D.P.*

A HISTÓRIA DE QIU JU

(Qiu Ju Guansi, China, 1992) Direção: Zhang Yimou. Com Gong Li, Lei Laosheng, Liu Peigi, Yang Liuchum. Flashstar.

Neste seu último longa, Yimou centra sua câmera na mulher chinesa dos dias de hoje. Gong Li é a esposa de um cidadão injustiçado de uma pequena aldeia, que luta obstinadamente contra a burocracia e vai até os tribunais para fazer valer os direitos do marido. O olhar do diretor, como em seus trabalhos anteriores, é sutil e de um agudo senso de beleza estética. *H.S.*

O ALVO

(Hard Target, EUA, 1993) Direção: John Woo. Com Jean-Claude Van Damme, Lance Henricksen, Yancy Butter. UIP.

O estilo visual de John Woo é excitante, com close-ups de balas saindo dos tambores das armas e tiroteios em câmera lenta aprendidos com Sam Peckinpah. Este primeiro filme americano do chinês Woo não é o que poderíamos dizer "um filme de John Woo", tem roteiro anêmico mas compensado por todo o arsenal espetacular de cenas de impacto. *A.B.*

JONAH QUE VIVEU NA BALEIA

(Jonah Who Lived in the Whale, Holanda/ Itália, 1993) Direção: Roberto Faenza. Com Jean-Hughes Anglade, Juliet Aubrey, Jenner Del Vecchio, Luke Petterson. Condor.

Este filme, que levou os prêmios de direção, música e figurino no Festival David Di Donatello, conta a história do garoto Jonah que durante a Segunda Guerra presencia os horrores dos campos de concentração nazistas. Das obras contemporâneas que abordam o tema da criança na guerra, este sem dúvida é o que trata com menos lirismo o amadurecimento de um menino judeu. *W.S.*

NA LINHA DE FOGO

(In the Line of Fire, EUA, 1993) Direção: Wolfgang Petersen. Com Clint Eastwood, John Malkovich, Rene Russo, Dylan McDermott. Columbia Tri-Star.

Depois do cowboy durão e assassino de *Os Imperdoáveis* que conquistou elogios rasgados e prêmios da academia, Clint Eastwood não podia deixar por menos. E não deixou mesmo. Seu personagem de *Na Linha de Fogo*, Frank Horrigan, é tão sedutor quanto o anterior. E mais: é sensível, tem bom coração e possui um senso de humor notável, mas nem por isso deixa de ser "duro na queda". *Na Linha de Fogo* tem um roteiro muito legal (a história é sobre um agente que não se perdoa por não ter evitado o assassinato de Kennedy) e um dos melhores vilões do ano. John Malkovich, como Mitch Leary que desafia o agente a evitar o assassinato do atual presidente dos EUA, quase rouba o filme, isso se Clint não fosse um ator excelente. O duelo psicológico entre os dois é de prender a respiração. *D.P.*

OLHOS DE SERPENTE

(Snake Eyes/Dangerous Games, EUA, 1993) Direção: Abel Ferrara. Com Madonna, Harvey Keitel, James Russo. Paris Filmes.

Olhos de Serpente passou no último Festival de Veneza e Ferrara apostava que ia ganhar muitos prêmios – e não ganhou nenhum. O filme conta a história de uma filmagem. Keitel é o diretor, Russo o astro e Madonna, uma estrela catapultada à condição de estrela. O ritmo no set é infernal: quando não estão cheirando cocaína, os personagens estão se agredindo. Quem associa o nome de Madonna à perversidade, *Olhos de Serpente* não nega fogo, pois numa cena, Russo sodomiza Madonna. *L.C.M.*

TÃO CULPADO COMO O PECADO

(Guilty as Sin, EUA, 1993) Direção: Sidney Lumet. Com Rebecca De Mornay, Don Johnson, Stephen Lang, Jack Warden. Columbia Tri-Star.

Você já viu este filme antes e ele foi melhor da outra vez. A fórmula clássica do superadvogado que se envolve emocionalmente com o psicótico/assassino em potencial que o contratou para defender num tribunal, adquire aqui novos contornos apenas por colocar Rebecca De Mornay representando a lei e Don Johnson no papel de um Don Juan endinheirado e elegante, cujo charme muito provavelmente pode ser letal. *J.E.R.*

BOLSA DE CINEMA

Obras fora do circuito dos grandes estúdios americanos conquistam crítica e público

	José Geraldo Couto Folha de São Paulo	Edson Arantes O Estado de S. Paulo	Cristiane Couto MTV	Celso Arnaldo Araújo Revista Manchete	Antônio Querino Neto Isto É	Luciano Trigo O Globo	Christian Petermann SET	Cleber Eduardo Diário Popular	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Marcelo Mala Jornal do Brasil	Média
A Liberdade É Azul (Look Filmes)	–	–	10	–	–	9	–	10	9	–	9.5
A História de Qiu Ju (Flashstar)	8	–	10	–	9	8	8	8	8	7	8.2
A Grande Família de Stephen Frears (Art Films)	9	7	9	8	8	7	7	9	–	8	8.0
Na Linha de Fogo (Columbia)	–	8	7	8	8	5	7	9	9	8	7.6
Lua de Fel (Paris Filmes)	8	–	–	–	7	8	–	6	–	–	7.2
Um Lugar no Mundo (Art Films)	–	–	–	6	–	6	7	9	–	7	7.0
Matinê – Uma Sessão Muito Louca (Look Filmes)	–	6	9	6	8	–	7	5	8	7	7.0
Arizona Dream (Lumière)	–	8	8	4	7	7	–	7	6	–	6.7
O Alvo (UIP)	–	9	8	6	6	6	6	3	–	4	6.0
Sol Nascente (Fox)	–	–	–	4	7	6	5	7	5	6	5.7

A NOVA MANIA NACIONAL.

Euromeeling Int. Europrint 1993 © Nº Cert. Aut. R.F. 01/00/175/93

JÁ GANHOU SEU PRÊMIO?

Ter um cartão SUPERTESOURO e não conferir é a mesma coisa que ganhar um carro importado ou muitos outros prêmios e não saber. Cadê o seu cartão? Você se lembra onde guardou, não é? Então entre na onda das pessoas que já estão ganhando em todo o Brasil. Tenha o cartão sempre com você. E fique ligado toda semana nos Painéis da revista *Contigo!* Não perca nenhuma edição. Concorra para ganhar.

SUPERTESOURO
REVISTA contigo!

Toda semana na revista *Contigo!* NAS BANCAS

Para obter mais informações sobre o cartão e a promoção, ligue para: (011) 853-0086, (011) 852-4821 e (011) 883-4621. Os Painéis também serão divulgados na sede da Ed. Azul (SP e RJ).

EDITORA AZUL

PROSDOCIMO · mazda · SANYO · PCI · COUGAR · SUNAR · SEIKO · PROVIDENCE PREVER · SINGER
DAKO · DYNACOM · ARNO · PLAYBOY · PHYTOERVAS · YASHICA · PEONY · Top Premium · BOUQUET
APOIO

MITO

FEDERICO FELLINI

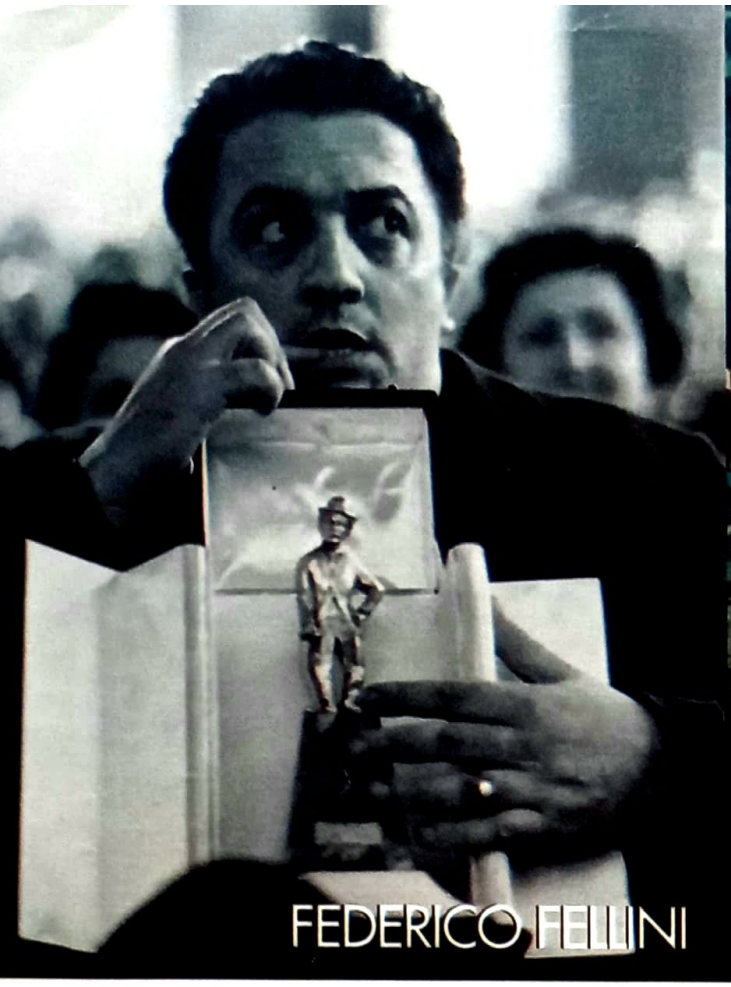
Diretor que Virou Adjetivo

"Como é possível definir o gênio de um homem em uma frase de ocasião?" Foi com esta declaração que Marcello Mastroianni se despediu de seu amigo Federico Fellini, quando este faleceu no dia 31 de outubro último aos 73 anos de idade. Depois do derrame cerebral que o cineasta sofrera em agosto, uma parada cárdio-respiratória em 17 de outubro o deixou em estado de coma. A pedido de Giulietta Masina, esposa do diretor há cinqüenta anos e também atriz de muitos de seus filmes, o velório foi realizado no estúdio 5 da Cinecittà, onde Federico Fellini rodou a maioria de seus trabalhos, cuja única peça decorativa do ambiente era uma imagem de um céu muito azul (o mesmo painel de fundo de *Entrevista*) acompanhada pelas trilhas prediletas de seus filmes.

Federico Fellini foi um dos mais prestigiados cineastas de todo o mundo, tanto que virou adjetivo segundo o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nascido em Rimini, uma pequena cidade balneária à beira do mar Adriático, em 20 de janeiro de 1920, Fellini estreou na direção solo com *Abismo de um Sonho*, de 1952, e em 1957 ganhou seu primeiro dos cinco Oscar.

Parece até que o mundo cinematográfico sentiu que perderia uma de suas mais ilustres personalidades: Fellini recebeu uma homenagem especialíssima da Academia de Hollywood e foi a figura mais esperada na noite de entrega do Oscar 1993. Ao subir no palco para receber sua estatueta honorária, Fellini dedicou-a a Giulietta Masina. Além disso, a cidade de Nova York lhe dedicou, no final de outubro, uma mostra especial, "Tutto Fellini", exibindo trinta filmes que dão um panorama completo da obra do diretor. O texto da mostra foi escrito por ninguém menos que Martin Scorsese. Ali, Scorsese declara sua paixão pelo diretor e confessa que *Os Boas Vidas* (1953) influenciou seu trabalho. Mas enfatiza que foi *A Estrada da Vida* (1954) que marcou sua vida. "O filme", escreve, "é uma espécie de resumo de Fellini: lá estão o circo e o porto, as *piazzas* à noite e casamentos ao ar livre, humor e compaixão em um mundo hostil e grotesco, ainda que mágico e cheio de aparições, de surpresas, onde o riso e a melancolia pareciam completamente interligados. Também havia a trilha sonora de Nino Rota, a fotografia em preto e branco de Otello Martelli e, acima de tudo, a memorável atuação de Giulietta Masina como Gelsomina." (publicado no jornal *O Globo* em 28 de outubro)

Com a companheira Giulietta Masina, na época de *A Estrada da Vida* (1954)



À esquerda, em 1960 Fellini recebe o primeiro prêmio Chaplin de Ouro. Acima, cena de *Roma de Fellini*. No destaque abaixo, o gênio aos 9 anos, numa típica pose de álbum de família

FEDERICO FELLINI

Cena de *A Cidade das Mulheres*.

Um grupo de rapazes entra num cinema – ou no quarto para dormir? Impossível saber ao certo. A tela está lá, na parede do fundo da sala. Mas na platéia, no lugar das poltronas, existe uma enorme cama com dois grandes travesseiros e uma ampla coberta. Apaga-se a luz. Satisfeitos, todos batem palmas e se preparam para o filme – ou para o sonho? Deitam-se, cobrem-se, arregalam os olhos.

Cena de *E la Nave Và...*

Duas moças no convés do navio se encantam com a luz do entardecer, o sol cortado ao meio pela linha do horizonte, parte dele ainda no céu, parte dele já dentro do mar. O espectador diante da cena se encanta com outra coisa: com os materiais usados para representar o entardecer, porque eles aparecem mais do que a paisagem representada. Ou seja, quem vê a imagem se dá conta de que as moças estão num estrado de madeira, sobre um tapete de plástico enrugado que cobre o chão, diante de uma parede lisa e alta, metade cinza, metade azul-claro. No pé da parede, bem no centro, um meio disco vermelho-alaranjado. O tapete se mexe, agitado por um mecanismo qualquer, a luz cai mais forte sobre o meio disco no pé da parede. Brilha o falso sol, brilha o plástico enrugado. Nada é como um entardecer de verdade, mas tudo na imagem sugere, critica, sonha, caricatura um entardecer de verdade. E uma das moças no convés comenta que a tarde está tão bonita que até parece de mentira.

Aqui, no espaço entre uma e outra dessas cenas, é que se movimenta o cinema de Federico Fellini: seus filmes reinventam a realidade, tratam de organizá-la como se ela fosse um sonho; partem de dados autobiográficos, de situações que ele viveu ou presenciou, mas ao contar o acontecido mentem, exageram, caricaturam. Seu cinema partiu do neo-realismo italiano, do registro direto e meio documental, para uma outra expressão bem italiana: a fantasia solta da ópera.

Em seus primeiros filmes, a câmera age como observadora atenta de personagens que sonham acordados – como, por exemplo, a jovem esposa de *Abismo de um Sonho*, que na viagem de lua-de-mel sai às escondidas para ver o herói de seus sonhos, o sheik branco das fotonovelas. Ou a sempre de olhos muito abertos Gelsomina de *A Estrada da Vida*, que sonha acordada com um mundo sem violência. Ou, ainda, a ingênua prostituta de *As Noites de Cabíria*, que espera um milagre no dia de sua santa padroeira, um milagre que a faça mudar de vida. Depois, passa, ela mesma, a câmera, a sonhar de olhos abertos: dá vida ao cartaz diante da janela do puritano Dr. Antonio como um pesadelo – Anita Ekberg, seios enormes quase fora do decote, ilustrando a frase "beba mais leite" – em "As Tentações do Dr. Antonio", episódio de *Boccaccio 70*.

Bota o tio louco no alto da árvore gritando "voglio una donna", o avô assustado no meio do nevoeiro, sem ver nada, porque o mundo foi embora, e o jovem Titta quase esmagado nos imensos seios da Gradisca, como em *Amarcord*. Dá vida ao sonho de Guido Anselmi, uma casa feita só de cozinha e quarto de dormir e povoada por todas as mulheres do mundo – a tia, as primas, a professora, a enfermeira, a prostituta, a estrela de cinema, a mãe, a irmã, a esposa, a amante –, como em *Fellini Oito e Meio*. Faz um mar de plástico, reduz o sol a um semicírculo vermelho-alaranjado pintado na parede como em *E la Nave Và...*

"Meus filmes são como um sonho, empregam a linguagem simbólica dos sonhos", disse certa vez. "Gostaria que as pessoas vissem meus filmes sem se deixar cegar pela tentação de compreender: não há nada para se compreender. O inconsciente, nossa zona obscura, alimentada de confusão, de inesperados e de mudanças, amedronta às vezes, mas é um componente extremamente precioso."

London Features

Fox

Acima, o amigo Marcello Mastroianni em *A Doce Vida* e Donald Sutherland em *Casanova de Fellini*

"Nos sonhos, guardamos e recriamos as experiências do cotidiano", disse noutra ocasião, para explicar a cena de *E la Nave Và*... em que dois músicos tocam um fragmento de Schubert passando os dedos nas bordas de copos de cristal cheios de vinho. "Tinha 9 anos, foi num circo em Paris: um palhaço com copos de água e de vinho. Ele começou a beber e a fingir que ia ficando bêbado, que ia embora cambaleando. De repente voltou e começou a tocar com os dedos nas bordas dos copos a música que os dois Rubetti tocam no filme. Revi tudo isso num sonho, resolvi incluir no filme. Dou muita atenção aos sonhos porque eles são, talvez, o primeiro sinal que recebo de um filme. Um indício, uma suspeita de um filme que talvez venha a ser feito. Daí em diante é seguir o longo ritual que prepara um filme para ver se consigo dar forma concreta ao sonho."

Fellini começou a fazer cinema com o neo-realismo, a partir do encontro com Rossellini. Na verdade tudo começou um pouco antes, com uma série de situações cômicas escritas entre 1939 e 1943, notadamente para filmes de Mario Matolli (entre eles: *Lo Vedi Come Sei*, 1939; *Il Pirato Sono Io*, 1940; *L'ultima Carrozzella*, 1943). Ou talvez antes: o cinema começou para ele com o desenho, com as caricaturas de gente de cinema que fazia para jornais e para a revista *Cinemagazzino*. E o que começou com desenho seguiu com desenho: ele continuou a fazer caricaturas como modo de pensar um filme antes de filmá-lo, para anotar o nariz de um personagem, a barriga e o sorriso de um outro.

Quando conheceu Rossellini, em 1944, trabalhava como caricaturista. Tinha uma loja de desenhos, a Bottega della Faccia Buffa/Funny Face Shop, onde fazia desenhos dos soldados americanos, ingleses, canadenses que chegavam a Roma. Um dia, conta (e sua maneira de contar é quase um roteiro de filme), "eu desenhava um soldado chinês quando vi Rossellini aparecer na Bottega e colocar-se às minhas costas. Começou a fazer sinais de aprovação para o chinês, como para antecipar que o retrato estava saindo bem. E ali mesmo, enquanto eu desenhava, sem parar de balançar a cabeça aprovando o desenho, perguntou-me se eu não queria colaborar com ele no roteiro de um filme sobre Don Morosini. O cinema me parecia uma coisa remota, muito longe do alcance de nós, italianos. Cinema, para todo mundo, era Fred Astaire, Gary Cooper, Crawford ou Harlow. Acho que comecei a dizer isso, mas Rossellini continuou bisbilhotando sobre minhas costas e insistindo no convite. Não me lembro como continuou a conversa. Só me lembro que, terminado o desenho, o chinês pulou como um gato sobre o balcão, gritando com uma navalha na mão 'I'm not yellow! I'm not yellow!'. E me lembro de Rossellini tranqüilizando o chinês, 'You no yellow! It's true! You not yellow', do chinês gritando ainda mais forte 'He made me yellow!', e de Rossellini me aconselhando: 'Faz o cara rosa! Não tem aí um pouco de rosa?'. Em suma, por sorte chegaram dois policiais que desarmaram o chinês, e pouco depois estava trabalhando com Rossellini em *Roma, Cidade Aberta*".

Desta primeira colaboração, como roteirista e assistente de direção, seguiram-se outras com Rossellini (*Paisà*, 1946;

Angeli

L'Amore, 1948; *Francisco Arauto de Deus*, 1950; *Europa 51*, 1951). E colaborações como roteirista para Pietro Germi (*Em Nome da Lei*, 1948; *O Caminho da Esperança*, 1950; *A Cidade se Defende*, 1951) e Alberto Lattuada (*O Delito*, 1947; *O Moinho do Pó*, 1949). Com Lattuada escreve e co-realiza *Mulheres e Luzes* (1950) e, dois anos depois, dirige o seu primeiro filme solo, *Abismo de um Sonho*, a partir de um argumento escrito com a colaboração de Tullio Pinelli e Michelangelo Antonioni. Começa então um meticuloso trabalho de engenharia para armar uma ponte que, saindo do neo-realismo – do registro tão verdadeiro quanto possível do fragmento de realidade diante da câmera –, levasse à fantasia tão solta quanto a que provoca nas duas moças, no convés do navio, a exclamação de que o entardecer, de tão belo que estava, até parecia de mentira.

"Nós, cineastas, somos questionados a todo instante, como se fôssemos profetas, políticos ou chefes de uma igreja", disse certa vez para explicar que é impossível explicar como se faz um filme. "Por que desenho os personagens de meus filmes? Por que faço notas gráficas dos rostos, narizes, dos queixos, das gravatas, das sacolas, das roupas e do modo de cruzar as pernas das pessoas que me procuram no escritório? Talvez tudo isso seja um modo de olhar um filme cara a cara, tentar descobrir que tipo de filme é esse que tenho ainda indefinido na cabeça. É uma tentativa de fixar uma coisa qualquer. Não sei. A verdade é que não consigo teorizar os meus vários tiques. Eles formam um ritual que me acompanha em meu trabalho. Rituais são importantes: todos os rituais da existência, o batismo, o casamento, o funeral, a primeira comunhão, o Natal, os diplomas, os aniversários, todos perderam o seu simbolismo. Eles se desgastaram porque foram vividos distraidamente, sem respeito, com pouco tempo e com pouca emoção. O rito e a cerimônia são uma representação, logo uma meditação, um meio menos perigoso de entrar em contato com a realidade, uma espécie de proteção, de armadura. Nada mais estúpido e triste que um ritual vazio. Muitos de meus filmes são sobre o grotesco e o agressivo de um ritual vazio. Todos são precedidos por um longo ritual de preparação."

Desenhos, anotações de sonhos, lembranças mais ou menos imprecisas apanhadas no fundo da memória, delírios, anotações caricatas de pessoas encontradas mais ou menos ao acaso – estes os materiais usados para compor a representação, o ritual, a armadura que permite um melhor contato com a realidade. Quando tudo isso se monta harmoniosamente num filme, se opera então um milagre, comenta Fellini, semelhante ao que ocorre quando os diferentes músicos de uma orquestra se reúnem para fazer música. "Cada um deles chega carregando seu instrumento e carregando também seus problemas pessoais. Cada um com seu mau humor, sua doença, seu rádio de pilha para ouvir o futebol. E, à custa de repetidos ensaios, chega-se a fundir aquela massa heterogênea numa forma única, abstrata mesmo, que é a música. Essa operação de ordenação da desordem sempre provocou em mim uma grande emoção."

Ordenar a desordem, desorganizar a boa ordem. O cinema de Fellini segue mais ou menos este caminho, procura montar numa expressão coerente as muitas sensações que nascem do que ele chamava de "nossa zona obscura" sem submetê-las ao julgamento de "uma espécie de tribunal da racionalidade, onde tendemos a analisar, diagnosticar, compreender o que é indecifrável". Para guardar bem vivos na memória (e poder repetir depois, como o próprio diretor fez um dia, *amarcord* em calabrês ou "eu me recordo") os seus filmes, o melhor talvez seja o espectador montar um filme particular, com uma cena apanhada aqui, outra mais adiante, uma em preto-e-branco, outra em cores: como a Saraghina; os boas-vidas dando uma solene banana para os trabalhadores na estrada, pouco antes do carro enguiçar; as crianças repetindo a palavra mágica Asanisimasa; Ginger e Fred sapateando no estúdio de televisão; Anna Magnani mandando Fellini dormir, que já é tarde em Roma; a Volpina; os músicos da orquestra tocando só para que a aranha pudesse se balançar no teto em sua teia; o cantor que se propõe a hipnotizar uma galinha com sua voz; a funcionária que recebe desinteressada o diretor em Paris e o chama de Bellini; Marcello dormindo no trem para sonhar com a mulher bonita sentada no banco em frente; Marcello sem saber o que fazer com Anitona, que decide mergulhar na fonte de Trevi; e sobretudo aquele pedacinho de *Fellini Oito e Meio* em que Guido Anselmi diz para si mesmo o que gostaria de dizer para todos os seus amigos reunidos: "A vida é uma festa, festejemos todos juntos".

José Carlos Avellar

Gamma

Fellini recebe de Sophia Loren e Marcello Mastroianni o Oscar honorário em março de 1993. Acima, cena de *Entrevista*, seu penúltimo trabalho

Bom Outubro

Esplendorosa a edição de SET nº 10, ano 7. As matérias sobre *O Fugitivo*, *Na Linha de Fogo* e a seção *Mitos* estavam realmente ótimas. Mas uma coisa na seção *Videolançamentos* me deixou intrigado: na Bolsa de Vídeo, o filme *O Circo* é creditado em terceiro lugar, com uma média de 8,5 na opinião dos críticos. Onde foi parar a resenha da fita?
Getro S. R. Guimarães
(Salvador – BA)

Getro, o texto sobre a fita não foi publicado por motivos de espaço e como a Redação reconhece a importância do filme, resolveu colocar na Bolsa de Vídeo como forma de registrar seu lançamento.

A edição de SET nº 10, ano 7, estava totalmente demais! Agradando com certeza a gregos e a troianos.
José Marcos Souza
(União dos Palmares–AL)

Venho por meio desta informar que a edição de SET nº 10, ano 7, está demais. As matérias sobre *O Fugitivo* e *Na Linha de Fogo* e sobre o diretor Howard Hawks, na seção *Mito*, estão no mais alto nível. Obrigado, SET, por voltar a nos dar prazer.
Kleven Barbosa de Jesus
(Cubatão – SP)

Nunca havia comprado a revista SET e não sei porque razão resolvi comprar a edição de *O Fugitivo* (nº 10, ano 7). Gostei muito e a partir de hoje me tornarei um leitor da revista. Gostei das fichas e da seção *Takes*, principalmente pelas novidades. As dicas de vídeo e as filmografias também são muito boas. Aproveito para perguntar se é verdade que George Lucas pretende filmar mais uma seqüência da série *Guerra nas Estrelas* e quais os filmes da trilogia que estão disponíveis em vídeo.
Marcos Marins
(Campinas – SP)

Como você leu nesta edição, George Lucas fará um quarto filme da série Guerra nas Estrelas *e a trilogia já está disponível nas locadoras.*

7 Anos Depois

Antes de mais nada, quero parabenizar o pessoal de SET pelos 7 anos na praça. Parece que foi ontem que surgiu o primeiro exemplar nas bancas. De lá para cá muitas coisas mudaram e, por incrível que pareça, para pior. Eram tão bons aqueles ensaios que ressaltavam o beijo, lenço, chapéu, cigarro e outras coisas interessantes que fazem a história cinematográfica, como as motos ou os rebeldes sem causa mais recentemente. Não quero de maneira alguma parecer saudosista, só gostaria de que as boas coisas do passado pudessem perfeitamente se encaixar com as novas, já que SET mudou muito em termos de visual (está mais moderna e mais americanizada), dando mais espaço para os jovens artistas, e a seção *Videolançamentos* está muito bem organizada e bonita. Só que isso não é tudo. Meu Deus! Quando olho para a SET nos dias de hoje sinto que esta não é mais a minha revista de cinema favorita. Eu sei o quanto é desagradável receber críticas, mas como leitora tenho que fazê-las. Fico feliz em saber que a revista se esforça para agradar aos leitores, mas nem todos estão satisfeitos porque os críticos são chatos, as matérias nem sempre são boas, além do mais ficam batendo sempre nas mesmas teclas, vide aquelas mil matérias com a canastrona da Sharon Stone. Foi lamentável, por exemplo, o pouco espaço dado por SET, na edição nº 10, ano 7, ao filme *Muito Barulho por Nada*, de Kenneth Branagh. O filme merecia uma matéria mais consistente, mas foi esmagado em meia página. Resumindo tudo: espero que SET não cresça somente no preço, mas sim no conteúdo, na qualidade das matérias, na variedade de assuntos, na qualidade do papel, na quantidade de páginas e na eficiência.
Lindalva P. dos Santos
(São Vicente – SP)

Ultimamente SET nada lembra os gloriosos anos 1 a 4 de suas edições, onde cada página era uma preciosidade para seus leitores, os verdadeiros amantes da sétima arte. Apela para os meios mais fáceis de venda: fotos de belos atores (Tom Cruise, Demi Moore etc.), páginas inteiras com fotos de atrizes e artigos que falam mais sobre particularidades dos atores ou diretores do que propriamente sobre o filme (digam apenas se o filme é bom ou ruim). Para implantar tudo isso acima descrito – uma revista sem consistência, dirigida a leitores imbecilóides –, vocês sacrificaram ou resumiram seções sagradas para os leitores de cabeça mais arejada. Voltem com: *Filmoteca* (uma pérola), *Tempos Modernos*, falem mais sobre filmes antigos, não sobre essa pasmaceira atual que é o cinema hollywoodiano. Finalmente, botem na cabeça que há leitor assim e leitor assado, agradem aos gregos e aos troianos, não somente aos imbecilóides mas também um pouco aos "mais arejados".
Eduardo Freitas
(Brejo – MA)

Tom Cruise Como Lestat?

Em SET nº 9, ano 7, na matéria com Tom Cruise, ficamos sabendo que o ator interpretará Lestat, o vampiro sexy do livro *Entrevista com o Vampiro*, de Anne Rice. Apesar de Tom ser belíssimo e ter provado que é bom ator, concordamos com os fãs americanos do vampiro que não aprovaram a sua escolha para o papel. Para nós, Lestat só pode ser Brad Pitt, ao menos ele se parece fisicamente com o personagem. Há alguma possibilidade ou a escolha de Tom Cruise é definitiva?
Viviane e Francine Araujo, Andreza Policeno
(Curitiba – PR)

River Phoenix – Homenagem dos Leitores

River Phoenix, um dos maiores ídolos da geração 90, vai deixar para sempre a lembrança de seu amor pelas artes, pela natureza e à própria vida. Como eu, milhares de jovens do mundo inteiro choram sua morte e sentiremos falta de seus personagens.
Renata de Sant'Anna Monteiro
(Rio de Janeiro – RJ)

Lamentável a morte do ator River Phoenix, o mais promissor de Hollywood. Confesso que estava torcendo para que ele se desse bem. Pena que sua carreira foi interrompida de forma tão absurda. Que Phoenix hoje seja tão imortal quanto James Dean, Elvis Presley, Marilyn Monroe e Jim Morrison.
Lindalva dos Santos
(São Paulo – SP)

Com River Phoenix descobri a magia do cinema. *Conta Comigo* me conduziu encantada à SET e a filmes maravilhosos. Infelizmente, a realidade é mais forte do que qualquer magia.
Ivana de Souza
(Natal – RN)

Profundamente lamentável a morte do ator River Phoenix, especialmente pelo fato de haver suspeita de overdose de cocaína. Justamente ele que era vegetariano, defensor da natureza, enfim "politicamente correto" como declarou Erika Palomino na matéria publicada em SET de outubro de 1992.
Vivíane de Araújo
(Curitiba – PR)

Correio entre Leitores

Compro as seguintes edições de SET, com as respectivas fichas de cine & vídeo: ano 1 nºs 2, 3, 5, 7, 10, 11 e 12; ano 2 nºs de 1 a 12, exceto 10; ano 3 nºs 1, 2 e 4.
Maria Dorotéia Costa Sobral
Rua Maragogipe, 143, apto 101, Rio Vermelho – CEP 41940-240
(Salvador – BA)

Quero entrar em contato com alguém que tenha o filme *Taxi Driver* (mesmo que seja a horrível versão dublada) para vender, assim como outros com Jodie Foster.
Amanda N. Santos
Praça Conde Prados, 118/108, Centro – CEP 36200-000
(Barbacena – MG)

Sou fã da série *Jornada nas Estrelas* e desejo me corresponder com leitores que gostem tanto quanto eu. Também compro ou troco material sobre a série.
Alina S. Paes Landin
Rua Juqueri, 34, Santa Ifigênia – CEP 26285-780
(Nova Iguaçu – RJ)

Errata

Na seção *Videolançamentos* edição nº 11, ano 10, a rubrica de inédito no cinema deveria estar em *Gun Crazy – Howard & Anita, Jovens Amantes* e não em *Os Saqueadores*. O nome correto da atriz de *Prisioneiro do Ódio* é Rae Dawn Chong.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenadora de Produção: Sueli Murakami
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Correspondentes (Los Angeles): José Emilio Rondeau, André Barcinski
Colaboradores - Texto: Adilson Laranjeira, Alex Antunes, Alexandre Nagado, Alfredo Sternheim, Carlos Eduardo Miranda, César Garcia Lima, David França Mendes, Francisco Costa, José Carlos Avellar, José Eduardo Mendonça, Luiz Carlos Merten, Marcos Smirkoff, Marcel Plasse, Walter de Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Renata Borges. **Ilustrações:** Eli Sumida

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592,** edição 78, Dezembro de 1993. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro**: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo.Com sua assinatura,seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP.

ANER **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

Fotolito: Post Script Artes Gráficas, Fotoline Ltda, Birô de Processamento de Texto e Imagem Ltda.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

FILMOGRAFIA

FEDERICO FELLINI

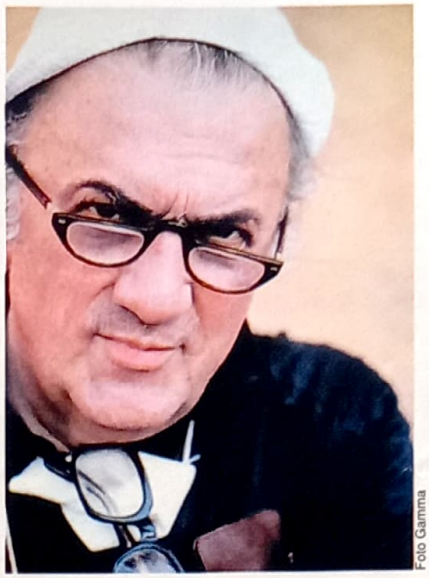


Foto Gamma

Como roteirista: 1939: LOVEDICOMESOI...LO VEDI COME SEI?! (de Mario Matolli) ■ 1940: IL PIRATA SONO IO! (de Mario Matolli); NON ME DIRE! ■ 1941: DOCUMENTO Z 3 ■ 1942: AVANTI C'È POSTO (de M. Bonnard) ■ 1943: APPARIZIONE; CAMPO DEFIORI;CHIL'HAVISTO?; L'ULTIMA CARROZZELLA (de Mario Matolli) ■ 1945: RO-MA, CIDADE ABERTA* (*Roma, Città Aperta*, de Roberto Rossellini) ■ 1946: PAISÀ (de Roberto Rossellini) ■ 1947: FUMERIA D'OPPIO; O DELITO (*Il Delitto di Giovanni Episcopo*, de Alberto Lattuada); IL PASSATORE (de Duilio Coletti); SEM PIEDADE (*Senza Pietà*, de Alberto Lattuada) ■ 1948: L'EBREO ERRANTE (de Goffredo Alessandrini); LA CITTÀ DOLENTE; L'AMORE (de Roberto Rossellini); EM NOME DA LEI (*In Nome delle Legge*, de Pietro Germi) ■ 1949: O MOINHO DO PÓ (*Il Mulino del Po*, de Alberto Lattuada) ■ 1950: O CAMINHO DA ESPERANÇA (*Il Camminodella Speranza*, de Pietro Germi); FRANCISCO, ARAUTO DE DEUS (*Francesco Giullare di Dio*, de Roberto Ros-sellini); JANELAS FECHADAS (*Persiane Chiuse*, de Luigi Comencini) ■ 1951: A CIDADE SE DEFENDE (*La Città si Difendi*, de Pietro Germi); CAMERIERA BELLA PRESENZA OFFRESI; EUROPA 51 (de Roberto Rossellini) ■ 1952: O BANDOLEIRO DA COVA DO LOBO (*Il Brigante di Tacca del Lupo*, de Pietro Germi) ■ 1957: FORTUNELLA (de Eduardo De Filippo)

Como diretor: 1950: MULHERES E LUZES (*Luci del Varietà*, co-direção de Alberto Lattuada) ■ 1952: ABISMO DE UM SONHO (*Lo Sceicco*

VINCENT PRICE

Como ator: 1938: SERVICE DE LUXE (de Rowland V. Lee) ■ 1939: MEU REINO POR UM AMOR (*The Private Lives of Elizabeth and Essex*, de Michael Curtiz); A TORRE DE LONDRES (*The Tower of London*, de Rowland V. Lee) ■ 1940: O FILHO DOS DEUSES (*Brigham Young, Frontiersman*, de Henry Hathaway); O INFERNO VERDE (*Green Hell*, de James Whale); THE HOUSE OF THE SEVEN GABLES (de Joe May); O RENEGADO (*Hudson's Bay*, de Irving Pichel); THE INVISIBLE MAN RETURNS (de Joe May) ■ 1943: A CANÇÃO DE BERNADETTE (*The Song of Bernadette*, de Henry King) ■ 1944: A VÉSPERA DE SÃO MARCOS (*The Eve of St. Mark*, de John M. Stahl); LAURA (de Otto Preminger); WILSON (de Henry King); AS CHAVES DO REINO (*The Keys of the Kingdom*, de John M. Stahl) ■ 1945: AMAR FOI MINHA RUÍNA (*Leave Her to Heaven*, de John M. Stahl); CZARINA (*A Royal Scandal*, de Otto Preminger) ■ 1946: O SOLAR DE DRAGONWYCK (*Dragonwyck*, de Joseph L. Mankiewicz); CHOQUE (*Shock*, de Alfred Werker) ■ 1947: NOITE ETERNA (*The Long Night*, de Anatole Litvak); ROSAS TRÁGICAS (*Moss Rose*, de Gregory Ratoff); UMA AVENTURA ARRISCADA (*The Web*, de Michael Gordon) ■ 1948: LEGIÃO SINISTRA (*Rogue's Regiment*, de Robert Florey); OS TRÊS MOSQUETEIROS (*The Three Musketeers*, de George Sidney); UP IN CENTRAL PARK (de William A. Seiter) ■ 1949: BAGDAD (de Charles Lamont); LÁBIOS QUE ESCRAVIZAM (*The Bribe*, de Robert Z. Leonard) ■ 1950: O BARÃO AVENTUREIRO (*The Baron of Arizona*, de Samuel Fuller); CHAMPAGNE FOR CAESAR (de Richard Whorf); CURTAIN CALL AT CACTUS CREEK (de Charles Lamont) ■ 1951: ADVENTURES OF CAPTAIN FABIAN (de William Marshall); SEU TIPO DE MULHER (*His Kind of Woman*, de John Farrow) ■ 1952: O CAMINHO DO PECADO (*The Las Vegas Story*, de Robert Stevenson) ■ 1953: MUSEU DE CERA (*House of Wax*, de André De Toth) ■ 1954: DANGEROUS MISSION (de Louis King); A MÁSCARA DO MÁGICO (*The Mad Magician*, de John Brahm); CASANOVA'S BIG NIGHT (de Norman Z. McLeod) ■ 1955: SERENATA (*Serenade*, de Anthony Mann); O FILHO DE SIMBAD (*Son of Sinbad* ou *Nights in a Harem*, de Ted Tetzlaff) ■ 1956: OS DEZ MANDAMENTOS* (*The Ten Commandments*, de Cecil B. De Mille); NO SILÊNCIO DE UMA CIDADE (*While the City Sleeps*, de Fritz Lang) ■ 1957: THE STORY OF MANKIND (de Irwin Allen) ■ 1958: A MOSCA DA CABEÇA BRANCA (*The Fly*, de Kurt Neumann); A CASA DOS MAUS ESPÍRITOS (*House on Haunted Hill*, de William Castle) ■ 1959: THE BAT (de Crane Wilbur); O GRANDE CIRCO (*The Big Circus*, de Joseph Newman); RETURN OF THE FLY (de Edward L. Bernds); FORÇA DIABÓLICA (*The Tingler*, de William Castle) ■ 1960: O SOLAR MALDITO (*House of Usher*, de Roger Corman) ■ 1961: ROBUR, O CONQUISTADOR DO MUNDO* (*Master of the World*, de William Witney); A MANSÃO DO TERROR (*The Pit and the Pendulum*, de Roger Corman) ■ 1962: VÍCIO QUE MATA (*Confessions of an Opium Eater*, de Albert Zugsmith); CONVICTS FOUR (de Millard Kaufman); QUEEN OF THE NILE (de Fernando Cerchio); THE RAGES OF THE BUCCANEERS (de Mario Costa); MURALHAS DO PAVOR* (*Tales of Terror*, de Roger Corman); A TORRE DE LONDRES (*Tower of London*, de Roger Corman) ■ 1963: A PRAIA DOS AMORES (*Beach Party*, de William Asher); DIÁRIO DE UM LOUCO (*Diary of a Madman*, de Reginald Le Borg); O CASTELO

** disponível em vídeo*

Bianco) ■ 1953: OS BOAS-VIDAS* (*I Vitelloni*); L'AMORE IN CITTÀ (episódio "Un Agenzia Matrimoniale") ■ 1954: A ESTRADA DA VIDA (*La Strada*) ■ 1955: A TRAPAÇA* (*Il Bidone*) ■ 1957: AS NOITES DE CABÍRIA* (*Le Notti di Cabiria*) ■ 1960: A DOCE VIDA* (*La Dolce Vita*) ■ 1962: BOCCACCIO 70 (episódio "As Tentações do Dr. Antonio") ■ 1963: FELLINI OITO E MEIO (*Otto e Mezzo*) ■ 1965: JULIETA DOS ESPÍRITOS (*Giulietta degli Spiriti*) ■ 1968: HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS (*Histoires Extraordinaires*, episódio "Tre Passe nel Delirio"); BLOCK-NOTES DI UN REGISTA (para a TV) ■ 1969: FELLINI SATYRICON* ■ 1970: I CLOWNS (para a TV) ■ 1972: ROMA DE FELLINI (*Roma*) ■ 1973: AMARCORD* ■ 1976: CASANOVA DE FELLINI (*Il Casanova di Federico Fellini*) ■ 1979: ENSAIO DE ORQUESTRA* (*Prova d'Orchestra*, para a TV) ■ 1980: CIDADE DAS MULHERES* (*La Città delle Donne*) ■ 1983: E LA NAVE VÀ ■ 1985: GINGER & FRED* ■ 1987: ENTREVISTA* (*Federico Fellini Intervista*) ■ 1990: A VOZ DA LUA* (*La Voce de la Luna*)

Como ator: 1948: L'AMORE (no episódio "Il Miracolo", de Roberto Rossellini) ■ 1970: CIAO, FEDERICO; I CLOWNS; UM DOIDO GENIAL (*Alex in Wonderland*, de Paul Mazursky) ■ 1974: NÓS QUE NOS AMÁVAMOS TANTO (*C'eravamo Tanto Amati*, de Ettore Scola) ■ 1983: IL TASSINARO

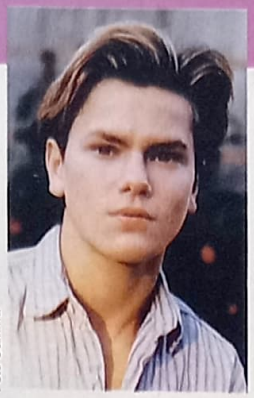


Foto Gamma

RIVER PHOENIX

1985: VIAGEM AO MUNDO DOS SONHOS* (*Explorers*, de Joe Dante) ■ 1986: CONTA COMIGO* (*Stand by Me*, de Rob Reiner); THE MOSQUITO COAST* (de Peter Weir) ■ 1988: UMA NOITE NA VIDA DE JIMMY REARDON* (*A Night in the Life of Jimmy Reardon*, de William Richert); ESPIÕES SEM ROSTO* (*Little Nikita*, de Richard Benjamin); O PESO DE UM PASSADO* (*Running on Empty*, de Sidney Lumet) ■ 1989: INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA* (*Indiana Jones and the Last Crusade*, de Steven Spielberg) ■ 1990: TE AMAREI ATÉ TE MATAR* (*I Love You to Death*, de Lawrence Kasdan) ■ 1991: APOSTANDO NO AMOR* (*Dogfight*, de Nancy Savoca); GAROTOS DE PROGRAMA* (*My Own Private Idaho*, de Gus Van Sant) ■ 1992: QUEBRA DE SIGILO* (*Sneakers*, de Phil Aden Robinson) ■ 1993: SILENT TONGUE (de Sam Shepard); THE THING CALLED LOVE (de Peter Bogdanovich); DARK BLOOD (de George Sluizer, cancelado)

ASSOMBRADO* (*The Haunted Palace*, de Roger Corman); O CORVO (*The Raven*, de Roger Corman); NOS DOMÍNIOS DO TERROR (*Twice Told Tales*, de Sidney Salkow) ■ 1964: FARSA TRÁGICA* (*The Comedy of Terrors*, de Jacques Tourneur); MORTOS QUE MATAM (*The Last Man on Earth*, de Sidney Salkow); A ORGIA DA MORTE (*The Masque of the Red Death*, de Roger Corman) ■ 1965: A MÁQUINA DE FAZER BIQUÍNIS (*Dr. Goldfoot and the Bikini Machine*, de Norman Taurog); O TÚMULO SINISTRO (*The Tomb of Ligeia*, de Roger Corman); MONSTROS DA CIDADE SUBMARINA (*War Gods of the Deep* ou *The City Under the Sea*, de Jacques Tourneur) ■ 1966: BONECAS EXPLOSIVAS (*Dr. Goldfoot and the Girl Bombs*, de Mario Bava) ■ 1967: OS CHACAIS (*The Jackals*, de Robert D. Webb); HOUSE OF 1.000 DOLLS (de Jeremy Summers) ■ 1968: THE WITCHFINDER GENERAL (ou *The Conqueror Worm*, de Michael Reeves) ■ 1969: MORE DEAD THAN ALIVE (de Robert Sparr); THE OBLONG BOX (de Gordon Hessler); THE TROUBLE WITH GIRLS (de Peter Tewksbury) ■ 1970: CRY OF THE BANSHEE (de Gordon Hessler); GRITE, GRITE OUTRA VEZ* (*Scream and Scream Again*, de Gordon Hessler) ■ 1971: WHAT'S A NICE GIRL LIKE YOU...? (de Jerry Paris, para a TV); O ABOMINÁVEL DR. PHIBES* (*The Abominable Dr. Phibes*, de Robert Fuest) ■ 1972: A CÂMARA DE HORRORES DO ABOMINÁVEL DR. PHIBES* (*Dr. Phibes Rises Again*, de Robert Fuest) ■ 1973: AS SETE MÁSCARAS DA MORTE (*Theatre of Blood*, de Douglas Hickox) ■ 1974: APÓS O TRANSPLANTE, O SUPER-HOMEM (*Percy's Progress* ou *It's Not the Size That Counts*, de Ralph Thomas); A CASA DO TERROR* (*Madhouse*, de Jim Clark) ■ 1975: JORNADA DO PAVOR* (*Journey Into Fear*, de Daniel Mann) ■ 1979: SCAVENGER HUNT (de Michael Schultz) ■ 1981: CLUBE DOS MONSTROS* (*The Monster Club*, de Roy Ward Baker) ■ 1984: A MANSÃO DA MEIA-NOITE* (*House of the Long Shadows*, de Pete Walker) ■ 1985: ESCAPES* (*Escapes*, de David Steensland); BANHO DE SANGUE NA CASA DA MORTE* (*Bloodbath at the House of Death*, de Ray Cameron) ■ 1986: DO SUSSURRO AO GRITO* (*From a Whisper to a Scream* ou *The Offspring*, de Jeff Burr) ■ 1987: BALEIAS DE AGOSTO* (*The Whales of August*, de Lindsay Anderson) ■ 1988: POLICIAIS EM APUROS* (*Dead Heat*, de Mark Goldblatt) ■ 1989: ATRAÍDA PELO PERIGO* (*Backtrack* ou *Catchfire*, de Dennis Hopper, para a TV acabo) ■ 1990: EDWARD MÃOS DE TESOURA* (*Edward Scissorhands*, de Tim Burton)

Voz: 1948: ABBOTT AND COSTELLO MEET FRANKENSTEIN (de Charles Barton) ■ 1986: O RATINHO DETETIVE (*The Great Mouse Detective*, de John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burry Mattinson)

Narração: 1956: O REI VAGABUNDO (*The Vagabond King*, de Michael Curtiz) ■ 1968: HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS (*Histoires Extraordinaires*, de Roger Vadim, Louis Malle e Federico Fellini) ■ 1983: "Thriller" (videoclip de Michael Jackson)

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

SET

AO MESTRE, COM CARINHO

Federico Fellini dirige Anita Ekberg em *Boccaccio 70* (1962)

GOLDSTAR É

FIDELIDADE E NITIDEZ

PARA VIBRAR JOGADA A JOGADA COM A MÁXIMA NITIDEZ E FIDELIDADE QUE NENHUM OUTRO SISTEMA DE VÍDEO CONSEGUIU REPRODUZIR.

Televisor CP-20A80 em cores de 20 polegadas multisistema com controle:

- Sistema PAL- M/ PAL-N / NTSC
- Controle automático da imagem (APC)
- Timer para ligar e desligar
- CATV 125 autovoltagem:
  100 / 240 V 50 / 60 Hz

Videocassete VHS R-G41B

- 4 Cabeçotes, Binorma PAL-M / NTSC
- Limpeza automática dos cabeçotes
- Mecanismo de rápida resposta
- Freqüência sintetizada compatível com CATV auto programável e busca multicanal.
- Menu em português e inglês
- Voltagem dual

GoldStar

CRIAMOS PARA VOCÊ.

DISTRIBUIDORES

LASER IMPORT, S.A. Endereço: Guido Spano 2565 • Rua Gumercindo Sosa • Telefone: 606-512 • Fax: 606-514 • Asunção do Paraguai.
LASER IMPORT, S.A. Endereço: Carlos A. López No. 229 • Adrian Jara • Telefone: 622 22 ou 61184 • Fax: 061-63614 • Cidade del Este, Paraguai.
UNITROTEC Ltda. Rua Santa Ifigenia, 312-CEP1207 • Telefone: 222-3838 ou 223-1899 • Fax: 221-5833 • Sao Paulo

MICHELLE PFEIFFER

Indicada para o Oscar© de Melhor Atriz e Globo de Ouro • Melhor Atriz no Festival de Berlim

JANEIRO, NAS LOCADORAS

Sua vida começou quando seu mundo foi destruído.

AS BARREIRAS DO AMOR

"LOVE FIELD"

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

LK-TEL VIDEO

COPYRIGHT © 1992 ORION PICTURES CORPORATION